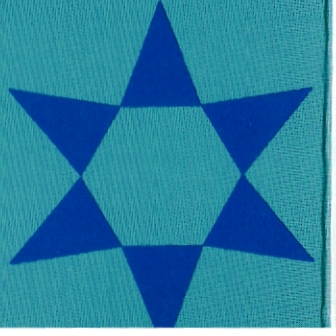
SÉRGIO OLIVEIRA

O CRISTIANISMO EM XEQUE

CNPH

PRÊMIO
REVISÃO HISTÓRICA
1996



CRISTIANISMO EM XEQUE SÉRGIO OLIVEIRA

A LISTA DA REVISÃO

1- HOLOCAUSTO JUDEU OU ALEMÃO? S. E. Castan
2- HOLOCAUSTO JUDIO O ALEMAN ? S. E. Castan
3- HOLOCAUST JEWISH OR GERMAN ? S. E. Castan
4- HOLOCAUST DER JUDEN ODER DER DEUTSCHEN?
5- ACABOU O GÁS-FIM DE UM MITO S. E. Castan
6- S.O.S. PARA ALEMANHA
7- A IMPLOSÃO DA MENTIRA DO SÉCULO S. E. Castan
8- DOS JUDEUS E SUAS MENTIRAS
9- AUSCHWITZ E O SILÊNCIO DE HEIDEGGER
10-A HISTÓRIA DO LIVRO MAIS PERSEGUIDO DO BRASIL
11-O MASSACRE DE KATIN
12-HITLER-CULPADO OU INOCENTE ?
13-SIONISMO X REVISIONISMO
14-A FACE OCULTA DE SACRAMENTO
15-OS CONQUISTADORES DO MUNDO
16-QUEM ESCREVEU O DIÁRIO DE ANNE FRANK ?
17-CARTA AO PAPA
18-CONDENADO À MORTE AOS 24 ANOS
19-O JUDEU INTERNACIONAL
20-BRASIL, COLONIA DE BANQUEIROS
21-OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DO SIÃO
22-HISTÓRIA SECRETA DO BRASIL
23-COMPLÔ CONTRA A IGREJA
24-BRASIL SEMPRE M. P. Giordani
25-TEBAS O PEQUENO CAMPEADOR M. P. Giordani
26-SAPO GAITEIRO E O BUGIU DOMADOR M. P. Giordani

A LISTA DA REVISÃO
(Continuação)

Apresentamos 4 Obras Premiadas pelo C.N.P.H. (Centro Nacional de Pesquisas Históricas) em 1.996.

27-GETÚLIO VARGAS DEPÕE : O Brasil na II G M - Sérgio Oliveira
Prêmio Nacional de Pesquisa Histórica

28-O ELO SECRETO da Economia e da Politica com a Religião e o Ocultismo, de Hélio J Oliveira
Prêmio Nacional de Pesquisa Histórica

29-O CRISTIANISMO EM XEQUE, de Sérgio Oliveira.
Prêmio Revisão Histórica

30-ERAM INOCENTES - Depõe os Defensores de Nurenberg, de C. W. Porter.
Prêmio Revisionismo Internacional

ATENÇÃO : ***As presentes obras destinam-se a estudos/pesquisas em geral e como contribuição p/ a ampliação e aperfeiçoamento do cidadão brasileiro sobre História e Política.***

REVISÃO - Editora e Livraria
Cx. Postal 10466 Cep 90.001-970
Fone/Fax 051-223.1643
PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

O CRISTIANISMO EM XEQUE

VATICANO
JUDAISMO
CRISTIANISMO
MAÇONARIA NA IGREJA
COMUNISMO
REVISIONISMO
ANTI-PAPAS e ANTI-CRISTO
CONCILIOS CATÓLICOS
INFILTRAÇÕES
ANTIGO E NOVO TESTAMENTO
INQUISIÇÃO - CRISTÃOS NOVOS
II GUERRA MUNDIAL
NOVA ERA - ECUMENISMO
REVELAÇÕES INÉDITAS

REVISÃO EDITORA LTDA.
Rua Voltaire Pires, 300 - Conj. 2
Caixa Postal, 10.466 - Cep 90001-970
Fone/Fax: (051) 223-1643 - Porto Alegre - RS - Brasil

ISBN 85-7246-013-6
9 788572 460132

SÉRGIO OLIVEIRA

O CRISTIANISMO EM XEQUE

Tradição e Nacionalismo

– CONFERINDO E DIVULGANDO A HISTÓRIA –

Capa: Joana Adelina
Outubro de 1996
© SÉRGIO OLIVEIRA
Militar, pesquisador da História
Autor dos livros:
* O Massacre de Katyn
* Hitler - Culpado ou Inocente?
* Sionismo x Revisionismo
* A Face Oculta de Sacramento
* GETÚLIO VARGAS DEPÕE: O Brasil na II Guerra Mundial. (Prêmio Nacional de Pesquisa Histórica de 1996)
* O CRISTIANISMO EM XEQUE (Prêmio Revisão Histórica - 1996)

OLIVEIRA, Sérgio

O CRISTIANISMO EM XEQUE
Revisão Editora e Livraria Ltda.
Porto Alegre, RS, Brasil, 1996

166 páginas 16x23 cm

I S B N 85-7246-013-6

1. Vaticano 2. Judaísmo 3. Maçonaria
4. Inquisição 5. Nova Era 6. II Guerra Mundial.

262–262.5–296

Dedicatória

Dedico este trabalho àqueles que marcaram mais profundamente meus sentimentos cristãos:
— À Sua Santidade, o Papa Pio XII, o inesquecível Cardeal Eugênio Pacelli, o grande líder que marcou minha juventude;
— Aos padres Jacó e Luís, a quem tive o prazer de assessorar, muitas vezes, como sacristão, quando interno no Colégio das irmãs franciscanas, em Canguçu;
— Às madres Leoa e Gisele e às irmãs Arcângela, Corália e Valtrudes, do Colégio Nossa Senhora Aparecida, que me iniciaram na Fé e na moral cristã;
— Aos irmãos Bernardino, Feliciano, Daniel e Otto Ruedell (Chiquinho), que não apenas consolidaram meus fundamentos religiosos, mas ampliaram sobremaneira, os horizontes do conhecimento laico, quando cursei o Colégio Gonzaga.

Pelotas, outubro de 1996

Sérgio Oliveira

" Sem disparar um só tiro, o sionismo está levando a cabo o antigo propósito talmúdico de destruir a Igreja Católica e estabelecer um Governo Mundial Judaico."

(Revista **"The Cross and the Flag"**, nº 3, Vol. 23, junho de 1964, Los Angeles, Califórinia — USA.)

"No dia em que a Sagrada Congregação que vigia a Fé se desvie de seus propósitos, ruirá a fortaleza da Igreja. Será este o momento do assalto perpetrado pela quinta coluna infiltrada em seu próprio seio."

(Cardeal Eugênio Pacelli — Pio XII)

João Paulo II: mal-estar e missa interrompida

16 de agosto de 1996

CORREIO DO POVO

Saúde do Papa volta a assustar o mundo

Roma — O Vaticano insiste em dizer que o papa está bem, ainda que muito cansado, mesmo depois dos 20 dias de férias que pareciam tê-lo revigorado. Ao meio-dia de ontem, João Paulo II foi pontual no encontro com fiéis e turistas. Da pequena sacada do palácio pontífico de Castelgandolfo, a 25 quilômetros de Roma, leu com voz trêmula a mensagem de boas férias aos italianos. A sua saúde voltou a preocupar o mundo depois da notícia de que teve que se submeter a um controle radiológico na terça-feira.

Sumário

INTRODUÇÃO / 9
I — REVISÃO DE LITERATURA / 11
II — REFLEXÕES SOBRE O PRÓXIMO CONCLAVE / 31
III — REVISANDO A HISTÓRIA / 46
IV — JUDAÍSMO X CRISTIANISMO / 76
V — O "CAVALO DE TRÓIA" / 85
VI — SIMILARIDADES / 116
CONCLUSÃO / 128
BIBLIOGRAFIA / 133
ANEXOS / 137

Introdução

Não há mais tempo e espaço para que os católicos continuem ignorando a grande conspiração que, contra a sua Igreja e contra o mundo livre, tramam, na atualidade, os seus tradicionais inimigos. Encontra-se em pleno desenvolvimento um plano diabólico com o objetivo de transformar o catolicismo num instrumento cego, a serviço daqueles que, contrariando e desafiando os ensinamentos de Cristo, tramam, desde os tempos mais remotos, o domínio dos povos.

Estratégias ardilosas, tramas satânicas, domínio da imprensa, pressões contra os opositores, conquista de adesões, manipulação das leis, suborno, agressões físicas e morais, difusão de ideologias utópicas, são, dentre outros, os procedimentos postos em prática pelos conquistadores do mundo.

Interpretando o Antigo Testamento a sua maneira, renegando o Novo Testamento, e, em conseqüência, a Jesus Cristo, o "povo eleito bíblico" arvorou-se a uma condição de super-raça, de super-religião, com plenos poderes celestiais para dominar os demais povos, escravizando-os e explorando-os com o alegado "aval de Deus".

Desde os primórdios do Cristianismo que, segundo eles, lhe "roubou" os livros sagrados, a doutrina e, em conseqüência, os instrumentos de dominação transcendental, urge destruir esse ramo impúrio do judaísmo, sob pena de não se concretizarem as previsões do Torah. Como se irão concretizar as previsões bíblicas de dominação, se Jesus Cristo, contrariando as Escrituras Sagradas, assegurou a igualdade entre todos os homens, independentemente de raça ou quaisquer outros caracteres discriminadores?

O objetivo desta obra é lançar um grito de alerta aos cristãos, e especialmente aos católicos, acerca do estágio em que se encontra o plano de dominação urdido pela inteligentzia judaica, para que se dêem conta dos graves perigos que ameaçam atualmente não só a Igreja Católica, mas a cristandade e o mundo livre em geral.

Encontra-se em pleno andamento e prestes a consumar-se a mais perversa conspiração que já se urdiu contra a Igreja e o Cristianismo em todos os tempos.

Atacando em várias frentes e utilizando instrumentos de grande eficácia, como a mídia, os inimigos da Igreja de Cristo estão muito pró-

ximos de alcançar o seu intento. Agentes dotados de grande sagacidade infiltraram-se na cúpula temporal do catolicismo, tramando a eleição de um anti-papa. Organizações semeadoras da cizânia, da desagregação, da heresia, das práticas satânicas, como o movimento Nova Era, encarregam-se, afanosamente, de destruir-lhe as bases.

Inúmeras vozes têm procurado denunciar o que está ocorrendo no interior do Vaticano, sem que providência alguma seja tomada. Muito pelo contrário, contra essas vozes a ordem que promana da sede temporal da Igraja Católica é para que se calem. Para que se guarde silêncio, para que se submetam como inocentes cordeiros à imolação que está por vir.

Das altas esferas da Igreja — afirma o padre Isaías Maria de la Santa Faz ("**La Gran Señal Apocalíptica**" , p. 5) — "os católicos sempre receberam a palavra correta, emanada do Espírito Santo; jamais poderiam imaginar que dali pudesse vir nada menos que a corrupção". Pois é o que se percebe com o máximo de clareza. João Paulo II, dando continuidade à obra destrutiva contra o passado da Igreja, iniciada pelo cardeal Villot, renega Encíclicas, Concílios e atos praticados por um grande número de santos canonizados por muitos de seus eminentes antecessores. Mais do que isso: tal como ocorreu em passado distante (1130 — 1143), quando Anacleto II e Victor IV usurparam o Trono de São Pedro, colabora para a coroação de um antipapa, que aliás se constitui no fim último de um plano satânico que acompanha por quase 2 mil anos a história do Cristianismo.

Há de parecer ao leitor desavizado que o exposto neste intróito não passa de preocupação exagerada e de pouco fundamento. Talvez mesmo catalogue tudo o que se disse e vai dizer, ainda que com apoio de vasto material bibliográfico, no rol dos sonhos de lunáticos. Não importa. A intenção do autor é despertar consciências e concitar à reflexão crítica. É possível que este intento não seja atingido ao final da leitura. Pode ocorrer que a maioria dos leitores continue convicta de que não há motivo para receios. Mas, não está descartado de acontecer que alguns, depois de analisar criticamente o que se vai expor, acabe despertando para a terrível realidade da hora presente.

Este libelo não se volta contra a Igreja. Seu destino é um só: denunciar o grande inimigo da Igreja e os meios e instituições de que se vale para destruí-la.

I — Revisão de Literatura

Para aqueles que se aprofundaram um pouco mais nos estudos da teologia este intróito se faz desnecessário. Certamente o Talmud, o Torah, o Novo Testamento, a Cabala, o movimento "Nova Era" e os Protocolos dos Sábios de Sião fazem parte de seu cabedal de conhecimentos.

Por outro lado, a maioria das pessoas talvez tenha um conhecimento não mais do que perfunctório sobre tais obras e/ou instituições.

Como serão citadas freqüentemente no curso da exposição que se pretende fazer, é imprescindível uma prévia apresentação do conteúdo ou da doutrina nelas contidos.

Pode-se esclarecer de antemão que o Novo Testamento é o ingrediente que não se mistura com os demais. É a antítese de cada um deles e do conjunto homogêneo de idéias que traduzem. Embora o Torah corresponda aos primeiros cinco livros da Bíblia Sagrada (Antigo Testamento), o Cristianismo, ao interpretar o Pentateuco, retira deles ensinamentos em que estão filtrados o ódio racial, a pretensa superioridade étnica (segundo a qual haveria um único "povo eleito", sendo os demais abominados pelo Criador), enfim, o caráter muito mais nacionalista do que religioso contido, explícita ou implicitamente, nas obras que compõem o Torah ou Pentateuco.

Em razão do exposto, não é errôneo afirmar que o Torah e o Pentateuco se igualam na forma, mas se diferenciam na essência. O leitor irá constatar, adiante, como o racismo, a ambição de poder, o descaso para com as demais raças (que não a hebraica), o ódio e a brutalidade no trato com os não judeus são a tônica do registro bíblico do Torah. O texto, impregnado de ódio e regado a sangue, lança os pilares de uma ideologia de poder e dominação que vararia os séculos, não se bafejando dos ensinamentos de Cristo. Como poderiam os judeus aceitar Jesus como o Messias, se Sua pregação negava o que eles retiravam do Torah?

Jesus Cristo — afirma Joseph DUNNER (**A República de Israel**, p. 10) — "para todas as Igrejas cristãs é o símbolo de tudo o que é digno de amar, do perdão, da conciliação, da fraternidade entre as pessoas

e os povos; para os judeus, é o símbolo o anti-semitismo, da calúnia e da morte".

Em inúmeras passagens contidas nos Evangelhos, Cristo denuncia o procedimento dos judeus, seu apego às coisas materiais, seus instintos, sua crueldade. No Apocalipse, II, 9, está registrado:

> "Conheço tua tribulação e pobreza, ainda que sejas rico, e também a blasfêmia daqueles que se dizem judeus e não são. **Eles são apenas uma sinagoga de Satanás.**"

O Apocalípse, carta enviada por João apóstolo às sete Igrejas, ratifica adiante (III,9):

> "Eis que te entreguei alguns da sinagoga de Satanás, destes que dizem ser judeus e não são, pois o mentem."

Maurice PINAY (**Complô contra a Igreja** p. 166) previne acerca dos riscos enfrentados por aqueles que se dispõem a revelar fatos ou reavivar a memória dos esquecidos (p. 166):

> "É preciso ter em conta que em todo o país ou instituição a que o judaísmo chega a ter influência suficiente, seja com as suas atividades públicas ou de forma secreta, por meio de sua quinta coluna, a primeira coisa que faz é **conseguir uma condenação ao anti-semitismo**, que impeça ou paralise, segundo o caso, qualquer intento de defesa. E quando conseguem com os seus enganos e ludíbrios impor uma situação tão irregular, qualquer delito de racismo só poderá ser punido se praticado por um cristão ou um gentio, mas não se o cometem um ou mais judeus, pois se alguém quer impor a sanção aos responsáveis, escutará o clamor da mídia (que está em suas mãos), protestando indignadamente contra os surtos de anti-semitismo que, 'como peste odiosa, acaba de ressurgir...'."

A respeito das manifestações de poder dos judeus em território alheio, basta examinar o noticiário cotidiano da imprensa.

Leis, das mais absurdas, que seriam ridículas até mesmo em Israel, são elaboradas e postas em práticas em diversos países, mesmo nos ditos democráticos, em total contrariedade com a liberdade de pensamento e expressão.

Por exemplo: na Suiça, na França e na Alemanha, ninguém é chamado aos tribunais por duvidar da existência de Deus, mas o será todo aquele que ousar pôr em dúvida a veracidade do Holocausto!

O Holocauto foi colocado acima dos dogmas da Igreja!

De igual modo, arrisca-se a comparecer às barras dos tribunais todo aquele que mencionar os "**Protocolos dos Sábios de Sião**", o plano judaico de conquista do mundo, jurado falso, mas que vem se concretizando, na prática, letra por letra, linha por linha, parágrafo por parágrafo.

A Argentina possui, hoje, uma população de cerca de 40 milhões de habitantes. A comunidade judaica ali residente (a maior da América do Sul) é de 600 mil. Isto corresponde a 1,5% da população argentina. Pois, mesmo em sendo minoria, a comunidade judaica argentina tem força para derrubar ministros de Estado:

ARGENTINA

Substituído ministro de passado pró-nazista

por Jorge Luiz de Souza
de Buenos Aires

A Argentina escapou de uma grave crise com a comunidade judaica do país trocando o ministro da Justiça. Segunda-feira, pouco antes de o presidente da Argentina, Carlos Menem, iniciar viagem oficial aos EUA, assume o cargo Elías Jassan, argentino de origem judaica, até aqui o vice-ministro dessa pasta. Substitui a Rodolfo Barra, argentino de origem espanhola e titular da pasta desde junho de 1994, mas que recentemente teve seu passado publicado nos jornais: na adolescência foi militante de uma organização estudantil de direita, ultranacionalista e pró-nazista.

A comunidade judaica de Buenos Aires é a segunda maior das Américas – perde apenas para a de Nova York – e, além disso, na Argentina também se espalhou para o interior. O novo ministro é da província argentina de La Rioja, na fronteira com o Chile, a mesma onde nasceu o presidente Menem, cuja família é de origem árabe e muçulmana.

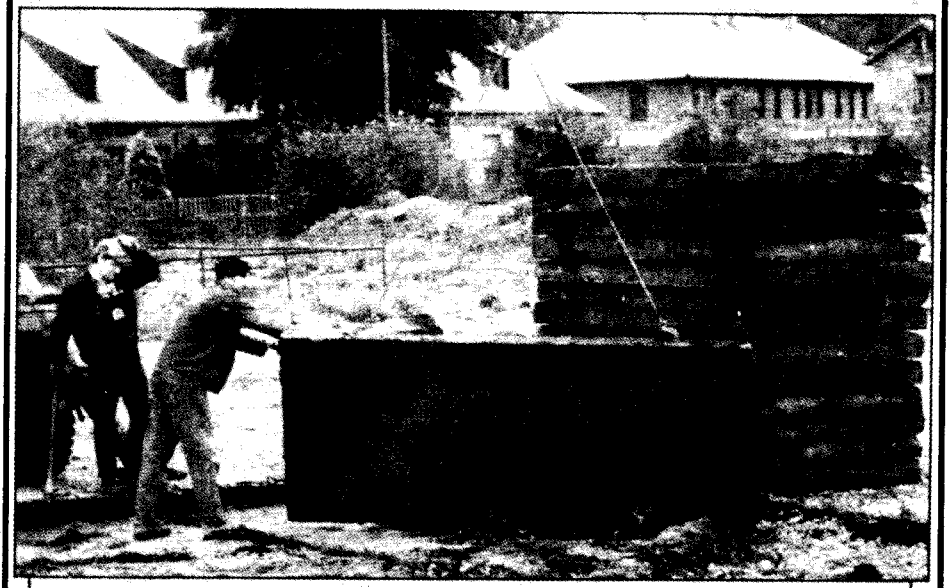
Já o ministro que sai é considerado "um soldado de Menem", e o acompanha desde o início do seu primeiro governo, em julho de 1989, quando assumiu o cargo de vice-ministro de Obras Públicas. Depois, Menem o premiou com uma indicação para juiz da Suprema Corte, antes de chamá-lo de volta para a equipe do Executivo.

Com os protestos da comunidade judaica por causa da divulgação de seu passado, comportou-se como "fusível" para o presidente e pediu demissão anteontem à noite. Com isto, evitou a formação de uma ofensiva de congregações judaicas que se preparava para pedir sua renúncia. ■

(GAZETA MERCANTIL — São Paulo — 12/07/1996 (p. A-16)

Outro quiproquó semelhante ocorre em território polonês. Ali também os judeus desafiam a soberania nacional polonesa exigindo autonomia territorial sobre Auschwitz e áreas adjacentes:

DIÁRIO POPULAR Quinta-feira, 4 de julho de 1996



OPERÁRIOS trabalham na preparação do terreno para a construção do estacionamento de um supermercado, ao lado do antigo campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, ontem. As relações entre o governo polonês e a comunidade judia estão tensas após a divulgação da construção, que faz divisa com o terreno do campo usado pelos nazistas para o extermínio de judeus

No caso da Polônia, o fato não é de estranhar. Em 1989, os judeus "despejaram" de Auschwitz um convento de irmãs carmelitas descalças, sob a alegação de que "uma entidade católica encravada no local e capitaneada por uma cruz, feria os princípios judaicos". (Reportagem publicada na revista "**Veja**" — 02 de agosto de 1989, em anexo no final desta obra.)

Para desculpar-se pela petulância (a Polônia é um dos mais antigos países católicos da Europa), os judeus alegaram: Não queremos lá um convento, porque em Auschwitz deve prevalecer o silêncio" (Tulio Zevi, presidente da União das Comunidades Hebraicas italianas).

Aliás, o "silêncio" deve prevalecer, em relação a Auschwitz, principalmente sobre o travo da dúvida.

Recentemente, nos Estados Unidos, um tribunal decidiu:

"Não é possível provar que existiram câmaras de gás em Auschwitz, mas é proibido duvidar de que elas existiram."

Em relação ao "despejo" das irmãs carmelitas descalças e da "proibição" judaica para que se construa o estacionamento de um supermercado nas imediações de Auschwitz, não há motivo de assombro. Os judeus não fazem mais do que resgatar privilégios do passado.

Em sua obra "**Gueto de Varsóvia**", Marcos MARGULIES enumera os privilégios concedidos aos judeus, na Polônia, em 1287, sob o amparo do "Estatuto de Kalisz".

Convém ao leitor tomar conhecimento de pelo menos alguns dos artigos do referido estatuto:

— Determinamos que tudo o que for emprestado por um judeu, seja ouro, sejam moedas ou prata, deverá ser-lhe pago ou devolvido junto com os juros que se acumularam;

— Se um cristão se queixar que o penhor que está nas mãos do judeu lhe foi saqueado, jurará o judeu que não sabia, ao ter recebido o objeto, que se tratava de produto de saque, e assim fazendo estará inocente, e o cristão só recuperará o objeto se lhe pagar o valor do mesmo, acrescido dos juros;

— Se um cristão acusar um judeu de lhe haver dado algum objeto em hipoteca, e o judeu o negar, bastará a este jurar para se ver livre do compromisso de devolução;

— Se os cristãos atacarem qualquer judeu ou judia, serão castigados de acordo com as leis do país.

Como se deduz facilmente, o "Estatuto do Kalisz" concedia ao judeu plena credibilidade e ao polonês, cidadão nacional, a submissão ao estrangeiro, que tal carrapato, lhe corroía as economias.

Não é de admirar que os poloneses usurpados tenham, ao longo do tempo, se especializado na organização de progroms! Já que o governo de seu país criava leis para proteger o "direito" de estrangeiros, não lhes restava outra alternativa senão reagir por conta própria.

Em "**Never Forget**" (USA — 1991 — Joseph SARGENT), filme baseado em fatcs reais, que relata a batalha judicial de uma organização norte-americana de estudos históricos contra um judeu sobrevivente de Auschwitz, em torno da existência de câmaras de gás naquele campo (fato contestado pela organização), existe uma cena deveras interessante. (Foi nessa ocasião que o Tribunal encarregado do

caso decidiu:" **Nao é possível provar que existiram câmaras de gás em Auschwitz, mas é proibido duvidar de que elas existiram.**") A cena em questão é a seguinte: O advogado que defendia o ponto de vista do Instituto de Estudos Históricos pergunta ao ex-interno de Auschwitz: — "No seu entendimento, professor, por que os alemães realizaram o Holocausto?" Ele responde sem pestanejar: — "Os alemães precisavam de um **bode espiatório**!"

Tratava-se de um acontecimento singular? De uma atitude ímpar na História? (Não o Holocausto — sobre o qual as dúvidas e as provas contrárias crescem a cada dia -, mas os judeus colocados na posição de "**bodes espiatórios**".)

Durante o transcurso de toda a História, mesmo antes da vinda de Cristo, mas principalmente depois que foram massacrados pelos romanos em Jerusalém (ano 70 d.C.), passando a viver na diáspora, foram expulsos praticamente de todos os locais por onde passaram ou tentaram estabelecer-se. Não foram, conseqüentemente, "**bodes espiatórios**" apenas na Alemanha nazista; foram "**bodes espiatórios**" na Rússia, na Polônia, na Espanha e em praticamente toda a Europa, onde foram por centenas de anos expulsos de um país para outro.

O professor interessado em transformar o Holocausto em dogma da humanidade, certamente não leu Oséias e Miquéias:

> "Eis que está destruído, Israel, porque só em Mim está teu auxílio. Onde está, pois, o teu rei para que te salve em todas as cidades, e os teus juízes, de quem dizias: "Dá-me um rei e chefe?" Dou-te um rei em Minha cólera e o retomo em Meu furor!" (Oséias, XIII, 9-10-11)

> "Samaria deverá expiar porque se revoltou contra seu Deus. Cairão pela espada, os filhos serão esmagados, serão abertos os ventres das mulheres grávidas." (Oséias, XIV, 1)

> "Meu povo será destruído por falta de conhecimento. (...) Quanto mais numerosos se tornaram, tanto mais pecaram contra Mim, trocaram a sua glória pela ignomínia. (...) Eu os castigarei por sua conduta e farei recair sobre ele suas obras."(Oséias, IV, 6/9)

> "O fiel desapareceu e não há um só justo entre os homens. Todos estão à espreita de sangue, cada qual persegue o próximo.(...) Sua bondade é um espinheiro, sua honestidade uma sebe de espinhos.

No dia anunciado pela tua sentinela chegou o teu castigo." (Miquéias, VII, 2/4)

À luz das previsões bíblicas, o Estado de Israel é uma obra satânica, porque contraria a vontade de Deus. (Para aqueles que pensam que a criação do Estado de Israel representou o ponto culminante e final do sionismo, recomenda-se pesquisar acerca do "Plano Andino", diabólica trama em pleno andamento cujo objetivo é apoderar-se da Patagônia.) É interessante, para tomar pé do assunto, ler a seguinte transcrição da obra de Sigfredo KREBS e Isaac ARCAVI — **Páginas Escogidas**", publicada em Buenos Aires, em 1949:

> "El Plan en su forma original debe ser extremadamente sencillo si se pretende que lo comprendan todos. (...) La aparición de una nueva soberanía no es ridícula ni imposible. (...) Lo que la Society of Jewish ha preparado científica y politicamente, la Jewish Company lo pone en práctica. (...) Dos países tienen que ser tomados en cuenta: Palestina y Argentina. En ambos países se han hecho notables tentativas de colonización, basadas en el principio de infiltración paulatina de los judios (Plan Rabino Weizmann). (...) La Society of Jewish entablará negociaciones com las autoridades supremas del país con el protectorado de las potencias europeas y norteamericanas.(...) La situación puede tornar-se muy crítica para el mundo judío en fecha muy lejana, si no logramos prevenir y assegurar el futuro. (...) Todos vosotros conocéis el plan de nuestro gran profeta doctor Teodoro Herzl (**El Estado Judío**), en el que planificó la creación de los Estados judíos, uno en Palestina y otro en Argentina. (...) Argentina es la tierra mas rica del mundo, superfície extensa y población escasa. (...) La enorme riqueza del subsuelo argentino, especialmente en la zona cordillerana es infinita. No hay mineral existente en el mundo que no haja en Argentina."

É desnecessário prosseguir e muito mais importante analisar acontecimentos recentes ocorridos na Argentina. Quem não recorda do atentado ao prédio da AMIA (Associación Mutual Israelita Argentina), ocorrido no ano de 1994? Naquela oportunidade, terroristas de procedência e nacionalidade até hoje desconhecidas, utilizando mais de 100 kg de explosivos, dinamitaram um prédio no centro de Buenos Aires, matando grande número de pessoas. O Governo argentino, admitindo

haver dentro do país uma etnia privilegiada em relação às demais, permitiu que o Mossad, o mais bem aparelhado e capacitado órgão de inteligência do mundo, se transladasse para Buenos Aires, a fim de examinar os escombros da AMIA e identificar os culpados. Até hoje, passados dois anos, NADA se descobriu! Só os desavisados e menos esclarecidos não decifraram a mensagem subreptícia inerente àquele atentado. Em primeiro lugar, o corriqueiro nessas circunstâncias é o autor ou autores se identificarem, porque as ações terroristas nada mais são do que uma demonstração de força. O órgão terrorista faz questão de identificar-se para demonstrar ao inimigo do que é capaz.

No caso da explosão do prédio da AMIA, nenhum grupo terrorista assumiu a autoria. Tampouco o Mossad identificou os autores.

Diz um velho brocardo jurídico: "Cui prodest scelus is fecit?" (A quem traz proveito o crime a este deve ser ele atribuído.)

Na época, a extrema direita de Israel se opunha intransigentemente à política de aproximação com os palestinos e muçulmanos do Oriente Médio. O atentado, atribuído aos adversários de Israel, trouxe proveito apenas aos que se opunham à paz.

A razão porque o Mossad não identificou até hoje os autores daquele terrível crime não é difícil de ser encontrada. O atentado só pode ter sido cometido pelo mesmo grupo de **sionistas fanáticos** que assassinou Yitzhak Rabin. Numa e noutra ocasião os motivos foram os mesmos.

A atitude de subserviência do Governo argentino por ocasião do atentado ao prédio da AMIA, submetendo-se à intomissão de Israel e do Mossad, reforçada, agora, pela substituição de Rodolfo Barra por Elías Jassan, demonstra, claramente, que o "Plano Andino" não está longe de tornar-se realidade.

Em contrapartida, a Polônia tem demonstrado maior disposição de dar um "basta" nas intromissões judaicas. Não faz muito tempo, o Governo polonês retirou os dizeres das 19 placas de granito, do gigantesco monumento de Auschwitz que, de forma falsa, acusavam os alemães pelo assassinato, ali, de 4 milhões de pessoas. Agora, como se depreende da reportagem anteriormente aludida, os poloneses continuam dando às costas para as impertinentes exigências judaicas.

Em agosto de 1988, o jornalista francês Jean Paul PICAPER publicou uma obra sobre a histeria inculcada na Europa pelos judeus contra o "ressurgimento do neonazismo". Eis alguns dos casos relatados por PICAPER:

"Nos anos 60, um repórter da revista "Paris Match" vestiu diversas pessoas com uniformes alemães para apresentá-las, em reportagens como perigosos neonazistas vindos da Alemanha." (p. 433)

"Em 1990, o ex-agente da KGB, Oleg Gorbiewsky, publicou suas memórias, apontando o general Agajanz como encarregado de treinamentos destinados a "ações anti-semitas", as quais seriam atribuídas a neonazistas. " (p. 434) "Esses agentes eram enviados à Alemanha Ocidental para praticarem violações e pichações em cemitérios judaicos de diversas cidades." (p.434)

"Também o Serviço Secreto da República Federal da Alemanha participou inúmeras vezes de encenações deste tipo." (p. 435)

"Em 6 de abril de 1979, a polícia surpreendeu três jovens vestindo uniformes nazistas, justamente no momento em que eram 'entrevistados' pelo pessoal da TV-WDR. Interrogados, os três esclareceram que haviam sido contratados pela emissora, por 250 marcos cada, e que os jornalistas tinham fornecido os uniformes..." (p. 436)

"No dia 10 de dezembro de 1982, sinistros neonazistas apareceram em Frankfurt, distribuindo panfletos de provocação. 'Casualmente' estava presente uma equipe da TV-WDR, que documentou todo o acontecimento. Posteriormente, o chefe de polícia da cidade, Delegado Genner, desmascarou a armação: havia sido tudo preparado pela equipe de reportagens externas da TV." (P.437)

"Em Israel, na cidade de Haifa, foram violados cerca de 300 túmulos judeus. A própria imprensa alemã atribuiu o ato a extremistas neonazistas. A polícia local prendeu o culpado: um israelense de 41 anos, que pretendia, com seu ato, 'acordar' a comunidade judaica." (p. 442) "Em 1981, os noticiosos canadenses culpavam neonazistas pelo incêndio da sinagoga Beth-Shalon, de Edmonton. Também foram pintadas suásticas nas paredes. A polícia posteriormente prendeu o culpado: um jovem judeu de 27 anos." (p. 442)

Poderiam ser arrolados aqui mais de uma centena de casos similares, de ações praticadas por "anti-semitas empedernidos".

Não custa lembrar que o âncora do SBT, Bóris Casoy, no mesmo dia em que se perpetrou o atentado à AMIA, nem pestanejou ao afirmar que "**aquilo fora obra de neonazistas**"!

Desculpe o leitor por este breve desvio do tema principal. Fazia-se necessário torná-lo ao par do que ocorre hoje, não somente com respeito à religião, mas também à política. O judaísmo, com raras exceções, aparece dissociado do sionismo. A leitura do Antigo Testamento, por si só, dirime quaisquer dúvidas.

Esta abordagem inicial, intitulada "Revisão de Literatura", tem por finalidade aparelhar o leitor comum das ferramentas necessárias ao destrincho do tema principal. Sem um conhecimento prévio de determinadas circunstâncias, acontecimentos, fontes doutrinárias e procedimentos comuns por parte dos condutores do judaísmo-sionismo, as idéias e/ou pontos de vista adiante expostos hão de parecer temor infundado, coisa absurda, sem nexo.

Já se falou a respeito do Torah. Falta tecer algumas considerações sobre o Talmud e a Cabala.

O termo "Talmud" provém do vacábulo "Lamud", que significa "ensinamento". Por metonímia, Talmuda é empregado como designativo de "O Ensinamento". Trata-se de um livro eminentemente doutrinário, que expõe e explica como devem proceder os judeus em relação ao Pai Celestial, aos demais judeus e aos goi goim (não-judeus).

Moisés é considerado o primeiro autor do Talmud. Moisés teria recebido no Monte Sinai, além dos dez mandamentos (Torah Schebiktab), também a chave de interpretação dos mesmos, ou seja, a lei oral, que recebeu o nome de Torah Shebeal Peh. Afirmam os judeus que teria sido por este motivo a demorada permanência de Moisés no monte: Deus lhe passou a lei escrita em um dia, mas demorou-se em fazê-lo assimilar os ensinamentos orais. Afirmam os judeus que Moisés transmitiu a lei oral a Josías, e este, por sua vez, a setenta anciãos. A lei oral (Talmud) teria sido passada aos rabinos, de geração em geração. Muitos deles, acrescentaram contribuições particulares.

Apenas no século segundo depois de Cristo, o rabino Jehuda (chamado O Príncipe), resolveu que se deveria escrever a lei oral para melhor preservá-la. Recopilou todas as listas e cartas dispersas e formou um livro — o Sepher Mischnaioth, Mischnah un Deuterosis, ou segunda lei (a primeira era o Torah).

A partir de então, o Talmud passou a incluir textos de inúmeros rabinos (Sanhedrin, Zohar, Bahba Bathra, Kethuboth, Iore Dea, Rosch Hachanach, etc.)

Segundo o padre I. B. PRANAITIS, autor de "**El Talmud Desenmascarado**", o Talmud é mais importante para a doutrina judaica do que o Torah. É através de seus ensinamentos que os judeus pautam sua conduta e retiram a essência de sua ideologia.

A Cabala é um movimento místico do judaísmo que floresceu nas comunidades judaicas da Europa durante a Idade Média. Impregnada de influência oriental, a Cabala — segundo L. de GÉRIN-RICARD (**História do Ocultismo**, p.143) — reúne magia, culto satânico ("black sabbath", ou missa negra, por exemplo), esoterismo, heresia gnóstica, alquimia, astrologia, etc.

Nas páginas seguintes, a fim de completar esta revisão bibliográfica, são inseridos excertos do Novo Testamento, do Torah e do Talmud; traça-se uma síntese histórica da Cabala; resume-se a estratégia contida nos "Protocolos dos Sábios de Sião" e, finalmente, descreve-se o movimento "Nova Era" que, como é dado constatar facilmente, nada mais é do que uma síntese de todos os males e estratégias contidas nas fontes referenciadas, à exceção, é claro, do Novo Testamento.

O movimento "Nova Era" é mais um instrumento de que lançam mão os tradicionais inimigos do Cristianismo, com o claro intuito de destruí-lo. Sua instituição mais antiga — a maçonaria, vem se mostrando morosa em resultados, talvez por agir sobre uma faixa etária menos influenciável e mais comedida em seus atos. O movimento "Nova Era" veio suprir uma lacuna e apressar resultados. O público-alvo é a juventude, maleável, irrequieta, acessível às idéias revolucionárias, à utopia, ao novo, ao inusitado, ao moderno...

Excertos do Novo Testamento

"Mas agora me quereis matar, sendo eu o homem que vos disse a verdade que ouvi de Deus... Se fosses filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão. Eis que agora procurais tirar-me a vida...Abraão não fez isso."
(São João, VIII, 37/40)

"Moisés não vos deu a Lei? E nenhum de vós cumpre a Lei? Por que me procurais matar?"
(São João, VII, 19)

"E por isso os judeus ainda mais o procuravam para matar..."
(São João, V, 18)

"Depois disto, andava Jesus pela Galiléia, porque não queria passar à Judéia, porquanto os judeus o buscavam para matá-lo."
(São João, VII, 1)

"E estava já perto a festa de Azymos, que é chamada de Páscoa, e os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam uma ocasião para matar Jesus."
(São Lucas, XXII, 1,2)

"E Satanás entrou em Judas, que tinha por apelido Iscariote, um dos doze apóstolos. E foi e tratou com os príncipes dos sacerdotes de como o entregaria. E folgaram e concertaram em lhe dar dinheiro. E Judas ficou com eles de acordo. E buscava a oportunidade de o entregar."
(São Lucas, XXII, 3 / 6)

"E saiu Jesus levando uma coroa de espinhos e um manto de púrpura e Pilatos lhes disse: 'Vede aqui o homem.' E quando o viram, os pontífices e os ministros em altas vozes diziam: 'Crucificai-o, crucificai-o!' Pilatos lhes disse: 'Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu não encontro nele causa.' E os judeus lhe responderam: 'Nós temos a

lei e, segundo a lei, deve morrer, porque se diz filho de Deus.'... Os judeus ainda afirmavam: 'Não temos rei senão a Cézar!' E então Pilatos o entregou para que fosse crucificado."
(São João, XIX, 4 / 15)

" Os judeus também mataram ao Senhor Jesus e aos Profetas e nos têm perseguido a nós (os cristãos) e não são do agrado de Deus e são inimigos de todos os homens."
(Tessalonicenses, II, 15)

Excertos do Torah(*)

"Não celebrarás concerto algum com elas (mulheres não-judias), nem contrairás com elas matrimônios; não darás tua filha a seu filho, nem tomarás sua filha para teu filho."
(Deuteronômio, VII, 2-3)

"E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros e os reis te servirão... E abrir-se-ão de contínuo as tuas portas: elas não se fecharão nem de dia nem de noite, a fim de que te seja trazida a fortaleza das nações, e te sejam conduzidos os seus reis. Porque a gente e o reino que não te servir, perecerá; na verdade, aquelas nações serão totalmente devastadas... E sugarás o leite das gentes, e serás criado ao peito de reis..."
(Isaías, LX, 10-12-16)

"E trazendo seus moradores os mandou serrar, e que passassem por cima deles carroças ferradas; e que os fizessem em pedaços com cutelos, e os botassem em fornos de cozer tijolo. E assim fez ele em todas as cidades dos amonitas. E voltou Davi e todo o exército para Jerusalém."
(Samuel, XII, 31)

"Assim como o Senhor se comprazia por tua causa, fazendo-te benefícios e multiplicando-te (o Deuteronômio, ou "Livro da Lei" refere-se, aqui, ao povo israelita), assim também ele terá prazer em te arruinar e destruir. Serás arrancado da terra, de que

(*) **Fonte:** Bíblia Sagrada — Antigo Testamento.

vais te apossar. **O Senhor dispersar-te-á entre todos os povos de uma extremidade à outra da Terra.**(...) **Não encontrarás repouso, nem acharás um lugar onde descansar a planta dos pés...**"
(Deuteronômio, XXVIII, 63-64-65)

"Ouvi agora isto, vós, chefes da casa de Jacó, e vós, maiorais da casa de Israel, que abominais o juízo e perverteis tudo o que é direito, **edificando a Sião com sangue, e a Jerusalém com injustiça**. Os seus chefes dão as sentenças por presentes, e os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro..."
(Miquéias, III, 9-11)

"Para tua perda, ó Israel, te rebelaste contra Mim...Pelos teus pecados tens caído."
(Oséias, XIII, 9. XIV, 1)

Excertos do Talmud (*)

"Jesus enganou, corrompeu e destruiu Israel."
(Sanhedrin, 107b)
"Que nunca tenhas um filho ou um discípulo que por colocar tanto sal na comida, destrua seu paladar publicamente, como Jesus, o Nazareno."
(Sanhedrin, 103a)
"Aqueles que fazem bem aos Akum (cristãos), não ressuscitarão entre os mortos."
(Zohar, 1, 25b)
"Todas as coisas pertencentes aos goym (não-judeus), são como o deserto; a primeira pessoa que as encontre as pode levar como sendo suas."
(Bahba Bathra, 54b)
"O sêmem de um goy tem o mesmo valor que o de uma besta."
(Kethuboth, 3b)

(*) **Fonte**: I.B. PRANAITIS. Sacerdote Católico Apostólico Romano, Professor de Idioma Hebreu, São Petersburgo. "**El Talmud Desenmascarado!**" Editorial La Verdad, Lima-Peru, 1981.

"Os herejes, os epuciristas, os cristãos e os traidores vão para o inferno."
(Rosch Haschanach, 171)

"Está proibido escutar a música do culto idólatra e examinar as imagens de seus ídolos, porque com o simples ato de mirá-las o judeu pode ser influenciado pela perversidade da idolatria dos cristãos."
(Iore Dea, 142, 15)

"Não é permitido ensinar nenhum ofício aos cristãos."
(Iore Dea, 154, 2)

"Se um judeu é capaz de enganar aos cristãos, simulando ser um devoto de Cristo, pode fazê-lo."
(Iore Dea, 157, 2)

"Todo o que derrama o sangue dos ímpios é tão grato a Deus como o que oferece um sacrifício a Deus."
(Ialkut Simoni, 245c nº 772)

"Que há de surpreendente em que se façam no Talmud ataques contra Jesus?
O que há de estranhar é que esses ataques não sejam maiores."
(Isidore Loeb, Secretário da Aliança Israelita Universal, **Revue de Etudes Juives**, t. I, P. 256)

" Que é uma prostituta? Qualquer mulher que não seja hebréia."
(Eben Ha Eser, 6 e 8)

"Ao melhor dos ímpios, matai-o."
(A Boda Sara, 26b, Tosephot)

"Deus exibe-se na Terra nas semelhanças do Judeu. Judeu, Judas, Judá, Jevah ou Jeová são o mesmo e único ser. O hebreu é o Deus vivente, o Deus encarnado, é o homem celeste, o Adão Kadmon. Os outros homens terrestres, de raça inferior, só existem para servir o hebreu, são pequenas bestas."
(Kabala ad Pentateucum, Fol. 97, Col. 3)

"O Altíssimo falou assim aos israelitas: ' Vós haveis-me reconhecido como único dominador do mundo e por isso eu hei de fazer-vos os únicos dominadores do mundo'."
(Chaniga, Fol. 3-4, 3b)

A Cabala ("QABBALAH") (*)

"Quando, após a conquista árabe do século VII, os judeus, herdeiros da tradição oculta dos pagãos, com os quais estiveram em contato permanente, foram impregnados de magia e teologia orientais, nasceu, nessa época, o primeiro movimento cabalístico." (p. 143)

"Tudo que no século XV era tido como ocultismo recorria à cabala. Essa palavra se tornou sinônimo de magia, de comércio com o Demônio, e na linguagem corrente, de intrigas." (p. 143)

"Desde os primeiros tempos da era cristã, quando então a heresia gnóstica fazia numerosos adeptos, os judeus sofreram a influência dessa corrente de pensamento e mergulharam no misticismo." (p. 143) "Isaac, o Cego, que morava em Pesqueiéres, no Sul da França, foi considerado como o 'pai da cabala'." (p. 144)

"A cabala era tida pelos judeus como a chave de interpretação das Escrituras Sagradas. Sistemas numéricos e várias combinações fundadas nas letras dos versículos permitem a decifração, à luz da "qabbalah". (p.145)

"O homem é feito à imagem de Deus, deste modo, não tardará que venha querer imitar seu Criador e provar sua potência." (p. 147)

"Nos séculos XV e XVI verificou-se um novo desabrochamento da cabala, pois nos meandros daquela ciência oculta pensavam os alquimistas, os ocultistas, os fabricantes de talismãs, os astrólo-

---

(*) **Fonte:** GÉRIN RICAR, L. de. **História do Ocultismo.** Tradução de Edilson Alkmim CUNHA. Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1966. (Obra publicada em Paris, em 1939).

gos e os mágicos ter encontrado a chave de seus problemas." (p. 149)

"Quaisquer que tenham sido os esforços no sentido de depurar os ritos cabalísticos das práticas satânicas, todos os rituais satânicos, toda a feitiçaria e exploração do magnetismo e dos fenômenos psíquicos ainda têm fiéis seguidores no século XX. Os feitiços, as missas negras nunca deixaram de ser praticados." (p. 254)

"Basta consultar as crônicas policiais ou questionar os funcionários das delegacias de polícia para inteirar-se de quantos crimes se cometem através das práticas satânicas e da feitiçaria, mesmo nos dias de hoje." (p. 256)

Excerto de "os Protocolos dos Sábios de Sião" (*)

"Os cristãos não se guiam pela prática de observações imparciais tiradas da história, mas pela rotina teórica, incapaz de atingir qualquer resultado real."

"A imprensa encarna a liberdade da palavra, mas os Estados não souberam utilizar essa força e **ela caiu em nossas mãos**."

"Os cristãos perderam o hábito de pensar fora de nossos conselhos científicos, por isso não enxergam a necessidade urgente de ensinar desde a escola primária os fundamentos da Fé."

"Para que os espíritos dos cristãos não tenham tempo de raciocinar e observar, é necessário distraí-los pelos meios de comunicação, pela indústria e pelo comércio. As estratégias recomendadas são as seguintes: corromper a mocidade pelo ensino subversivo; destruir a vida de família, disseminando a licenciosidade e o conflito entre as gerações; evilecer as artes e prostituir a literatura; minar o respeito pela religião, desacreditar os padres, reverendos e pastores, espalhando contra eles histórias escandalosas; encorajar a crítica em torno do passado da Igreja..."

(*) **Fonte**: BARROSO, Gustavo. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. Porto Alegre, Revisão, 1989.

"Além das estratégias de desmoralização da Igreja, são indicados os seguintes procedimentos :propagar o luxo desenfreado; as modas fantásticas e as despesas loucas, eliminando, gradualmente, a faculdade de gozar as coisas simples e sãs; distrair a atenção das massas pelas diversões populares, jogos, futilidades, enfim, divertir o povo para impedí-lo de pensar; envenenar os espíritos com teorias nefastas; arruinar o sistema nervoso pela música e pela barulheira; provocar o ódio e a desconfiança entre as classes sociais; empeçonhar as relações entre patrões e empregados pelas greves e "lockouts", eliminando as possibilidades de acordo; desmoralizar as instituições, como a Igreja e as Forças Armadas, pela difusão de boatos e falsidades; bater palmas a todas as utopias, de maneira a meter o povo num labirinto de idéias impraticáveis; organizar vastos monopólios nos quais sossobrem todas as economias..." (*)

O Movimento "nova Era" (*) (**)

"A ideologia da "Nova Era" se baseia na volta às bruxas, nos gnomos, na astrologia, no gnosticismo, nas pirâmides e nos anjos da cabala." (**)

"O glossário teosófico da Nova Era foi elaborado por Helena Blavatsky. Ela entende que o Deus bíblico é uma impossibilidade lógica. Prega a adoração de Satã, a partir da "constatação" de que Deus e Satã são uma única entidade." (**)

"A 'era de aquário', segundo a Nova Era, está presente na política, na economia, nas artes, no cinema, na educação, na filosofia e, fundamentalmente, na religião. A ' conspiração aquariana' prega a mudança de paradigmas (por exemplo: não haveria mal absoluto e tampouco bem absoluto), a rejeição de modelos já

(*) Evidentemente que, desde 1905, quando de sua primeira publicação, "**Os Protocolos dos Sábios de Sião**" foram acusados de falsos. Dois "julgamentos", um realizado em Berna (Suiça) e outro no Cairo (Egito), não chegaram a uma solução definitiva. Parece de somenos importância discutir a autenticidade deste terrível plano de conquista. Se falsos, pode-se afirmar, sem grande esforço de raciocínio, depois de quase um século em que vieram à lume, que nenhum "**plano real ou autêntico**", vem se cumprindo com tamanha fidelidade aos propósitos iniciais como este que os judeus teimam em **negar autenticidade**. (N.A.)

superados (como a Fé cristã), o retorno à práticas antigas, modeladas na cabala e condenadas pela Bíblia." (**)

"Os principais objetivos da Nova Era são: 1) Instalar uma nova ordem mundial, com moeda única, mercados internacionais controlados pelo poder econômico e poder político centralizados. (O código de barras, existente em muitos produtos, seria o primeiro passo para a consecução desse objetivo.) Rockfeller e Kissinger seriam os principais líderes do movimento para um governo mundial único. 2) Criar uma nova religião, que seria única. Alega-se que o atual sistema é separatista e desagragador. O sincretismo religioso é o passo inicial contra a Igreja de Cristo.
(A Legião da Boa Vontade (LBV) é apontada como uma das pontas-de-lança do movimento Nova Era.) 3) Acabar com todas as instituições tradicionais. (Karl Marx, Sigmund Freud e outros cientistas ou pseudo-cientistas do passado, teriam sido financiados pelos cabeças do plano de conquista mundial.") (**)

"O plano diabólico teve suas sementes num encontro promovido pela família Rotschild, em Paris, no ano de 1773. Estabeleceu-se ali, as bases estratégicas para a criação da "Panjudéia", uma super nação que, tal como um polvo, abarcaria o mundo inteiro. Naquela época, os Rotschild se espalharam por cinco centros nevrálgicos da Europa: Londres, Paris, Nápoles, Viena e Frankfurt. O grupo se autodenominou de "o Clube dos Iluminados". Na época, Alen Hirshoff, sacerdote da ordem de Lúcifer, encarregou-se de elaborar o plano em seu aspecto religioso. (No final do século XIX, em Basiléia, na Suiça, os "Iluminados" de uma outra geração tornaram a reunir-se. O plano de seus ancestrais, desta vez, foi melhor elaborado. Definiram-se as estratégias de ação e escolheram-se os focos de atuação. Foi tudo registrado num documento ultra-secreto que, infelizmente para seus autores, acabou vindo a público. Este documento terrível, cujo título inicial foi "**O Anticristo como possibilidade política imediata**", encontra-se catalogado no Museu Público de Londres, sob o nº 3.926 — D-17. Publicado, pela primeira vez, em 1905, na Rússia, o plano dos "Iluminados" teve ampla divulgação mundial, sendo posteriormente intitulado de "**Os Protocolos dos Sábios de Sião**". (**)
"Alguns autores afirmam que o movimento Nova Era é uma conspiração monumental. Em algum escritório secreto, em algum lugar, alguém (ou um grupo de pessoas), com grandes somas de

dinheiro e uma dedicada galeria de devotos, está orquestrando a Nova Era." (*)

"O cinema, a TV e muitas revistas (Manchete, por exemplo), estão divulgando maciçamente as mensagens da Nova Era. Spielberg é seu principal arauto no mundo do cinema. Alvin Tofler (A terceira Onda), Rampa, Jeremy P. Tarcher, Marilyn Ferguson, Helena Blavatsky e muitos outros, encarregam-se de difundí-la em livros. Na música, a infiltração na Nova Era é cada vez maior. O objetivo é hipnotizar, bestificar, massificar, padronizar as reações. A música produzida por Jeam-Michel Jarre, é típica da Nova Era." (*) (**)

"Walter R. Martin, fundador do The Christian Reserarch Institute, afirma: "O movimento Nova Era, desde seu início, tem se levantado para subjugar o cristianismo, destruir a revelação de Deus que nos foi dada no Antigo e Novo Testamento, fazendo o homem reintegrar-se nas práticas da mitologia e da superstição." (*)

"O satanismo presente na maioria dos cultos da Nova Era faz promessas de poder e privilégios que vão além de tudo que se possa imaginar. (...) As histórias sobre assassinatos satânicos tornam-se cada vez mais comuns nos jornais de circulação diária e na televisão." (*)

"Observadores denunciam que o abuso e mesmo o assassinato de crianças em rituais está se alastrando." (Os terríveis rituais da Idade Média, que obrigaram o Santo Ofício agir com extremo rigor, tornam a ocorrer, na atualidade, revividos pelos adoradores de Satanás. Maurice PINAY, autor de "**Complô contra a Igreja**" afirma: " A inquisição conseguiu deter durante seis séculos a espantosa revolução mundial judia que, revivida hoje, está a ponto de arrasar tudo e de escravizar todos os homens." (p. 142)

"Para esse movimento que visa destruir o cristianismo, o pecado é uma ilusão; o mal faz parte da periferia do ser humano e, por isso, há que imperar o relativismo ético. Só existe a verdade individual, cabendo a cada sujeito estabelecer seus próprios limites." (**)

(*) RATH, Ralph. **Nova Era — Um perigo para os Católicos**. Rio de Janeiro, Louva-a-Deus — Comunidade Emanuel, 1994.

(**) **Fonte**: "**Nova Era — De Volta ao Passado**" — Produção de Reborn Vídeo, com depoimento dos Pastores Sérgio Leoto, Lamartine Posella Sobrinho e Paulo Romeiro (Instituto Cristão de Pesquisas).

II — Reflexões sobre o Próximo Conclave

A televisão tem mostrado aos católicos de todo o mundo um Papa cada vez mais debilitado. Dizem algumas fontes que Sua Santidade sofre do mal de Parkinson, cujo sintoma mais evidente é o tremor constante de sua mão esquerda. Outras dão conta de que João Paulo II está acometido de câncer ósseo ou câncer do cólon. A verdade é que o Atleta de Deus de alguns anos atrás se tornou não mais do que lembrança para a comunidade católica.

É desejo de João Paulo II estender o pontificado até a entrada do terceiro milênio. e depois renunciar ao Trono de São Pedro, passando-o em vida a um substituto. Sua idade — 76 anos — por si só não seria empecilho a esse desiderato. Muitos chefes da Igreja Católica Apostólica Romana entraram pela casa dos oitenta lúcidos e fisicamente capazes de desempenhar tão alto cargo. Karol Wojtyla, em relação aos seus antecessores, era o que apresentava melhores condições de longevidade. Até o dia 13 de maio de 1981, quando foi atingido por três disparos de revólver, desferidos pelo turco Achmed Ali Agca, o Papa esquiava nas montanhas Dolomitas e realizava autênticas maratonas pelo mundo à fora. Em dezoito anos de pontificado. João Paulo II realizou setenta e uma viagens, percorreu mais de 970 mil quilômetros, proferiu 2.052 discursos, publicou 12 encíclicas e realizou 660 encontros com presidentes e/ou primeiros-ministros. Esta façanha constitui recorde absoluto entre os ocupantes do Trono de São Pedro.

Mas, hoje, a fisionomia e a postura de Sua Santidade não permitem alimentar esperanças de que o Pontificado de João Paulo II ultrapasse o segundo milênio.

E se os milhões de católicos estão constatando a marca da fatalidade que se avizinha, com muito maior razão os príncipes da Igreja, devem, a esta altura dos acontecimentos, estar preparando a sucessão natural, indesejada porque invariavelmente fonte de traumas e de disputas de bastidores, mas necessária à sobrevivência do catolicismo. Quando o infausto sobrevém nas asas do imprevisto, como ocorreu em relação a João Paulo I (para citar um acontecimento recente), é claro

que a cúpula da Igreja é pega de surpresa, e o conclave só começa a movimentar-se em cima do fato consumado.

Não é o que está ocorrendo nesta oportunidade. Mário Sabino, de Roma, afirma em reportagem publicada na revista "Veja"(nº 1.445. 22 de maio de 1996, p 52), que "apesar dos desmentidos oficiais sobre a deterioração da saúde de João Paulo II, a cúpula da Igreja já vive o clima de sucessão". A mesma fonte informa que "os cardeais da Cúria Romana esmeram-se em oferecer jantares aos eleitores de passagem pela cidade, de olho no trono de São Pedro".

E nem poderia ser diferente, porque ainda que se diga que os cardeais escolhem o Papa sob a inspiração do Espírito Santo, o conclave é um evento eminentemente político.

Ao todo, 115 cardeais estarão decidindo os destinos da Igreja Católica (53 da Europa; 20 da América Latina; 13 da África; 13 da Ásia; 12 dos Estados Unidos e Canadá; e 4 da Oceania).

Candidatos ao Trono de São Pedro começam a surgir, cada um deles, com toda a certeza, arregimentando partidários a fim de obter maioria por ocasião do conclave que se avizinha, Esta "campanha pré-eleitoral" não se constitui, de nenhum modo, em atitude condenável. Em todas as profissões (e o sacerdócio, obviamente, é uma profissão) , a fonte principal de motivação é a ascensão na escala hierárquica. É mais do que natural um padre almejar a promoção a bispo, este a arcebispo, este a cardeal e este a Papa. Em todas as profissões, pelo menos em tese, os mais capacitados são os que ascendem aos postos mais elevados. Quando se trata do exercício do sacerdócio, atividade ligada muito mais as coisas do espírito do que as das futilidades laicas, é de esperar-se um maior esmero no desempenho profissional. Afinal de contas, a opção pelo sacerdócio não é uma decisão tão simples como a que conduz um indivíduo à carreira militar, à profissão de bancário, de profissional liberal, de comerciante, de administrador público, etc. O sacerdócio exige doações, privações, dedicação integral, e, sobretudo, vocação. Daí, a necessidade interior de provar a si próprio que a conduta diuturna é condizente com o que seus chefes hierárquicos e a sociedade esperam dele. A ascensão funcional é a melhor prova disto, embora o prêmio secular não seja a razão de ser da atividade sacerdotal. Assim como os protestantes afirmam que o progresso material de um determinado indivíduo atesta a possibilidade de que Deus o esteja ajudando, a subida dos degraus hierárquicos da Igreja, em sua dimensão temporal, presume que a atividade sacerdotal esteja sendo bem encaminhada. O bom desempenho desta é um fator de motivação das mais positivas.

É possível que muitos entendam que alimentar a intenção de tornar-se Papa constitui expressão de soberba, pois é sob a inspiração do Espírito Santo que se dá a unção do escolhido. Se os milhões de católicos espalhados pelo mundo pudessem confiar em que esta é a regra geral, certamente que não haveria motivo de preocupação com o estado de saúde de Sua Santidade João Paulo II. No tempo certo Deus chamaria a si o Pontífice, e o Espírito Santo em sua infinita sabedoria derramaria graças sobre os 115 membros do conclave, levando-os a escolher aquele que fosse merecedor de tamanha honraria e responsabilidade.

Infelizmente, esta não é a regra geral como comprova a história. De São Pedro Apóstolo a João Paulo II, perfilam entre os Papas que passaram pelo Trono de São Pedro, dezenas de antipapas, ungidos em contrariedade ao Espírito Santo, que se assenhoraram do poder temporal da Igreja por obra e graça de conchavos políticos, com intenções das mais diversas.

A inclusão do nome do cardeal francês (?) **Jean-Marie Lustiger** entre os pré-candidatos à substituição de João Paulo II, incentiva a reler a obra de Maurice Pinay — "**Complô Contra a Igreja**", publicada em Roma, em 1962, editada no México, em 1968, e no Brasil, em 1994. Não se trata de uma obra sensacionalista e destituída de fundamentos, pois mereceu a seguinte referência de Don Juan Navarrete, Arcebispo de Hérmosillo (Paróquia del Sagrario Metropolitano — Hermosillo, Sonora, México):

> "Habiendo leído el libro publicado en Roma en 1962 "**Complot contra la Iglesia**" que fue distribuído entre todos los padres Conciliares, no encontrando en él nada que se oponga a la fe y buenos costumbres, no tengo inconveniente en conceder el IMPRIMTUR CANONICO que se me ha pedido para la edición española que se está publicando en México."

O autor afirma em sua obra que "está a consumar-se a mais perversa conspiração contra a Santa Igreja: os seus inimigos tramam destruir as suas sagradas tradições e realizar reformas tão audazes e malévolas como as de Calvino, Zwinglio e outros grandes heresiarcas, com o fingido zelo de modernizar a Igreja e pô-la à altura da época, mas, na realidade, com o oculto propósito de abrir as portas ao paganismo e acelerar a destruição do Cristianismo". (p.15)

Adiante, Maurice Pinay acrescenta: "Projetam os reformistas que a Igreja declare que aquilo que, durante séculos, afirmou ser mau, agora

afirme ser bom. Entre outras manobras que preparam com o dito fim, destaca-se, por sua importância, a mudança de atitude da Santa Igreja em relação aos judeus réprobos, como chamou Santo Agostinho, tanto aos que sacrificaram Cristo como aos seus descendentes, inimigos capitais da cristandade." (p. 15 /16)

Pretendem os judeus, assessorados pela maçonaria, que a Igreja denuncie e repudie inúmeras Bulas dos Papas, Atas de Concílios (como o de Latrão), as doutrinas de São Tomás de Aquino e de Duns Scott e dos mais importantes Doutores da Igreja, condenando o anti-semitismo e assumindo a "culpa" pelos "crimes" cometidos sob o manto da Inquisição.

Maurice Pinay denuncia que "como os judeus e seus **cúmplices dentro do clero católico** consideram anti-semitismo toda luta contra as maldades dos judeus e suas conspirações contra Cristo Nosso Senhor e a cristandade, eles afirmam que as fontes do anti-semitismo têm sido o próprio Cristo, os Evangelhos e a Igreja Católica, que, durante quase dois mil anos, lutou de forma perseverante contra os judeus que repudiaram o seu Messias". (p. 17)

Estas campanhas visando a destruição da cristandade, e principalmente do catolicismo — sua expressão de maior peso, ora se dão de forma explícita, mas na maioria das vezes se valem da mensagem subreptícia. Os detratores escondem o rosto, ficam por trás de inocentes úteis que se prestam a pôr em prática as maquinações adrede preparadas.

Eis alguns exemplos recentes da mídia internacional e nacional (*):

1 — Durante os dois últimos anos, jornais e revistas dos Estados Unidos abriram amplos espaços para "denunciar" inúmeros escândalos com sacerdotes daquele país, incluindo casos (não comprovados) de pedofilia.

2 — A **Rede Globo**, monitorada pelo grupo judaico Time-Life, vem inserindo, sistematicamente, em novelas e casos especiais, sacerdotes com algum desvio de conduta. (Em nenhuma ocasião apareceu um rabino nessas condições.)

(*) Convém, antes, tomar conhecimento do que afirmou o cardeal Josef Glemp, primaz da Igreja Católica polonesa: "**O poder dos judeus repousa sobre os meios de comunicação, que estão à sua disposição em várias partes do mundo.**" (Revista **Veja**, 6 de setembro de 1989)

3 — A revista **Veja,** controlada por judeus, seguidamente, tem publicado artigos e reportagens ofensivos a Jesus Cristo e à Nossa Senhora, aos Santos da Igreja e a seu passado histórico.

4 — A maçonaria, um dos mais ativos órgãos monitorados pelos judeus, investiu no passado de forma explícita contra o catolicismo, inclusive no Rio Grande do Sul, quase destruindo-o no final do século passado e início deste. Hoje, atua cercada de cautela. Por exemplo: erigiu em frente à Catedral de Pelotas, diante de sua entrada principal, um busto a José Bonifácio. Periodicamente o enfeita com "triângulos florais". O líder maçônico mais reverenciado do Brasil, acomodado em local estratégico, está como a vigiar os passos do bispo diocesano, dos sacerdotes e dos fiéis. Não resta dúvida que a escolha do local onde se instalou o referido busto não se deu por obra do acaso. A escolha teve por finalidade a provocação. Ao mesmo tempo, serviu de alerta. José Bonifácio e seus "triângulos florais" transmitem uma mensagem muda, mas perfeitamente compreensível: "**Cuidam-se! Estamos aqui para vigiá-los!**"

Pois, eis que aparece no horizonte do conclave que se avizinha o nome do cardeal **Jean-Marie Lustiger,** que se diz francês, mas que na realidade é de descendência judia. Referindo-se a ele, diz Mário Sabino, em sua reportagem intitulada "Fraqueza no Trono de São Pedro" (Revista Veja, nº 1.445, 22 de maio de 1996, p. 53): "Entre os que acham que o próximo Papa não será um italiano, por acreditar que Wojtyla abriu um processo irreversível de internacionalização da Igreja, alguns apontam o francês Jean-Marie Lustiger, 69 anos. Como ele é de **origem judia, alguns cardeais torcem o nariz**..." (Será que o número dos que "**torcem o nariz**" será suficiente para impedir que se repita uma terrível experiência histórica anterior?)

A obra de Maurice Pinay informa que "para conquistar o mundo cristão, o imperialismo judaico considerou indispensável dominar o seu principal baluarte, a Igreja Católica, utilizando para este efeito diversas táticas, que variavam desde o ataque frontal até as infiltrações. A arma favorita da quinta coluna consistiu em introduzir dentro das fileiras do clero os jovens cristãos descendentes de judeus que praticavam em segredo o judaísmo, para que uma vez ordenados sacerdotes tratassem se subir na hierarquia da Igreja, quer fosse no clero secular quer fosse nas ordens religiosas, com a finalidade de usar as posições adquiridas dentro do clero em prejuízo da Igreja e em benefício do judaísmo, dos seus planos de conquista e dos seus movimentos heréticos ou revolucionários." (p. 411)

Adiante, Maurice Pinay afirma: "A meta suprema da quinta coluna judaica introduzida no clero católico foi sempre a de se assenhorar

do Papado, colocando na cadeira de São Pedro um judeu secreto que lhes permitisse utilizar a Igreja em benefício dos planos imperialistas revolucionários da Sinagoga e causar danos tais ao catolicismo, que permitissem facilitar a sua destruição." (p. 427)

Este intento dos judeus não está por acontecer, mas por se repetir. Em 1.130, Anacleto II, preparado segundo a estratégia acima denunciada, subiu ao trono de São Pedro, colocou um sucessor (Vitor IV), que só foi afastado pelas tropas de uma Cruzada organizada por São Bernardo. Durante quase treze anos o trono de São Pedro esteve ocupado por antipapas que só não conseguiram destruir a Igreja porque não dispunham dos meios de comunicação da atualidade.

Os padres católicos, que se horrorizam hoje ao ouvir falar do Santo Ofício e da Inquisição, influenciados pela propaganda secular do judaísmo internacional, deveriam compreender que se tantos Papas e Concílios apoiaram aqueles atos defensivos da Igreja, é porque deveriam ter motivos bem fundamentados. A leitura das biografias de São João Crisóstomo, de Santo Ambrósio, de Santo Agostinho, de São Jerônimo, e o conhecimento do teor dos Concílios Terceiro Toledano, Quarto Toledano e XVI de Latrão são indicados para todos aqueles que condenam a Inquisição e se arvoram em defensores dos judeus.

O nome do cardeal **Jean-Marie Lustinger**, surgido quase nove séculos depois de Anacleto II, justamente numa época em que algumas alas do catolicismo se propõem a admitir "culpas" e ceder ante as exigências de seu inimigo histórico, traz preocupações a todos aqueles que não se contentam em "engolir pratos feitos", mas vão buscar nas páginas da história os fatos que justificam o presente e permitem projetar o futuro.

O sociólogo e historiador uruguaio Eduardo Galeano, autor de diversas obras laureadas e de grande tiragem, consagrou um brocardo de aceitação universal: "A história é um profeta com os olhos voltados para trás; pelo que foi e contra o que foi, anuncia o que será."

Muitos católicos do mundo inteiro, conhecedores do passado histórico da Igreja, de suas provações e lutas pela sobrevivência, embora por ato de fé, esperando que o Espírito Santo ilumine os membros do próximo conclave, não podem deixar de manifestar a sua preocupação.

É incorreto afirmar-se — "Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga". Deus jamais iria privilegiar os acomodados. A máxima correta é "Deus ajuda a quem cedo madruga".

Isto é perfeitamente válido para a atual circunstância. A reportagem de "**Veja**" aqui aludida dá conta de que "a Igreja já vive clima de

sucessão", e que "os cardeais da Cúria Romana esmeram-se em oferecer jantares aos eleitores de passagem pela cidade, de olho no trono de São Pedro".

Mateus (16:18) registra:

> "E digo-te eu que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela."

Esta garantia dada por Cristo àquele que seria o primeiro Papa não teve o significado de uma proteção exclusivamente divina, tanto é assim que a Igreja viu-se obrigada a lutar, às vezes com meios drásticos, pela sua sobrevivência. Os gnósticos, os arrios e outros movimentos heréticos do passado tiveram uma mesma matriz geradora, matriz que ainda hoje permanece bem viva, e mais do que nunca disposta a solapar as bases da Igreja, exigindo ações / reações de seu braço secular.

Esta não seria a primeira vez em que intentam destruir o catolicismo e a cristandade. Os poderes infernais chegaram a colocar no Papado dois cardeais manipulados pelas forças de Satanás, até darem a sensação, por um momento, de que haviam se adonado da Igreja. Mas Cristo Nosso Senhor, que nunca a desamparou, como prometera a São Pedro, inspirou a ação e armou o braço de homens piedosos e combativos, como São Bernardo, o Cardeal Américo, os padres dos Concílios de Etampes, de Pisa e de Latrão, que desconheceram o caráter de Papa no cardeal Pierleoni (Vitor IV), excomungando-o e relegando-o ao papel de antipapa que lhe correspondia.

É certo que surgirão, sempre que necessário, novos Santo Atanásio, São João Crisóstomo, São Bernardo e São João Capistrano, porque Cristo afirmou a São Pedro que as portas do Inferno não prevaleceriam contra sua Igreja. Na Irlanda, na antiga Iugoslávia, no Líbano e em outros locais do globo, os católicos vêm sofrendo perseguições sistemáticas, mas demonstrando que são capazes de lutar pela sobrevivência da Fé.

Ensina a lógica, todavia, que prevenir é melhor do que remediar. Se há um clima de sucessão no Vaticano, se muitos cardeais estão a arregimentar partidários, como alguns vêm afirmando, por que não agir antecipando-se ao fato consumado? Será que os príncipes da Igreja se deixarão levar, como Adão e Eva, pelos argumentos da serpente? Permitirão que um novo Anacleto II ou Vitor IV tome assento no Trono de São Pedro?Hoje, com os meios de comunicação de massa (a mais poderosa de todas as armas) à sua disposição, os inimigos da Igreja não te-

riam dificuldade em minar-lhe os alicerces. A estratégia a ser posta em prática é bem simples: assenhorando-se do Pontificado, tratarão de renegar ao passado, de condenar os atos praticados pelo Santo Ofício, de fazer com que a Igreja se contradiga a si mesma, perdendo, com isso, autoridade sobre os fiéis. Isto é óbvio, porque uma instituição que se contradiz, que renega ações praticadas por alguns de seus vultos de veneração (Santo Atanásio, São João Crisóstomo, São Bernardo e São João Capistrano, por exemplo), não pode ser divina!

A partir de um " mea culpa" da Igreja, é claro que os fiéis perderão a fé e seus templos ficarão vazios. O cristianismo cederá lugar aos adoradores do Bezerro de Ouro e do Bode Bafomé.

A sucessão de João Paulo II não representa um episódio normal e corriqueiro na vida da Igreja Católica Apostólica Romana, baluarte principal do cristianismo. Trata-se de uma encruzilhada cheia de perigos, de falácias, onde o sopro do Mel tentará, mais uma vez, instilar sua peçonha. Agora, em circunstâncias muito mais perigosas do que as de outrora (por que há que se levar em conta o fator mídia, colocado maciçamente a serviço dos inimigos da Igreja), a Cruz de Cristo irá defrontar-se com a Estrela de David.

A respeito das ações do cardeal **Jean-Marie Lustiger** não se levantam desconfianças destituídas de fundamento. Na França, provavelmente em toda a Europa e mesmo no mundo, a figura do **Abade Pierre** desponta como uma das mais fulgurantes dentre os veneráveis do catolicismo contemporâneo. Suas obras em defesa dos pobres tornaram-no o homem mais popular da França, tendo, inclusive, sido indicado para o Prêmio Nobel da Paz, em 1991.

Pois do final de abril de 1996 para cá, a vida do piedoso homem se modificou. De venerado passou a exilado. Teve de deixar a França e buscar refúgio na Itália, internando-se no monastério de Práglia, situado nas imediações de Pádua.

Que crime cometeu o Abade Pierre? Teria ele transgredido as leis de César ou cometido um ato indigno perante o Senhor Deus?

O "ato reprovável" de Abade Pierre foi, simplesmente, o de contestar o mais sagrado dos tabus judaicos da atualidade — o Holocausto. Abade Pierre não desobedeceu leis terrenas e muito menos assacou contra a Fé. Simplesmente emitiu uma opinião. Confirmou as dúvidas sobre a veracidade do Holocausto, demonstradas na obra de Roger Garaudy, um filósofo amigo de longa data, "**Os Mitos Fundadores da Política Israelense**".

Como ocorre inevitavelmente nessas ocasiões, a imprensa comprometida — convém lembrar a afirmação do cardeal Glemp — fez de-

sabar um turbilhão de críticas sobre o até então santo-homem. Ele cometera o mais grave de todos os crimes dos tempos atuais: lançar dúvidas sobre a "verdade conveniente".

Estará, a esta altura, perguntando o leitor deste artigo: Mas o que tem a ver o cardeal **Jean-Marie Lustiger** com os dissabores e agravos do Abade Pierre?

Muito simples: enquanto o rabino Joseph Sitruk, externava sua insatisfação ante o que ele designou de "**ressurgência do anti-semitismo**", e outras fontes partiam para os "argumentos" de quem não dispõe de argumentos — a ofensa moral, gratuita e descabida, o cardeal **Jean-Marie Lustiger,** arcebispo de Paris, aconselhava o Abade Pierre a "**se manter em silêncio e evitar a polêmica**".

Este silêncio imposto ao Abade Pierre não serve à Igreja e tampouco à história, que não deve fundamentar-se na "verdade conveniente", mas simplesmente na verdade. A atitude do cardeal Lustiger serve a um interesse específico: o dos judeus.

Exigir o silêncio do Abade Pierre sobre matéria de tamanha importância, significa, em primeiro lugar, impedir que o movimento revisionista da Segunda Guerra Mundial ganhe um aliado de peso; em segundo lugar, vem demonstrar que no seio da cúpula diretiva da Igreja Católica existem defensores da "verdade conveniente" aos judeus, que utilizam o Holocausto como instrumento de chantagem internacional e como fonte de arrecadação de fundos, através da cobrança de indenizações pelos alegados 6 milhões de vítimas de tal genocídio.

Parece ter ficado bastante claro, mas não é demais repetir: o grande perigo deste final de milênio reside na possibilidade de um antipapa apoderar-se do trono de São Pedro e destruir, de uma vez por todas, como vem sendo tentado a vinte séculos, o Cristianismo.

Muitos cristãos observadores da história, dos noticiários da imprensa internacional e dos sinais cada vez mais claros que se desenham no horizonte, estão conscientes de que os temores, infelizmente, não são fruto de neuroses, esquizofrenias paranóides ou fobias.

No domingo, 27 de março de 1994, o jornal "**Estado de São Paulo**" publicou um artigo de página inteira, da autoria de Tad SCULC (p.A_24), reportando-se à aproximação do Papa João Paulo II com os judeus. O título do artigo resume tudo: "JUDEUS SÃO NOSSOS IRMÃOS DE FÉ MAIS VELHOS, DIZ O PAPA". O atual ocupante do Trono de São Pedro vem, sistematicamente, combatendo o anti-semitismo, contribuindo para calar as vozes daqueles que — como o Abade Pierre — tentam prevenir sobre o Mal que se aproxima a passos largos.

O artigo relata que em 13 de abril de 1986, pouco antes do aniversário do Levante do Gueto de Varsóvia, João Paulo II se tornou o primeiro Papa a visitar uma casa de culto judaico, "fazendo visita de meia hora à sinagoga de Lungotevere de Cince, do outro lado do rio Tibre, em Roma. "Falando à congregação, ele citou passagem extraída de Nostra Aetate: "**A Igreja deplora o ódio, as perseguições e as manifestações de anti-semitismo voltadas contra os judeus em qualquer tempo e por qualquer pessoa. Os senhores são meus caros irmãos.**"

Eis aí a condenação tácita aos grandes Papas que abominaram a conduta judaica através dos tempos, que editaram Encíclicas e promoveram Concílios (como o II, IV, XVI e XVII de Toledo) e que, amparados pelo instituto do estado de necessidade, consagrado por Deus, pela moral e pelo direito, valeram-se do Santo Ofício para assegurar a sobrevivência da Igreja.

O rabino Thaff informou ao autor do referido artigo que "essas palavras do Papa, criticadas por muitos da hierarquia eclesiástica foram 'um ato muito corajoso, que o havia surpreendido e maravilhado, porque até então tal visita era impensável'." E acrescentou: "**Você sabe, a distância do Vaticano até esta sinagoga é muita curta, mas foram necessários 2 mil anos para que um Papa se dispusesse a percorrê-la**".

O tom de voz e o empenho com que João Paulo II defende os judeus não são os mesmos quando as vítimas se tratam de cristãos. No artigo em referência, referindo-se ao massacre de Hebron (em que foram mortas pelo menos 30 pessoas e feridas mais de 90) e às duas bombas lançadas durante uma missa na Igreja de Nossa Senhora da Salvação, em Beirute, matando 10 fiéis e ferindo mais de 60), o Papa se limitou a dizer: "Esses atos perturbaram profundamente todos os fiéis". Sobre as explosões de Beirute, limitou-se a acrescentar: "**Foi um crime que ofende o Líbano e suas tradições.**" Pelas palavras de João Paulo II não se ofendia ele próprio, como chefe da Igreja, e tampouco os demais cristãos do mundo inteiro.

A condenação do anti-semitismo por parte de João Paulo II dá margem para que os judeus ampliem pelo mundo inteiro sua manobra de amordaçamento de seus opositores. Esta manobra, que já vigora em alguns países, consiste — segundo Maurice PINAY (**Complô contra a Igreka,** p. 155 / 161), basicamente, no seguinte:

> " **Primeiro passo**: Conseguir a condenação do anti-semitismo, tornando-o inclusive sujeito à penas legais, por meio de hábeis

campanhas e de pressões de todo gênero, granjeando a simpatia e apoio de outros segmentos.

Segundo passo: Conseguir que os dirigentes políticos e religiosos, um após outro, passem a condenar o anti-semitismo visto como:
a) uma discriminação racial do mesmo tipo que a exercida pelos brancos de certos países contra os negros ou vice-versa;
b) uma simples manifestação de ódio contra o povo judeu, que contradiz a máxima sublime de Cristo: "Amai-vos uns aos outros".

Dando ao anti-semitismo inicialmente esses e outros significados, conseguem os judeus ou seus agentes infiltrados nos governos, na mídia e na própria cristandade, iludir a boa-fé das pessoas levando-as a reconhecer como expressão de anti-semitismo toda e qualquer manifestação contrária aos interesses judaicos. (*)

Terceiro passo : Depois de conseguirem essas condenações ao anti-semitismo, os judeus tratam de dar a esse vocábulo um significado muito diferente. Serão então anti-semitas:

— aqueles que defendem os seus países das agressões do imperialismo judaico;

— aqueles que criticam e combatem a ação das forças judaicas (cinema e TV, por exemplo), que destroem a família cristã e degeneram a juventude, com a difusão de falsas doutrinas (Nova Era, por exemplo), ou de toda classe de vícios;

— aqueles que, de qualquer forma, censuram ou combatem o ódio e a discriminação racial, que os judeus praticam contra os cristãos, embora o neguem hipocritamente;

— aqueles que desmascaram o judaísmo como dirigente da franco-maçonaria, do movimento Nova Era e de outras instituições como o B'nei Brith, por exemplo — cujo objetivo é destruir o Cristianismo."

(*) Um exemplo claro dessa estratégia são as pressões e processos judiciários movidos contra o historiador e editor S. E. CASTAN, cujo "crime" único é, utilizando-se da liberdade de pensamento e expressão, consagrada pela Constituição em vigor, proceder e incentivar a pesquisa histórica em torno de fatos relativos à Segunda Guerra Mundial, mentirosamente relatados. Nega-se a ele o direito de questionar em cima da dúvida e da incerteza, como se a História fosse uma ciência exata. (N.A.)

Igualdade, segundo o Direito, constitui o signo fundamental da democracia. Não admite privilégios ou distinções.

A igualdade, como isonomia formal, trata a todos igualmente, sem levar em conta as distinções de grupo.

Consoante Seabra FAGUNDES: "Ao elaborar a lei, o legislador deve reger, com iguais disposições — os mesmos ônus e as mesmas vantagens — situações idênticas, e, reciprocamente, distinguir, na repartição de encargos e benefícios, as situações que sejam entre si distintas, de sorte a quinhoá-las ou gravá-las em proporção às suas diversidades".

Francisco CAMPOS, sustenta que: "Se o legislador pudesse criar normas distintas de pessoas, coisas ou fatos, que devessem ser tratados com igualdade, o mandamento constitucional se tornaria inteiramente inútil". E assevera: "Não cabe dúvida quanto ao principal destinatário do princípio constitucional de igualdade perante a lei: o mandamento da Constituição se dirige particularmente ao legislador, pois o executor da lei já está necessariamente obrigado a aplicá-la de acordo com os critérios constantes na própria lei".

A Constituição veda distinções de qualquer natureza (Art. 5°, caput).

Examinando a igualdade sob a ótica das convicções filosóficas ou políticas, José Afonso da Silva (**Curso de Direito Constitucional Positivo**, p. 206), diz que "esse é o ponto crucial do princípio da isonomia: é aqui que ele tem sido constantemente desrespeitado". Diz o referido constitucionalista, adiante (p. 207): "O ato discriminatório é inconstitucional". E uma das formas de inconstitucionalidade revela-se em impor sanção a pessoas ou grupos de pessoas, discriminado-as em face de outros na mesma situação que, assim, permanecem em condições mais favoráveis.

Aqui a solução está na declaração de inconstitucionalidade do ato discriminatório em relação a quantos o solicitarem ao Poder Judiciário, cabendo também — entendimento de José Afonso da SILVA (p. 208) — a ação direta de inconstitucionalidade por qualquer das pessoas indicadas no art. 103 da Constituição da República Federativa do Brasil.

Não cabe discutir as bases filosóficas do problema da liberdade, sob o ponto de vista do Direito positivo. Todavia, há que reconhecer que a liberdade tem um caráter histórico. E a História mostra que o conteúdo da liberdade se amplia pari passu com a evolução da humanidade. Liberdade é conquista constante.

O moderno conceito de liberdade propõe que ela consiste na ausência de toda coação anormal, ilegítima e imoral. Daí se conclui que

toda lei que limita a liberdade precisa ser normal, legítima e moral, no sentido de que seja consentida por aqueles cuja liberdade restringe. Para RIVERO (**Les Libertés Publiques**, p. 162), "a liberdade é um poder de autodeterminação, em virtude do qual o homem escolhe por si mesmo seu comportamento pessoal".

O Direito positivo consagra no campo da liberdade objetiva várias formas de liberdade. Uma delas, é a liberdade de pensamento (opinião, religião, comunicação do conhecimento, ideologia, etc); outra delas é a liberdade de expressão individual e/ou coletiva.

A liberdade de pensamento — segundo Sampaio DÓRIA (**Direito Constitucional**, p. 602) — "é o direito de exprimir, por qualquer forma, o que se pense em ciência, religião, arte, ou o que for". Ela se caracteriza como exteriorização do pensamento no seu sentido mais abrangente.

Diz Pimenta BUENO: "O homem não vive concentrado só em seu espírito, não vive isolado. Ele tem a viva tendência e necessidade de expressar e trocar suas idéias e opiniões com os outros homens, de cultivar mútuas relações. Seria impossível vedar essa interação, porque seria para isso necessário dissolver a sociedade".

A liberdade de opinião prevê a liberdade de consciência e de crença (crença religiosa, convicção filosófica ou política).

A Constituição brasileira assegura o direito do indivíduo seguir qualquer corrente filosófica ou de não seguir nenhuma, encampando o ceticismo.

A liberdade da comunicação consiste num conjunto de direitos, formas, processos e veículos que possibilitam a coordenação desembaraçada da criação, expressão e difusão do pensamento e da informação. é o que se extrai dos incisos IV, V, IX, XII, XIV, do art. 5º, combinados com os arts 220 a 224 da Constituição da República Federativa do Brasil.

As formas de comunicação regem-se pelos seguintes princípios básicos:

a) observado o disposto na CF, não sofrerão qualquer restrição, qualquer que seja o processo ou veículo por que se exprima;

b) nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação;

c) é vedada toda e qualquer forma de censura de natureza política, ideológica e artística.

O art. 5º, V, assegura o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral, ou à imagem.

As normas constitucionais que definem as liberdades são de **eficácia plena e aplicabilidade direta e imediata.**

Vale dizer — opina José Afonso da SILVA (**Curso de Direito Constitucional Positivo**, p. 242) — "que independem de legislação nem de providência do poder público para serem aplicadas". Diz o referido constitucionalista: "O exercício das liberdades não depende de normas reguladoras, porque as normas constitucionais que as reconhecem são de aplicabilidade direta e imediata, sejam de eficácia plena ou eficácia contida".

Não é preciso estender mais esta reflexão acerca do Direito Constitucional para perceber-se que toda e qualquer lei específica, tipificando e penalizando o anti-semitismo é inconstitucional, porque privilegia um grupo (etnia semita) em detrimentos de outros.

Seria o caso dos descendentes de alemães, residentes no Brasil, e que constituem uma população bem maior do que a dos semitas (judeus), exigirem, pelo princípio constitucional da eqüidade, uma lei contra o anti-germanismo. Neste caso, tal como os judeus, que alegando serem vítimas da prática de anti-semitismo, se arvoram em censores do que deve ou não ser publicado no país, os alemães exigiriam a retirada de exibição dos filmes de Spielberg e de outros tantos revanchistas-sensacionalistas e sado-masoquistas hollyoodianos, que difundem mentiras e disseminam o ódio racial.

Baseados no fato de que semitismo, judaísmo e sionismo se confundem numa entidade única e indissolúvel, os cristãos se juntariam ao reclamo dos germânicos, pois não ignoram o fato de que a "sinagoga de Satanás" lhes move uma guerra sem tréguas.

Infelizmente, o Papa João Paulo II contribuiu para o status privilegiado de que desfrutam, hoje, os judeus. Condenando, especificamente, o **anti-semitismo**, deu-lhes armas para combater mais facilmente a Igreja e o Cristianismo, pois calou a voz daqueles que — como Maurice PINAY — tentam prevenir os católicos acerca do plano diabólico que está em curso. (*)

Todo o retrocesso do catolicismo após o Concílio Vaticano II, todavia, não foi julgado bastante. As forças que se erguem contra a Igreja não estão satisfeitas. Tramam a entronização de um Papa não apenas pró-judaísmo, mas de um Papa judeu"

(*) A identidade de Maurice PINAY, cujo livro será muitas vezes citado, poderá ser desvendada pelo leitor impaciente através de consulta aos anexos desta obra. (N.A.)

Jean-Marie Lustiger — o candidato oficial (que é de origem judeu-polonesa, e que até os 14 anos usava o nome hebraico Aaron) nem sequer procura esconder suas intenções, esperando o momento oportuno de agir. Escorraça da França o Abade Pierre por ter ele posto em dúvida o "dogma judaico" do Holocausto, indiferente à ofensa causada ao octogenário santo-homem. Que importa o enxovalho do nome dessa personalidade internacionalmente conhecida, se a contrapartida trouxe satisfação ao rabino Sitruk e aos sionistas?

Informa o jornal "**L'Express**", de Paris, que o cardeal **Lustiger** visita o Papa a cada quinze dias.

Alguém duvida da tempestade que se desenha no horizonte?

III — Revisando a História

O povo hebreu — como denuncia Maurice PINAY (**Complô contra a Igreja**, p. 121 e seguintes) — foi escolhido por Deus como depositário da verdadeira religião, cuja conservação lhe foi confiada, no meio dos povos idólatras, até a vinda do Messias prometido, com o qual se cumpririam as professias do Antigo Testamento. Mas o que é dado observar é que os judeus começaram, já antes da vinda de Cristo, a tergiversar as profecias bíblicas, dando-lhes uma interpretação racista, falsa e imperialista.

A promessa de um verdadeiro reinado de Deus na Terra, reinado espiritual da religião autêntica, interpretaram-na os judeus como o reinado material de sua etnia, como a promessa de Deus aos israelitas de um domínio mundial e da escravização por eles de todos os povos da Terra.

Um exemplo disto está no Gênesis, XXII, 17 / 18, em que o Anjo do Senhor diz a Abraão:

> "Eu te abençoarei e tornarei tão numerosa a tua descendência como as estrelas do céu e como as areias da praia do mar. A tua posteridade possuirá a chave das portas dos teus inimigos."

Os judeus imperialistas têm dado a estes versículos uma interpretação material, ao considerar que Deus lhes oferece, como descendentes consanguíneos de Abraão, o direito de se assenhorear das portas dos seus inimigos. Entendem que só neles, nos da raça judia, poderão ser abençoadas todas as nações da Terra. A Santa Igreja, pelo contrário, interpreta espiritualmente essas profecias. Sob o ponto de vista da Santa Igreja, a vitória conquistada pela vinda à Terra de Jesus Cristo foi a bênção da salvação. Não o triunfo exclusivo do povo descendente de Abraão, mas o de todos os cristãos irmanadados pela Fé, pela fraternidade universal e pela comunhão de ideais.

O versículo 24 do Capítulo VII do Deuterômio, diz:

> "Entregará em tuas mãos seus reis e farás desaparecer-lhes os nomes debaixo do céu. Ninguém te poderá resistir até que os tenhas exterminado."

Esta profecia, que a Santa Igreja relaciona aos reis pecadores que governaram na terra de Canaã, os judeus entendem-na com caráter universal e atemporal, considerando todas as suas revoluções e conspirações contra os reis de todas as épocas, inclusive os da atualidade, de forma explícita ou implícita, utilizando-se das estratégias contidas nos **Protocolos dos Sábios de Sião**.

Mas a mais grave dessas interpretações falsas das profecias bíblicas foi a que se relacionou com a vinda do Messias, redentor do gênero humano, que estabeleceria o reinado do verdadeiro Deus no mundo. Aqui foi onde os judeus se desviaram de forma mais grave da verdade revelada.

Quando Jesus pregou a igualdade de todos os homens perante Deus, os judeus se convenceram de que Cristo com as suas doutrinas demolia as suas equivocadas crenças acerca de Israel como povo escolhido por Deus para dominar materialmente o mundo, anulando ao mesmo tempo a idéia de um povo superior aos demais por vontade divina. As palavras de Jesus jogavam por terra a pretensão judaica, alimentada através de milênios, de que o Messias traria ao "povo eleito" o poder e o direito de escravizar os demais povos e de assenhorar-se de suas riquezas . A mensagem de Cristo representou o fim das ilusões de cunho imperialista.

Premidos entre as alternativas de renunciar aos interesses imperialistas e a de negar o Messias, preferiram esta última: não apenas o negaram como também o condenaram à morte. Caifás, o Sumo Pontífice de Israel, tratou de ressaltar a conveniência de que morresse um homem — Jesus Cristo, para salvar um povo.

Posteriormente ao crime mais perverso e transcendente cometido na história da Humanidade — o assassínio do Filho de Deus, pelos judeus, estes continuaram empenhados nas suas ambições imperialistas, tratando de compilar e justificar, num novo "livro sagrado", as suas falsas interpretações da Bíblia. Assim surgiu o Talmud, espécie de Novo Testamento hebraico, condenado pela Santa Igreja, em que, segundo os judeus, se contém "a mais perfeita interpretação do Antigo Testamento" (vide extrato do Talmud).

Depois surgiu a recompilação da Cabala judia, que quer dizer tradição, na qual foi consignada, também "por inspiração divina" — segundo os judeus — a interpretação esotérica, quer dizer, oculta e verdadeira das Sagradas Escrituras. (Ver extratos da Cabala.)

A Cabala, reservada para os altos dignitários do judaísmo, segmentou a divisão entre judeus e gentios (entre os quais se incluem os

cristãos) aos extremos mais absurdos. Diz Maurice PINAY (**Complô contra a Igreja**, p. 126): "Enquanto que por um lado se rebaixa os gentios à categoria de simples animais, por outro elevam-se os judeus à categoria de deuses, identificando-os com a própria divindade."

Os dirigentes do judaísmo na época de Cristo, sacerdotes, escribas, etc., sentiram que Jesus ameaçava o "brilhante futuro que teria sido concedido ao povo de Israel, como futuro amo do Universo", uma vez que se fossem todos os povos iguais, como o Messias pregava, não haveria lugar na Terra para castas privilegiadas.

O ódio diabólico, o sadismo que os judeus têm demonstrado sempre contra os demais povos, origina-se da falsa interpretação da literatura bíblica, quer dizer, do Talmud e da Cabala.

É natural que a partir dos textos contidos nestas duas fontes tenha surgido e se solidificado uma ideologia de dominação, que leva os judeus a pensar que tudo quanto existe na Terra lhes pertence.

Os falsificadores das Sagradas Escrituras intentaram através do Talmud e da Cabala — fortalecer o imperialismo judaico, dando-lhe o caráter de mandato divino.

> "Vós haveis-me reconhecido como único dominador do mundo e por isso, Eu hei-de fazer-vos os únicos dominadores do mundo." (Chaniga, folhas 3-a e 3-b)

> "Ao melhor dos ímpios, matai-o!" (A boda Sara, 26-b, Tosephot)

Quando os povos cristãos e ímpios abriram generosamente as suas fronteiras aos emigrantes judeus, equiparando-os aos das outras nações, jamais poderiam imaginar que dessem albergue a eternos conspiradores, sempre dispostos a trabalhar na sombra e sem descanso, até dominar o povo ingênuo que lhes abriu as portas.

Sempre que algum país que abrigara os judeus sem pátria, acabou se dando conta do erro que cometera, expulsou-os de suas fronteiras. Foi o que aconteceu na Europa durante séculos a fio. Eles foram escorraçados e se viram forçados a emigrar, constantemente, de um país para outro. Em muitos países tiveram de viver confinados em áreas especiais, os chamados guetos. Os judeus se especializaram na prática de usura (empréstimos mediante a cobrança de juros). Essa ocupação, como não poderia deixar de ser, contribuiu ainda mais para agravar a animosidade conta eles. Alegam alguns autores que era vedada aos judeus a prática de outras atividades, como a agricultura e o artesanato. Fato ocorrido no Brasil (Rio Grande do Sul) em relação à imigração ju-

daica, desmente essa versão. No ano de 1904 uma leva de imigrantes judeus foi instalada na Colônia de Philippson, nas proximidades de Santa Maria, e, outra, em 1911, em Quatro Irmãos, nas proximidades de Erexim. Enquanto as colônias gaúchas, formadas por imigrantes de outras etnias (alemães, italianos, por exemplo), deitaram raízes e progrediram, as colônias judaicas, em pouco tempo, já não existiam. As razões para isso são identificadas por inúmeros autores, dentre eles, Henry FORD (**O Judeu Internacional,** p. 11): "Entre as características mais salientes da raça hebréia, devemos citar: aversão acentuada a todo trabalho material que importe em fadiga; (...) conceito muito elevado de irmandade de tribo; (...) excelente predisposição para o comércio; astúcia e perspicácia para a especulação, principalmente em assuntos de dinheiro; paixão de oriental pelo luxo, o gozo íntimo dos prazeres e do poderio decorrentes de uma elevada posição social..." Historiadores do colonialismo judaico no Rio Grande do Sul (Moyses EIZIRIK, Isaac IZECKSOHN, Eva NICOLAIEWSKY, Erna SCHLESINGER, Guilherme SOIBELMANN, Arnold WIZNITZER, Zeffe AARON e outros), afirmam explicitamente ou deixam transparecer nas entrelinhas, que os judeus vindos para o Rio Grande doSul não se deram bem com a pá e a enxada, e trataram, logo, de dedicar-se ao que sabiam fazer, ou àquilo para o quê demonstravam aptidão. Para os que consideram prática de racismo o simples ato de denunciar as tramas judaicas de conquista do mundo, faz-se as seguintes perguntas?

Quantos negros existem no Brasil?

Quantos judeus existem no Brasil?

Quantos negros existem no Rio Grande do Sul e em cada Estado-membro da Federação?

Quantos negros e quantos judeus ocupam cargos nos primeiros escalões a nível Federal?

Quantos negros e quantos judeus ocupam cargos nos primeiros escalões nos Governos de cada Estado?

Segundo inúmeros órgãos judaicos — como as revistas "**O Hebreu**" e "**Shalom**" — existem, no Brasil, 150 mil judeus, o que corresponde a 0,1% da população brasileira. Pelo menos 70 milhões de brasileiros são negros ou mulatos.

A representatividade da parcela de negros e mulatos deveria ser proporcional ao peso relativo que eles emprestam ao cômputo total da população brasileira — ou seja, de 47 %. No entanto, o que se observa — como denunciou um sindicalista em relação a Eletropaulo — é que os primeiros escalões de Governo, tanto Federal como Estaduais, transformaram-se em "**autênticas sinagogas**". Os 0,1 % dos judeus brasilei-

ros assenhoraram-se da quota de representatividade não só dos negros, mas de todas as outras etnias existentes no Brasil!

O próprio Presidente da República fez questão de pousar de solidéu à cabeça e de visitar o túmulo de rabinos famosos (como o de Simeão Ben Judah, um dos que mais contribuiu para o aumento das páginas do Talmud).

Foto de FHC na parede do escritório do presidente da Federação Israelita paulista, Israel Levin, onde ambos, de solidéu, participam de cerimônia da comunidade. FHC é o representante da comunidade israelita no Senado, juntamente com sua suplente de chapa, a abortista Eva Blay, que se define como "uma judia no Senado". E também o ministro Ricupero, da Fazenda, companheiro de FHC e Rockefeller na entidade internacionalista "Diálogo Interamericano", faz parte do círculo íntimo do presidente da federação Israelita, que afirma *ter orgulho em receber Ricupero em sua casa para jantar*

(Fonte: "Boletim — EP" Nº 12, agosto de 1994, p.3)

Nessa época, o Presidente ainda era senador da República e buscava o "aval" da imprensa judaica e /ou pró-judaica para sua candidatura. Eleito que foi, tratou de reafirmar os seus propósitos:

(Fonte: Jornal "Folha de São Paulo", 24/10/94)

O atual Presidente da República, quando senador, não se limitara a "pousar" mostrando de que lado estava. Subiu a tribuna do Senado para ler manifesto contra o trabalho de pesquisas históricas dos revisionistas. Admitiu que a Constituição impede qualquer arbitrariedade contra a liberdade de pensamento e expressão, mas que fazia questão de registrar "**em seu nome e no da bancada do PSDB, a veemente condenação às publicações revisionistas, e sua solidariedade para com a comunidade israelita**".

É difícil acreditar que um homem da cultura de Fernando Henrique Cardoso, autor de dezenas de obras de sociologia e história, desconheça as razões que decretaram a expulsão dos judeus:

— da França, em 1254;
— da Inglaterra, em 1290;
— da Espanha, em 1492;
— de Portugal, em 1496;
— de Berlim (Alemanha), em 1573;
— da Áustria, em 1670;
— de Praga, em 1745; e
— de Moscou, em 1891.

Também não é dado supor que desconheça o Talmud, a Cabala. Os Protocolos dos Sábios de Sião, as bulas e encíclicas papais que condenaram o judaísmo e exortaram os cristãos a precaver-se contra a "sinagoga de Satanás".

O Talmud claramente assinala que os judeus não devem descansar até que o domínio seja absoluto e incontestável. Os judeus compreenderam, em determinado momento, que a democracia e o capitalismo, que lhes permitiria dominar as finanças dos povos, não lhes proporcionara o domínio absoluto previsto no Talmud. Em razão disso, os judeus Karl Marx e Friedrich Engels "inventaram" um sistema totalitário que lhes assegurasse assumir tanto o poder econômico, como o político, dos povos. A ditadura do socialismo comunista de Marx/Engels permitiu aos judeus alcançar esse domínio absoluto e, por isso, desde que o implantaram na Rússia, trabalharam sem descanso para alastrá-lo por outros países.

Maurice PINAY (**Complô contra a Igreja**), Henry FORD (**O Judeu Internacional**), Louis MARSHALKO (**Os Conquistadores do**

Mundo), Salvador BORREGO (**Derrota Mundial**) e um sem número de outros autores, confirmam que os dirigentes e organizadores de todos os movimentos comunistas anteriores ao estabelecimento definitivo do bolchevismo na Rússia foram judeus na sua quase totalidade, como também a grande maioria dos dirigentes materiais das revoluções a que deram origem.(*)

O Conselho dos Comissários do Povo, órgão máximo do governo bolchevista, estava composto, maciçamente, de judeus: Lenine, Trotsky, Chicherin, Apfelbaum (Zinoniev), Kaufman, Kohen, Steimberg, Knigkisen (Liliana), Larin, Kukorsky, Spitzberg, Urisky (Radomilsky), Lunacharsky, Simasko, Protzian, etc.

No Comissariado do Interior, 10 membros eram judeus, isto é, a sua totalidade; no Comissariado dos Assuntos Exteriores, todos os 17 membros eram judeus; no Comissariado Soviético da Economia, os 14 mais altos cargos eram ocupados por judeus; o mesmo ocorria no Comissariado da Justiça: 10 judeus; no Comissariado do Ensino Público: 8 judeus; no Comissariado do Exército: 14 judeus; no Comissariado de Higiene: 5 judeus; no Soviete Econômico Superior Popular: 14 judeus; no Soviete dos Soldados e Trabalhadores de Moscou: 23 judeus; no Comitê Central do Partido Comunista Soviético: 7 judeus; no Comitê Central do 4° Congresso dos Sindicatos dos Trabalhadores e dos Camponeses Soviéticos: 30 judeus; no Comitê Central do 5° Congresso dos Sindicatos Soviéticos: 59 judeus; nas chefias de Polícia (C.E.K.A.): 34 judeus; no Comissariado do Trabalho, em Moscou: 8 judeus; nos Comissariados Provinciais: 18 judeus; nas redações do "Pravda", "Ekonomichenskaya Zizin" e " Izvestia": 15 judeus; na Comissão para a Detenção dos simpatizantes do Regime Czarista: 5 judeus; na Repartição Central das Cooperativas do Estado: 6 judeus; no Corpo Judicial Superior: 10 judeus; na Academia Socialista de Moscou (professores): 37 judeus; entre os Conselheiros Militares do Governo Comunista de Moscou: 21 judeus; na Secção Filosófica do Proletariado: 11 judeus; de um total de 502 lugares no primeiro escalão do Governo Bolchevista: 459 judeus!

Esta esmagadora proporção de judeus na cúpula do Governo Bolchevista (91%), manteve-se durante o Governo de Lenine e de Stálin.

(*) A Intentona Comunista, desfechada no Brasil, em 1935, só foi chefiada nominalmente por Luís Carlos Prestes. O mentor intelectual do movimento foi o judeu-alemão Harry Berger (ou Arthur Ernest Ewert), sob a supervisão do Comintern. (N.A.)

O resultado disto o mundo, infelizmente conhece: 60 milhões de pessoas assassinadas, segundo o dissidente Alexander Soljenítsin e outras fontes não desmentidas pelo atual Governo russo!

Os mais de 90% de judeus integrantes dos primeiros escalões do Governo, certamente não tiveram nada a ver com o genocídio soviético! Os crimes foram perpetrados pelos 10% restantes! Os judeus, como sempre, não passaram de simples "bodes espiatórios". Eles não participaram de genocídio; pelo contrário, foram vítimas deste crime hediondo: 6 milhões deles foram gaseados pelos nazistas. É provável que em nome das bandeiras levantadas contra 0 anti-semitismo, além de proibir-se duvidar do Holocausto, deve-se, também, incluir os judeus entre os genocidas do bolchevismo soviético!

"É indispensável — alerta Maurice PINAY (**Complô contra a Igreja**, p. 128) — que os cristãos e os gentios acabem por compreender tão tremenda tragédia". E acrescenta: "A existência de um totalitarismo imperialista e cruel, impulsionado por um grupo de místicos, fanáticos e loucos, que realizam todos os seus crimes e todas as suas perversidades crendo firmemente que estão cumprindo com fidelidade os mandatos de Deus, é uma terrível realidade".

"Chega a sua maldade — prossegue PINAY (**Complô contra a Igreja**, p. 128) — ao ponto de crerem moralmente lícito fazer triunfar o ateísmo e o materialismo comunista em todo o mundo de maneira ainda que transitória, enquanto que eles, que são religiosos e crentes, logram destruir o odiado Cristianismo e demais religiões, com o fim de imperar sobre as ruínas de todas elas, e assim poder dominar o mundo".

Existe um abismo imenso entre a religião de Abraão e Moisés e a do judaísmo moderno. É insondável a diferença existente entre o Cristianismo e o judaísmo moderno, podendo-se afirmar que este último é a antítese e a própria negação da religião cristã, contra a qual destila ódio e afã destruidor nos seus "livros sagrados" e nos seus ritos secretos.

A luta de séculos empreendida pela Santa Igreja contra o judaísmo e os seus ritos não teve por origem, como falsamente alguns procuram apregoar, a intolerância religiosa do catolicismo, mas sim a maldade imensa da religião judaica, que representava, como representa hoje, uma ameaça mortal para a cristandade. Foi isso, e tão somente isso, que obrigou a Igreja, tão tolerante a princípio, a adotar uma atitude decidida em defesa da verdade, da cristandade e de todo o gênero humano.

O que os judeus pretendem realmente, ao impor aos católicos a tese de ilicitude de combater a seita judaica, é conseguir a aquisição de

uma nova carta de corso, que lhes permita prosseguir, sem embaraço, nos seus intentos.

Os judeus e seus cúmplices, muitos deles infiltrados na própria igreja, querem assegurar de forma cômoda o triunfo definitivo do imperialismo judaico, uma vez que se os cristãos se abstiverem de contra-atacar e vencer a cabeça de toda a conspiração, os seus tentáculos (comunismo, franco-maçonaria, movimento Nova Era, etc.), com todos os seus derivados, se dedicarão a atacar, de maneira solerte e impiedosa, as instituições religiosas, políticas e sociais da cristandade e do mundo inteiro.

Um dos pontos mais atacados pela cabeça e pelos tentáculos do polvo, em sua ânsia de destruir o Cristianismo, é a política secular da Igreja Católica Apostólica Romana. Um dos pontos mais atacados tem sido o que se refere ao Santo Ofício da Inquisição e aos seus autos-de-fé, que alguns altos próceres da Igreja (inclui-se, aqui, o atual Papa), influenciados pela propaganda maçônica, têm chegado a ver deformados, ao ponto de considerarem que **a Igreja se equivocou na sua política inquisitorial**, chegando ao extremo de tentar evitar esta questão em qualquer controvérsia, manifestando, por vezes, um sentimento de culpabilidade subconsciente.

Cecil ROTH, historiador judeu, em "**Storia del Popolo Ebraico**" (p. 477) afirma:

> "É necessário reconhecer que, do seu ponto de vista, a Inquisição era justa. Raramente procedia sem base séria; e, quando um assunto estava em marcha, o objetivo último era obter a confissão do acusado; esta, unida à expressão do arrependimento, salvava as vítimas dos horrores dos tormentos eternos."

Diz Maurice Pinay (**Complô contra a Igreja**, p. 141):

> "Neste assunto tão controverso, que os inimigos do catolicismo têm considerado o "tendão de Aquiles" da Igreja, é preciso não perder de vista a realidade, no meio do cúmulo de mentiras, distorções, fraudes e embustes históricos, que ocultam a verdade com uma espessa cortina. A política inquisitorial da Santa Igreja, longe de ser algo condenável, algo de que a Igreja tenha de envergonhar-se, foi não só teologicamente justificável, mas de grandes benefícios para a Humanidade, que, graças à Santa Inquisição (chamada Santa por Papas, Concílios, teólogos e Santos da Igre-

ja) se viu então livre da catástrofe que a ameaçava na época (e que a ameaça agora). A Inquisição conseguiu deter durante seis séculos a espantosa revolução mundial judia, que, com forças redobradas, hoje, está a ponto de arrasar tudo e de escravizar todos os homens."

Na sua luta de quase dois mil anos contra a Igreja de Cristo, os judeus empregaram uma arma pérfida de combate — a quinta coluna (infiltração, disseminação de mentiras, ataques através de terceiros, etc.), que foi nascendo à medida que se iam os judeus se convertendo, fingidamente, ao Cristianismo. A "conversão mentirosa" ocorreu em diversos momentos da história, inclusive em relação aos judeus brasileiros.

À época do descobrimento do Brasil, a Coroa Portuguesa tinha seus interesses voltados para as Índias e pouco se importou, durante os primeiros anos do século XVI, com a colonização das terras recém-descobertas da América. Por isso limitou-se a mandar para cá degredados. Informa Pedro CALMON (**História Social do Brasil**, Tomo I, p. 24 e 25): "Entre os primeiros degredados chegados ao Brasil, incluíam-se 250 casos de desterro previstos nas Ordenações, sobretudo pela prática de judaísmo."

Esses degredados — segundo o padre Loretto COUTO (**Diálogo das grandezas do Brasil**, p. 142) — eram "gente de mau viver, que logo renunciaram o trato da terra para tornarem-se negociantes".

Moysés EIZIRIK (**Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul**, p. 15 informa:

> "Entre todas as regiões do mundo, o Brasil foi o país que recebeu o maior número de marranos (assim eram chamados os judeus que tinham emigrado da Espanha para outros países da Europa). Enquanto os que chegavam à Turquia, Marrocos, Holanda e Inglaterra proclamavam abertamente sua condição de judeus, os que vieram ao Brasil, colônia portuguesa sujeita à Inquisição, eram obrigados a conservar em segredo sua fidelidade ao credo dos antepassados."

Os próprios historiadores judeus concordam em que o decreto de expulsão dos hebreus de Portugal, de 5 de dezembro de 1496, foi fraudulento em sua essência, pois tinha por objetivos último, não a expulsão destes, mas alcançar sua conversão. (Na época viviam em Portugal 190.000 judeus, correspondendo a 20% da população do país.)

Na Espanha, somente uma pequena parcela da população judaica se **converteu** voluntariamente, em 1492, com a finalidade de evitar o exílio. Em Portugal, a totalidade dos "**cristãos-novos**" se tornou judaizante, dos quais se dizia que "**eram católicos sem fé e judeus por consciência**". Com a instalação da Inquisição em Lisboa, os judaizantes fizeram o máximo de esforço para deixar Portugal. Espalharam-se por diversos países, inclusive o Brasil, "para onde vieram aos magotes" — segundo Pedro CALMON e Gustavo BARROSO.

Capistrano de ABREU (**Denunciações da Banhia**, p. 214 e 215) afirma:

> "A origem israelita do comércio brasileiro justifica a invencível antipatia entre o agricultor e o mercador, facilmente identificada durante todo o período colonial. E não podia ser diferente, pois enquanto um mourejava, o outro se apossava dos lucros. (...) De fato, os judeus dominavam o grosso trato da Bahia, por ocasião da primeira visitação do Santo Ofício, em 1591."

François PYRARD, um francês em viagem pela Bahia, registrou (In: Padre Simonem MARQUES. **Brasília Pontifícia**, P. 280):

> "(...) mais il n'y a point d' Inquisition, ce qui est cause qu'il y a si grand nombre de christianos nuevos', que sont juifs ou race de juifs fait christians..."

TAUNAY (**Na Bahia Colonial**, p. 291) assim se refere aos cristãos-novos, citando o poeta baiano Botelho de OLIVEIRA: "Eles tinham nas mãos o rosário e no coração as contas..."

O ferino Gregório de MATOS, conhecido como "O Boca de Inferno", não deixou por menos (**Obras**, p. 182): "Quantos com capa cristã, professam o judaísmo, mostrando hipocritamente devoção à lei de Cristo!"

A primeira doação de um feudo brasileiro, recebeu-a um cristão novo! No dia 24 de janeiro de 1504, D. Manuel doou a ilha de São João a Fernando de Noronha. Antes de dividir o Brasil em capitanias hereditárias, a Coroa Portuguesa alienava um quinhão da Colônia a um traficante de pau-de-tinta (pau-brasil, que era a anilina mais utilizada na época). Além da doação de terras, o judeu Fernando de Noronha obteve o monopólio do negócio, pois o rei se obrigou a não permitir a concor-

rência com o pau-brasil de procedência indiana. Inaugurava-se no Brasil, nos idos de 1504, o primeiro "trust" econômico — o "trust das anilinas".

Por volta de 1506 intensificou-se a perseguição aos judeus residentes em Portugal. Compreendeu-se ali, depois de anos de tolerância, que sob a capa dos "cristãos-novos", "batizados" e alcunhados com nomes e sobrenomes portugueses, continuavam a existir apenas judeus, indiferentes aos destinos da Nação que os acolhera, preocupados tão-somente com a própria sorte. Começavam a despertar a repulsa dos portugueses de gema, como aliás ocorria invariavelmente em todas as partes por onde andavam, e a Coroa arrependeu-se do erro cometido. Antes que a Inquisição lhes cortasse as asas, começaram a emigrar em massa para os locais onde não conheciam os seus propósitos. O Brasil foi a terra preferencialmente escolhida. Na Colônia portuguesa de além-mar encontrariam tranqüilidade e segurança. O Santo Oficio não os inquietaria. E de certo modo estavam com razão, porque a ordem dos Dominicanos, à qual quase sempre esteve afeto o Santo Oficio, jamais logrou estabelecer-se no Brasil.

O historiador João RIVEIRO (**História do Brasil**, p. 78) esclarece que "no Reino, as Ordenações puniam com rigor os judaizantes, mas num país bárbaro, em vias de colonização, as leis eram interpretadas com maior benevolência e liberalidade, permitindo o próprio meio, melhor defesa para os acusados, e até mesmo as facilidades de fuga e ocultação".

Quando os piratas franceses, espanhóis e ingleses começaram a ameaçar o monopólio judaico do pau-brasil, a Coroa Portuguesa foi chamada a intervir. Fernando de Noronha e seus colaboradores aqui instalados, e que deveriam como interessados diretos, zelar pela integridade da Colônia, trataram de pedir socorro à metrópole. Afinal de contas, o Talmud lhes ensinava: "Em caso de guerra, sejas o último a partir e o primeiro a voltar."

Por muito tempo, o Brasil continuou servindo de excelente refúgio para os judeus convictos e para os disfarçados (cristãos-novos). Eles vinham aos milhares, infiltrados, por vezes, no próprio cerne do catolicismo. Argeu GUIMARÃES (**Os cristãos-novos portugueses na América Espanhola**, p. 37) alude a um episódio bastante revelador: "No ano de 1581, a Inquisição queimou em Lima (Peru), dois padres portugueses, levados do Brasil, porque os mes-

mos praticavam o judaísmo: frei Álvaro Rodrigues e frei Antônio Osório da Fonseca." (Na época, o Brasil se encontrava sob domínio da Coroa espanhola.)

Quando Portugal decidiu implantar no Brasil agroindústria açucareira, verificou-se que a instalação dos engenhos era extremamente dispendiosa e o retorno de capital não se dava a curto prazo. Muitos pioneiros se endividaram, perdendo o capital inicial e sendo obrigados a desfazer-se das propriedades e benfeitorias. Judeus espertos apareceram no momento propício, adquirindo as plantações e os engenhos, praticamente abandonados, por somas irrisórias, obtendo lucros muito grandes. (Conforme Gustavo BARROSO. **A História Secreta do Brasil**, Vol. I, p. 45)

Diz o citado historiador brasileiro — o mais laureado de todos (autor de mais de 50 obras, tradutor, por duas vezes presidente da Academia Brasileira de Letras, redator de inúmeros jornais, membro de diversos institutos e academias nacionais e internacionais, agraciado com inúmeras condecorações e medalhas nacionais e internacionais):"Toda a História do Brasil é assim: de um lado, o idealismo construtor do português, do brasileiro e do mestiço; de outro, uma realidade — o utilitarismo oculto do judeu, explorando as obras do idealismo alheio."

(**A História Secreta do Brasil**, Vol. I, p. 45)

A agroindústria açucareira só podia ser movida à força de braços. Como o indígena se mostrou rebelde à escravidão, a Coroa portuguesa se viu forçada a buscar outra alternativa. E veio da África a solução para a carência de mão de obra. Informa Gustavo Barroso (Op. cit. p; 46/47): "O judaísmo descobriu um negócio novo e lucrativo: **o tráfico de negros**. (...) O fidalgo, o agricultor, o 'gentilhomme-compagnard', o 'hobereau', riqueza social de todos os países, ligado profundamente à terra por tradição, pela alma e pelo interesse é encontrado, sempre, no Brasil Colonial, encabeçando todas as iniciativas com sua coragem e idealismo. À sua sombra caminha, negaceando, o judeu, buscando o proveito de suas conquistas com o menor risco possível."

Rodolfo GARCIA (**Os Judeus na História do Brasil**, p. 49) assim se refere à imigração judaica, ocorrida durante o período colonial brasileiro:

> "A enxurrada judaica encheu o Brasil que amanhecia, atirando-se aos negócios do açúcar, do tráfico escravo e de mascate.

> Dia-a-dia crescia o número de israelitas nos primeiros núcleos da população. Suas sinagogas, que o povo denominava de "esnogas", multiplicavam-se. Havia em casas particulares, como as de Matuim, na Bahia, na residência do cristão-novo muito conhecido — Heitor Antunes. Havia nos próprios engenhos, como no do cristão-novo Bento Dias de Santiago, em Camaragibe, onde nas luas novas de agosto, em carros enramados, os judeus da terra iam celebrar o "Yon Kippur" e outras cerimônias do rito judaico."

Depois de apoderar-se de boa parte dos engenhos açucareiros, pelos métodos já descritos, trataram os judeus de controlar outro setor grandemente lucrativo: o tráfico negreiro.

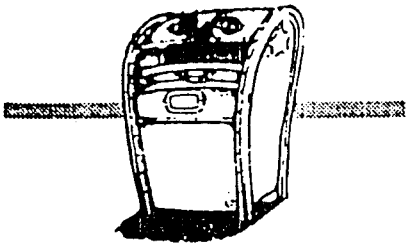
Registra o historiador francês A. COCHIN (**L'Abolition de l'Esclavege**, p. 281): "Visando os lucros fáceis do comércio de escravaria, por si só ou pelos seus prepostos, a judiaria da Espanha e de Portugal se entregou ao tráfico."

De conformidade com Pedro CALMON (**História Social do Brasil**, p. 26), "o negócio de escravos se tornou o mais lucrativo e amplo da terra".

O século XVI, segundo a totalidade dos historiadores comprometidos com a verdade, é a época áurea do comércio negreiro. Os judeus o exercem manobrando habilmente por trás do governo inglês, conquistando desde Cromwell, de cujas boas graças dispusera à vontade o riquíssimo cristão-novo Antônio Carvalhal.

Pois, com base na ignorância desses fatos por parte da maioria dos brasileiros (os livros de Pedro CALMON, Gustavo BARROSO, Loretto COUTO, Capistrano de ABREU, Solidônio LEITE FILHO, João RIBEIRO e uma série de outros historiadores, foram colocados no índex das "obras perigosas", e sumiram das classes escolares), para calar o revisionismo histórico os judeus não se constrangem em buscar apoio das entidades representativas dos negros, acusando os revisionistas de "racistas".

Nem todos, porém, embarcam nessa "canoa furada". Leia-se a opinião do leitor de "RS", Ademar Silva Teixeira, de Rio Grande-RS:



cartas

Racismo

ADEMAR SILVA TEIXEIRA, RIO GRANDE: "Sou negro. Há vinte anos seria preto. Não preciso que ninguém me explique o que é racismo. Sou, no entanto, um negro sem rancor. Não quero legar para os meus filhos as humilhações que passei. O Brasil não foi a terra dos meus avós ou bisavós, mas é a minha terra. Quero colaborar com todas minhas forças para que ela se torne um grande país de homens realmente livres. Eis a razão de minha carta. Acompanho, mesmo distante, a discussão que existe na capital sobre um determinado livro. Não li a obra. Acho, porém, que se vamos discutir racismo não podemos ficar apenas dentro da ótica judaica. Quantos judeus foram aniquilados? 3 milhões? 6 milhões? Mesmo que fossem 12 milhões, ainda assim seria um número insignificante diante do que fizeram à raça negra. Em dois séculos, 100 milhões de negros foram arrancados de seus lares e vendidos como escravos. 20 milhões que recusaram o cativeiro se mataram ou foram mortos pelos traficantes. Pelo menos outros 30 milhões morreram debaixo de tortura na América e no Oriente Médio. É o maior e o mais horrendo genocídio de todos os tempos. Não há ninguém de raça branca que possa apresentar as mãos limpas no sangue negro. Até mesmo os judeus, que agora clamam contra o racismo, participaram desse crime. Eles eram acionistas principais das companhias inglesas e holandesas que exploravam o tráfico de escravos. Ainda agora na África do Sul, a colônia judaica apóia o regime do 'apartheid'. O Estado de Israel é amigo e aliado do governo sul-africano, para quem vende armas e segredos atômicos. Nunca li ou ouvi uma única palavra de protesto de líderes, políticos ou escritores de origem judaica contra esse estado de coisas, que me parece bem mais repulsivo do que um simples livro. Luta contra o racismo? Nosso aplauso e nosso apoio. Mas que seja contra todos os racismos e não apenas contra os prurídos de alguns brancos melindrados. Como gosto por demais do RS, se essa pequena carta causar problemas aos senhores, não a publiquem. Eu compreenderei a sua posição".

RS: Ademar, o dia em que não tivermos condições de publicar uma carta como a sua, bela e generosa, fecharemos o nosso semanário e iremos para casa. Muito pelo contrário, queremos publicá-la para que ela fique gravada no coração de todos que, como nós, lutam por um Brasil livre de todos os preconceitos e de todas as mesquinharias.

No Brasil, como em outras partes do mundo, o principal braço judaico a tecer urdiduras e tentar estrangular o Cristianismo, é a maçonaria.

As idéias e rituais maçônicos originaram-se no período da construção das catedrais, do século X ao século XVII. Naquela época, os pedreiros (maçons, na língua francesa) formaram associações chamadas **guildas** em várias cidades da Europa.

Os ritos e símbolos da maçonaria estão intimamente ligados à Cabala e ao judaísmo: a reconstrução do Templo de Salomão, a estrela de David, o Selo de Salomão, os nomes dos diferentes graus (Cavaleiro Kaddosh, Príncipe de Jerusalém, Príncipe do Líbano, Cavaleiro da Serpente de Airain, etc.).

Afirma Maurice PINAY (**Complô contra a Igreja**, p. 95), depois de questionar — "Quem são os verdadeiros dirigentes da maçonaria?":

> "Este é um dos mistérios da seita, um dos segredos mais cuidadosamente guardados; mas pode assegurar-se que o trabalho maçônico no mundo inteiro se desenvolve de acordo com um mesmo plano, que os seus meios são sempre e em toda parte idênticos, e que os fins perseguidos são constantemente os mesmos. (...) A própria finalidade da maçonaria, a destruição da civilização cristã, mostra-nos unicamente o judeu, porque só o judeu pode resultar beneficiado e unicamente o judeu está animado por um ódio suficientemente violento contra o Cristianismo para criar uma organização semelhante."

Com isto concorda Léon de PONCINS (**As Forças Secretas da Revolução,** p. 40/41):

> "A franco-maçonaria é uma **sociedade secreta, dirigida por uma minoria internacional** e que jurou um **ódio implacável ao Cristianismo**. Estes três aspectos característicos são precisamente os mesmos que definem o judaísmo e constituem a demonstração de que os judeus são o elemento diretor das lojas maçônicas."

Sua Santidade Leão XIII, na sua Encíclica (Humanum Genus", de 1884, afirma literalmente:

"Os Pontífices Romanos, nossos antecessores, velando solícitos pela salvação do povo cristão, depressa conheceram quem era e o que queria este capital inimigo que apenas assomava de entre as trevas da sua oculta conjura, e como, declarando o seu santo-e-senha, admoestaram com previsão príncipes e povos a que não se deixassem prender nas artimanhas e ciladas preparadas para os enganar.. Deu-se o primeiro aviso do perigo no ano de 1738, pelo Papa Clemente XII (Constituição In eminente, die 24 Aprilis 1738) cujo teor confirmou e renovou Benedito XIV (Constituição Providas, die 18 Maii 1751). Pio VII (Constituição Ecclesiam a Jesu Christo, die 13 Septembris 1821) seguiu o exemplo de ambos, e Leão XIII, incluindo na Constituição Apostolica Quo Graviora (Constituição data die 13 Martii 1825) o decretado nestamatéria pelos anteriores, o ratificou e confirmou para sempre. Papa Pio VIII (Encyclica Traditi, die 21 Maii 1829), Gregório XVI (Encyclica Mirari, die 15 Augusti 1835) e Pio IX (Encyclica Qui Pluribus, die 25/11/1816. Alloc. Multiplices inter, die 25 September 1865, etc.), por certo, repetidas vezes, falaram no mesmo sentido.
Agora, a exemplo de nossos predecessores, resolvemos declararnos de frente contra a mesma sociedade maçônica, contra o sistema de sua doutrina, suas intenções e maneira de sentir e obrar, para cada vez mais pôr à clara a sua força maléfica e impedir assim o contágio de tão funesta peste.
Não pode a árvore boa dar maus frutos, nem a árvore má dar bons frutos, e os frutos da seita maçônica são, além de danosos, acerbíssimos. Porque de certíssimos indícios resulta o último e principal de seus intentos, a saber: o de destruir até aos fundamentos toda a ordem religiosa e civil estabelecida pelo Cristianismo, levantando à sua maneira outra nova com fundamentos e leis extraídas das entranhas do naturalismo e do judaísmo."

Assegura o cardeal José Maria Caro, Arcebispo de Santiago do Chile (**O Ministério da Maçonaria**, p. 267/268):

"A Igreja Católica vem sendo sitematicamente atacada, hoje, como nunca o foi durante séculos, e este ataque é quase exclusivamente obra dos judeus através de sua organização de batalha — a maçonaria. (...) Além disso, as relações da maçonaria ou do judaísmo perseguidor da Igreja Católica e de todo o Cristianismo é coisa pública, como é a relação do judaísmo com a maçonaria."

No Brasil, a acumulação de riquezas e o assalto às fortunas públicas e particulares, como já foi sintetizado, foram levados a cabo pelo monopólio do pau-brasil, pela especulação sobre a agroindústria açuca-

reira, pelo tráfico negreiro, o açambarcamento de gêneros (mascateagem), estanco de produtos, desapropriação forçada de minas, contrato dos diamantes, contrabando e toda uma série de expedientes descritos e comprovados pelos historiadores hoje "postos na geladeira".

Mas não parou aí a ação judaica no Brasil. Utilizaram-se os judeus, para a dominação econômica e política do Brasil, de seu tentáculo mais poderoso e eficaz — a maçonaria. À sombra desse "maravilhoso agente" — afirma Gustavo BARROSO (**A História Secreta do Brasil**, Vol I, p.146) — "a dominação judaica se estabeleceu e foi passando despercebida do comum dos mortais, com o segredo maçônico disfarçando, escondendo e protegendo o poder oculto internacional."

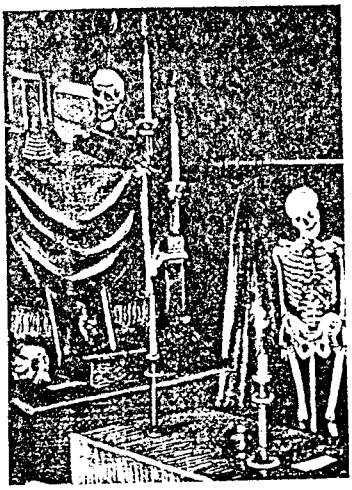
No Brasil, as lojas maçônicas datam dos últimos tempos do regime colonial, tendo precedido de um quarto de século a transladação da corte de D. João VI para o Rio de Janeiro. Umas foram instaladas sob os auspícios do Grande Oriente português; algumas sob os da França, e outras, independentes deles. Todas de rito adonhiramita.

Tão logo o Brasil se tornou independente, fecharam-se sobre ele as duas poderosas garras da dominação internacional: as da maçonaria, através do poder das idéias, e as do capitalismo internacional, através dos empréstimo. Os povos recém-libertos pediam cartas constitucionais e os governos desses povos pediam dinheiro. A maçonaria dava as cartas constitucionais; o judaísmo dava o dinheiro. Assim, os poderes políticos minguavam diante dos poderes secretos e dos poderes financeiros. Desta sorte, as soberanias nacionais nasciam já submetidas diante da internacional maçônica e da internacional bancária, ambas manipuladas pelos judeus.

Especificamente contra a Igreja Católica, a maçonaria pôs as mangas de fora no curso do Segundo Reinado. Na época, esta sociedade secreta manipulando homens como Napoleão III, Vitor Emanuel, Cavour, Mazzini, Rattazi, Kossuth, Garibaldi e outros, instigara revoluções na Alemanha, na Áustria, na Hungria, na Itália e no Brasil (Revolução Farroupilha e Cabanagem). Desencadeara guerras, atara e desatara alianças, erguera e derrubara governos. Execrava o Papa, cujo poder temporal queria destruir. Detestava os Bourbons e todas as dinastias católicas.

O judeu Julio Frank introduzia a Burschenchaft na Faculdade de Direito de São Paulo, colocando o Direito sob o controle da maçonaria.

Saldanha Marinho, imagem viva do ódio anti-cristão e da blasfêmia, presidente da irmandade de Santa Rita e grão-mestre, difundia frase significativa (Cf. Frei Luís de GONZAGA. "**Monseigneur Vital**", p.177): "**A vida no Brasil depende do aniquilamento de Roma.**"

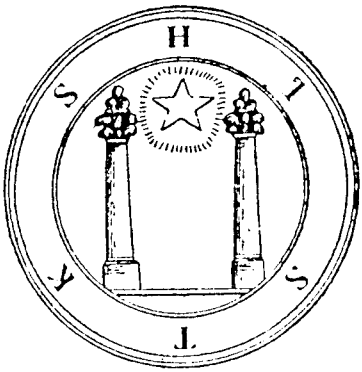


Aspecto de um recinto de sessões da Burschenschaft

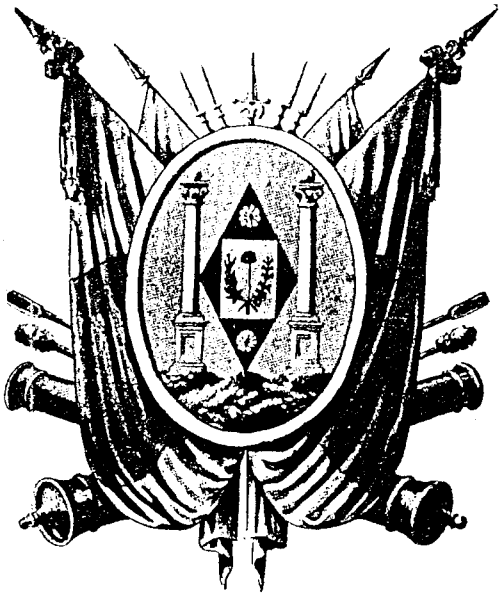
Símbolos usados pela Burschenschaft.

O casamento de Leopoldo Rotschild na Sinagoga Central de Londres — Gravura do "Crapavillot" de Paris, nº especial de setembro de 1936. O dote dos noivos foram títulos da Colônia do Brasil...

(Fonte: " A História Secreta do Brasil", de Gustavo BARROSO)



As duas colunas maçônicas, Jakin e Booz, Boaz ou Bohaz, segundo a fig. 4 do t. VI da obra "Biblioteca Maçônica ou Instrução Completa do Franco-Maçon", dedicada aos Orientes Lusitano e Brasileiro por um Cavalheiro Rosa-Cruz, Aillaud, Guillard & Cia., Paris, 1864. Compare-se o símbolo com o brasão do Rio Grande do Sul. A maçonaria tem toda a razão, quando afirma oficialmente que são maçônicas as insígnias do Estado.



Na seção livre do "Correio do Povo" de Porto Alegre nº de 24 de setembro de 1935, em artigo sob o título "Maçonaria **versus** Integralismo", a maçonaria riograndense declarou **oficialmente** o seguinte: "As **insígnias do Estado**, as proclamações da época, tudo quanto existe de autêntico sobre a grande revolução servem para atestar a estruturação **genuinamente maçônica** do movimento." Refere-se à revolução dos Farrapos, de 1835 a 1845.

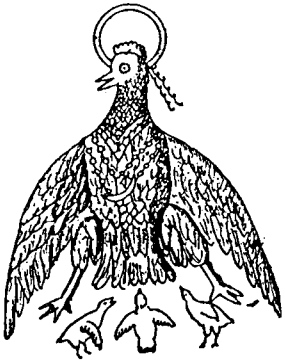
Estudemos essas insígnias maçônicas no seu painel oficial do tempo da revolução, aqui estampado. No meio de um troféu de armas e bandeiras, um escudo oval, tendo duas colunas plantadas sobre rochedos, e, no meio delas, um losango com rosáceas às pontas e um quadro, em que o barrete frígio republicano repousa sobre uma haste, entre dois ramos.

Analisemos documentadamente os símbolos ai contidos. O barrete frígio se encontra entre rosáceas simbólicas, que, mais tarde, se transformarão em estrelas. Essas rosáceas são as do Sephiroth da Cábala, como se pode facilmente verificar na gravura colorida que abre o cap. XXI da grande obra de Manly P. Hall. "Encyclopedia of masonic, hermetic and rosicrucian symbolical philosophy", São Francisco, 1928.

(Fonte: "A História Secreta do Brasil", de Gustavo BARROSO — Revisão Editora, 1993)

John Bull acorrentado por Israel
(Caricatura inglesa)

James de Rothschild
(Um dos Reis do Brasil)



SUCCOTH-BENOTH, a galinha preta do Kahal, conforme o desenho da página 58 do livro de Eliphas Lévi, "Les Mystéres de la Kabbale". É — diz esse autor — **la poule noire des sorciers**, a galinha preta dos feiticeiros.

NERGAL ou ABRAXAS, o galo ritual misterioso da KABBALAH judaica, segundo o desenho da página 57 do livro de Eliphas Lévi, "Les Mystéres de la Kabbale".

(Fonte: "A História Secreta do Brasil", de Gustavo BARROSO)

Na época dos acontecimentos a seguir narrados, os dois Grandes Orientes Maçônicos brasileiros estavam em ligação íntima com a maçonaria internacional. O do Vale dos Beneditinos com o Grande Oriente da França e o do Vale do Lavradio com a maçonaria italiana. O povo carioca designava ambos os grupos de "Maçonaria Imperial", já que agiam em conluio, possuíam inúmeros jornais e dirigiam os negócios do Império. Seus jornais expunham ao ridículo os dogmas fundamentais da Igreja Católica, zombavam das coisas sagradas e espalhavam por toda a parte o espírito de irreligiosidade, sob a cortina de fumaça de um anti-clericalismo patriótico. Abusavam das calúnias e das injúrias (como ocorre, hoje, em relação ao clero dos Estados Unidos).

Seus principais jornais eram:

— "A Família", no Rio de Janeiro (Corte);
— "A Família Universal" e "A Verdade", no Recife;
— "O Pelicano", em Belém;
— "O Labarum", em Maceió";
— "A Fraternidade", em Fortaleza;
— "A Luz", em Natal;
— "O Diário de Campinas", em Campinas;
— "O Correio Paulistano", em São Paulo.

Estes dois últimos obedeciam à orientação da Burschenchaft ("Bucha"), que se escondia muito mais secretamente do que a própria maçonaria, e da qual raríssimas pessoas suspeitavam naquele tempo.

Tudo começou no dia 2 de março de 1872, quando o Grande Oriente do Lavradio deu uma festa solene em regozijo à Lei do Ventre Livre. Aproveitou-se a ocasião para tentar desacreditar o conde d'Eu, genro do Imperador (esposo da princesa Isabel), que voltara coberto de louros do Paraguai. Afirmam unanimente os historiadores que Gaston de Órleans se portava com admirável correção, não se envolvendo com questões políticas. Insistiram em convidá-lo a comparecer à festa, alegando todos os pretextos. O príncipe, além de avesso à política, era católico praticante e, negou-se a abrilhantar as festividades maçônicas. Jamais a maçonaria lhe perdoou o agravo. O conde d'Eu — segundo Luiz da Câmara CASCUDO. **Conde d'Eu**, p. 60 — "não era e não quis ser maçon" e, por isso, a monarquia assinou o seu atestado de óbito no Brasil.

Nessa festa, o **padre maçon Almeida Martins** pronunciou um discurso de elogio a Rio Branco e à seita maçônica, publicado no dia seguinte no jornal "**O Comércio**", com a sua assinatura e o seu grau nas lojas. O discurso laudatário do padre Almeida pareceu mais uma provocação às autoridades eclesiásticas do que uma homenagem ao barão do Rio Branco. O bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, mandou chamar o sacerdote transviado e exortou-o a abjurar o erro. Ele recusou, apoiado pela maçonaria, cujo objetivo era, justamente, o de provocar um confronto com as autoridades eclesiásticas brasileiras. Em conseqüência desse ato de clara insubordinação, o bispo aplicou-lhe a pena devida, suspendendo-o. Foi um Deus nos acuda! A maçonaria declarou-se ferida em seus brios.

Em reunião de 16 de abril, o Oriente do Lavradio nomeou uma comissão para tratar do assunto e angariar fundos a fim de mover uma campanha contra o episcopado brasileiro. Logo os dois Orientes aparentemente rivais (Vale do Lavradio e Vale dos Beneditinos) se uniram em torno do mesmo desiderato.

De acordo com inúmeros historiadores, o próprio José Maria da Silva Paranhos (barão do Rio Branco) tratou de capitanear a luta contra a religião do Estado!

A onda de diatribes contra a Igreja Católica logo se espalhou pelas províncias onde a maçonaria mantinha lojas. Até mesmo no longínquo Pará, nas margens do Amazonas, a grita se fez ouvir com grande estardalhaço. Num de seus violentos artigos, "**O Pelicano**" jurava que o aniquilamento da Igreja Católica no Brasil era mera questão de tempo.

Em Pernambuco, "**A Família Universal**" e "**A Verdade**" não deixaram por menos: exigiam que o Governo Imperial banisse o catolicismo do Brasil, expulsando "**os agentes de Roma**". Não contavam com um adversário movido por alto escopo e determinação, imbuído de fé em Cristo, disposto a não ceder um milímetro à "sinagoga de Satanás". Era um jovem frade franciscano, bispo de Olinda, firme nas suas convicções e armado daquela coragem peculiar aos apóstolos de Cristo: frei Vital Maria de Oliveira.

O Bispo D. Vital

A 24 de maio de 1872, com 27 anos de idade, assumira a diocese de Olinda. Nos primeiros dias de junho, o jornal maçônico "**A Família Universal**", iniciava seus ataques contra ele. A 24 de junho, "**A Verdade**" convocava os maçons para uma missa a ser realizada na Igreja de São Pedro, em comemoração ao aniversário de uma loja maçônica. O jovem bispo, com toda a prudência, enviou ao clero uma ordem reservada, proibindo a referida missa. Revidaram os jornais: "Tenha coragem! Saia em público! É bispo brasileiro ou agente do governo de Roma?"

Frei Vital resistiu às provocações e só a 21 de novembro enviou uma pastoral ao seu clero, aconselhando os párocos a acautelarem suas ovelhas contra a maçonaria.

Como o bispo não replicasse às contínuas invectivas da seita, ela estampou na imprensa o nome de seus veneráveis, vigilantes, secretá-

rios, oradores e irmãos que faziam parte das irmandades religiosas, alegando que seus membros eram "excelentes católicos", que não se submeteriam aos arbítrios (?) do bispo.

Respondeu-lhes Dom Vital com absoluto silêncio. Os jornais, então, se lançaram ao combate cerrado. Numa verdadeira orgia de artigos atacaram a Virgem Maria, a Graça, a Santa Eucaristia, os Santos, a Santíssima Trindade. Usaram de tal impiedade de linguagem e sentimentos, que o mais frio e insensível dos católicos se sentiria ofendido. O bispo deixara de lado o que se lhe referia pessoalmente, mas não podia mostrar-se indiferente ao que tocava aos sacramentos e aos mistérios. Mandou uma circular ao clero para que fosse desagravada a Virgem Maria, tão vilmente ofendida.

A maçonaria considerou-a uma provocação e retrucou com as listas completas e pormenorizadas dos membros do clero e das irmandades filiados às lojas.

O bispo chamou os membros do clero ao palácio da Soledade (bispado de Olinda) e admoestou-os. Todos, menos dois, abjuraram a maçonaria. Com os membros das irmandades não se deu o mesmo: todos persistiram na prática condenada pela Igreja.

A 28 de dezembro de 1872, Dom Vital recomendou aos vigários que intimassem os maçons pertencentes às irmandades a abjurar a maçonaria ou a deixar as irmandades.

Os maçons não se sujeitaram à alternativa imposta pelo bispo. Viu-se este, então, obrigado a interditar as irmandades rebeldes. Esse interdito alarmou o governo maçônico de Rio Branco.

É interessante ressaltar, aqui, que fora o Ministro da Justiça, João Alfredo Corrêa de Oliveira, maçon notório, quem indicara Dom Vital para a diocese de Olinda e o propusera à Santa Sé. (o antecessor de Dom Vital, o bispo Cardoso Aires, pretendera informar-se da atuação das lojas maçônicas no seio do clero e das confrarias, morrendo, "misteriosamente", envenenado.) Julgara o Ministro Corrêa de Oliveira que seu jovem patrício, frei Vital, devido à mocidade e inexperiência, seria facilmente manobrado. Constatava, agora, que tinha cometido um grande engano. Frei Vital se revelava um prelado enérgico, tenaz, disposto à luta.

O Ministro escreveu uma carta íntima a Dom Vital, "confessando ser maçon, iniciado havia quinze anos, conhecedor da seita, cujos objetivos eram dignificantes". Julgava a maçonaria uma "sociedade beneficente, inocentíssima, admitida em todos os países do mundo". "Não sei

como — dizia na carta — poderia o Governo proibir as sociedades maçônicas que se compõem de católicos, que não têm fins contrários à religião do Império, e que, dado que os tivessem, trabalham à portas fechadas..."

Afirmava o Ministro, simplesmente, que não se pode proibir o que é feito às escondidas!

Finalizou a carta, concitando o bispo à prudência e à moderação. Aliás, outra não vinha sendo a atitude de Dom Vital.

Os jornais maçônicos intensificaram os insultos. O jornal "**A Fraternidade**", de Fortaleza, desafiou o bispo de Olinda a escolher: "Ou católico com Pio IX, ou brasileiro com a **judaico maçonaria**!" (Frei Luiz de GONZAGA. "**Monseigneur Vital**", p. 122)

A alternativa é notável — como observa Gustavo BARROSO —, pois nela um órgão maçônico brasileiro reconhece que a maçonaria é judaica, dirigida por judeus!

Em Recife houve tumultos, com **padres espancados e assassinados, com ameaças aos colégios de religosos e orfanatos, com profanações e sacrilégios em capelas**. (Cf. Antônio Macedo COSTA . **A Questão Religiosa no Brasil**, p. 76 — Frei Félix de OLIVOLA. **Um Grande Brasileiro**, p. 83 — Frei Luiz de Gonzaga. "**Monseigneur Vital**", p. 111)

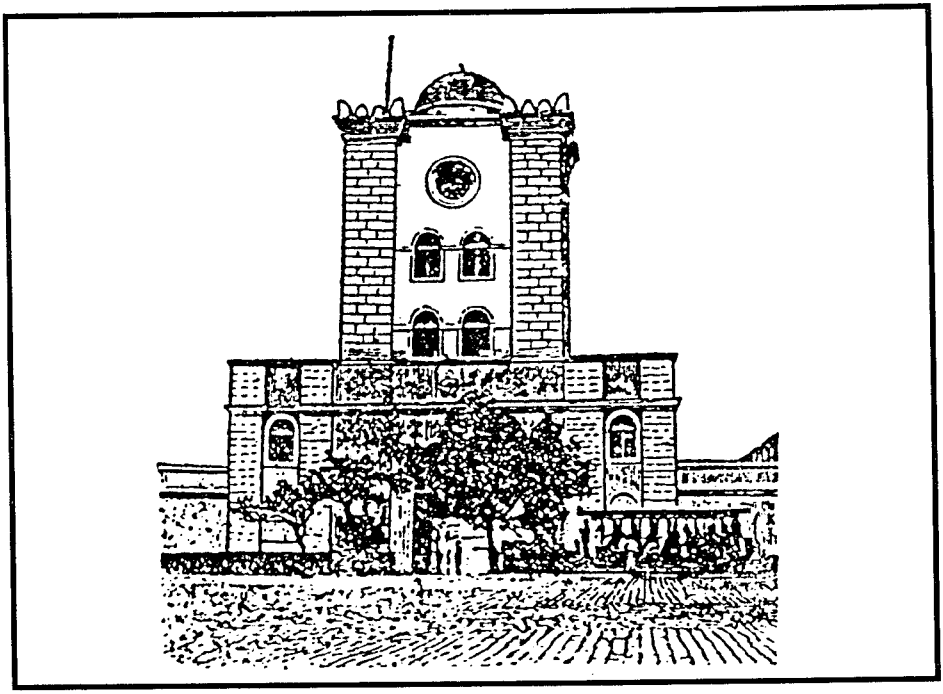
Nada atemorizava o bispo de Olinda, nem mesmo o risco de repetir a sina de seu antecessor.

As irmandades apelaram para o Governo Imperial. Profunda hipocrisia. A maçonaria apelava para a maçonaria!

O Ministério da Justiça, tendo falhado com sua epístola de convencimento, intimou, em 2 de junho de 1872, o levantamento do interdito às irmandades rebeldes. Parece absurdo, mas é a verdade, o Estado interferia em matéria religiosa, como se fosse possível obrigar um padre a rezar missa, administrar sacramentos, ou proibir-lhe de fazê-lo!

O bispo, com serenidade, mas com argumentos insuperáveis, sustentou brilhantemente a legalidade de seu ato na esfera judicial. Ele não extrapolara de suas atribuições, não contrariara, de nenhum modo, as leis do Império. Agira dentro de suas atribuições como bispo.

A 2 de dezembro de 1873, foi pronunciado como incurso no artigo 96 do código criminal e, a 2 de janeiro de 1874, preso e recolhido ao Arsenal da Marinha do Recife.



Arsenal de Marinha - Recife - Torre de Malakoff.
Aí esteve preso o Bispo D. Vital.

Saldanha Marinho, sob o pseudônimo de Ganganelli, exultava. (Gustavo BARROSO. **A História Secreta do Brasil**, Vol VI, P. 17): "**Parabéns ao Brasil!**"

Parabéns aos edis de centenas de cidades brasileiras como os de Pelotas — RS — que homenagearam Saldanha Marinho, com um nome de rua, e esqueceram o grande brasileiro que foi Dom Vital Maria de Oliveira!

Acreditam os historiadores comprometidos com a "verdade histórica" e não com a "verdade conveniente", que o Imperador participou desse episódio como cúmplice voluntário da maçonaria. E apontam o motivo pelo qual assim agiu. Em sua viagem à Europa, em 1869, Dom Pedro II em visita a Pio IX, teria sugerido à Sua Santidade a aproximação com Vitor Emanuel (em litígio com a Igreja). O Papa julgara a ingerência inconveniente e a cortara. Dom Pedro II teria guardado rancor pela atitude do ocupante do Trono de São Pedro.

Em Carta Pastoral, escrita nove meses depois de sua prisão, Dom Vital Maria de Oliveira desvendava o futuro:

"A Igreja nasceu, cresceu e vigorou no seio das perseguições, e por isso nada há que recear. Mas o que se pode dizer em relação ao Estado? Apenas o futuro encarregar-se-á de nos responder!"

A resposta veio em 15 de novembro de 1889. As mesmas forças que manipulavam os cordéis do destino do Brasil, entenderam que o Império já não lhes servia.

O fato aqui relatado é um simples exemplo do que ocorreu no Brasil sob a égide judaica. Não é possível alongar essa abordagem. O leitor interessado em aprofundar conhecimentos sobre a matéria poderá recorrer à bibliografia indicada no final deste trabalho. São obras que se encontram à venda ou se acham disponíveis nas bibliotecas por onde não passou a censura. O Exmo. Sr. Desembargador João Andrades de Carvalho, com respeito às maquinações dos guardiões da "verdade conveniente", que exigem a retirada de circulação de livros que contrariam os seus interesses, declarou:

"A Constituição é brasileira, feita para brasileiros. Somos um povo pobre, mas dispensamos os guardiões da nossa consciência."

Ocorre que a "Bucha" não deixou de semear seus frutos podres e comprometidos com o "poder oculto". A liberdade de pensamento e expressão, que deveria ser consagrada com a rapidez do relâmpago, porque é direito constitucional claro e inalienável, é motivo de discussão, de protelações, de táticas processuais que nada têm a ver com o mérito, porque as mesmas forças que calaram a voz de Frei Vital, e que o trancafiaram na prisão, continuam a mover as pedras de xadrez, sob a inércia, o descaso, o comprometimento, ou a ignorância de milhões de brasileiros.

As táticas de desmoralização daqueles que se atrevem a enfrentar o judaísmo e sua criatura, a maçonaria, são bastante comuns na história da humanidade. As vicissitudes experimentadas no século passado por Dom Vital Maria de Oliveira repetiram-se na Europa no decorrer do presente século.

O judaísmo-bolchevismo, antes de assassinar a família real russa, já cuidava de anunciar o nefando crime:

S. M. o Czar Nicolau II da Rússia em forma de galo-capores, num cartão de Boas-Festas do Kahal, distribuído em setembro de 1913. O original do cartão se acha conservado no arquivo do coronel Fleischhauer, em Erfurt. O anúncio da morte precedeu de cinco anos o crime...

(Fonte: A História Secreta do Brasil, de Gustavo BARROSO)

O líder nazista na Suíça, Wilhelm Gustloff, representado como **galo-kapporath** pouco tempo antes de ser assassinado pelo judeu David Frankfurter, no nº 2 de 1936 da revista maçônica suíça "Nebelspalter". Tudo isso mostra as ligações secretas do judaísmo com a maçonaria.

(Fonte: A História Secreta do Brasil, de Gustavo BARROSO)

Na Alemanha, tão logo Hitler assumiu o poder (30 de janeiro de 1933, o judaísmo internacional lhe declarou guerra como comprovam os fatos. O próprio ex-Presidente Getúlio Vargas, através do **Diário** recentemente publicado, confirma a guerra econômica movida contra a Alemanha, muito tempo antes do início "oficial" da Segunda Guerra Mundial. Já em 1933, o órgão máximo do judaísmo internacional — o

Kahal — cuidava de ridicularizar Adolf Hitler. As chamadas "Leis Raciais de Nuremberg", restringindo o direito dos judeus na Alemanha, só seriam promulgadas em 28 de outubro de 1935, cinco anos depois que circulou o cartão de Boas Festas abaixo:

Cartão de Boas-Festas do Kahal, em setembro de 1933: Adolfo Hitler figurando como galo do sacrifício. O original no mesmo arquivo.

(Fonte: A História Secreta do Brasil, de Gustavo BARROSO)

A guerra movida pelo judaísmo internacional contra a Alemanha nacional-socialista, circunstância responsável pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, é, hoje, fato inquestionavelmente comprovado. Não cabe discutir aqui essa realidade histórica. Os interessados em tomar conhecimento do assunto poderão recorrer a extensa bibliografia revisionista hoje existente.

Desde meados do século passado, mas de maneira avassaladora na atualidade, os judeus começaram a apossar-se dos meios de comunicação de massa. Eles dispõem, hoje, a seu talante, das principais fontes de informação do mundo inteiro (veja-se o caso do Brasil), o que lhes dá a faculdade de manipular a opinião pública mundial. O maior perigo consiste na maneira por que se "fabricam" as notícias e como se vai moldando o pensamento de povos inteiros. Quando alguém se dá conta dessas manipulações e procura despertar a atenção pública, revelando a presença indefectível da mão hebréia nessas cartadas, levanta-se, imediatamente, um grande clamor da imprensa mundial contra o "**iníquo anti-semitismo**".

À medida em que a lei do silêncio, imposta através de inúmeros instrumentos de pressão, cala a voz daqueles que ainda ousam prevenir os incautos, mais e mais se fortalecem os grilhões da servidão.

IV — Judaísmo x Cristianismo

"Para toda a seita crente em Jesus Cristo, o Messias aparece como o símbolo de tudo o que é limpo, são e digno de amar. Para os judeus, a partir do século quarto, é o símbolo do anti-semitismo, da calúnia, da violência e da morte..."

(Joseph DUNNER. **The Republic of Israel**, 1950, p. 10)

Os Evangelhos estão repletos de passagens em que Nosso Senhor Jesus Cristo denuncia os instintos mercenários e cruéis dos judeus. Nada mais natural, portanto, que o Apóstolo João consignasse no Apocalipse a alusão à "sinagoga de Satanás".

Esse designativo, que hoje muitos membros da Igreja procuram abolir dos Livros Sagrados, foi usado por largo tempo em épocas passadas. Não representa a opinião particular de determinado cristão, mas a do próprio Filho de Deus. Dificilmente se poderá encontrar entre os Santos e Papas que tem combatido o judaísmo, quem tenha usado palavras tão duras contra ele, como as que empregou o próprio Jesus Cristo.

Através dos tempos, e hoje mais do que nunca, em todos os países a que o judaísmo chega, seja de forma explícita, seja por meio de sua quinta coluna, a primeira coisa que faz é conseguir a condenação legal do anti-semitismo, de modo a paralisar qualquer intento de defesa de seus oponentes. Quando conseguem, utilizando-se de todos os tipos de ardis, impor essa situação tão irregular, qualquer voz que se levante contra eles é acusada da prática de anti-semitismo. Em contrapartida, qualquer conspiração, traição, crime contra a liberdade de pensamento e expressão (vide anexos), só podem ser punidos se praticados por cristãos ou gentios, pois se alguém quiser impor sanção a eles, atrairá contra si o clamor das campanhas da mídia, protestando, indignadamente, contra "o surto de anti-semitismo", que, "como peste odiosa, acaba de surgir".

Os inocentes úteis, arrebanhados para a causa judaica, costumam apelar para um sofisma. Afirmam eles: "É condenável lutar contra os judeus, porque são o povo que deu o sangue a Jesus Cristo."

Esquecem esses incautos que o próprio Jesus renegou ao sangue das víboras, como registra São Mateus:

> "E lhe disse um deles "Olha que tua mãe e os teus irmãos (parentes próximos) te procuram." E ele, respondendo àquele que lhe falava, lhe disse: "Quem é minha mãe, e quem são os meus irmãos?" E estendendo a mão para seus discípulos, disse: "Vede aqui a minha mãe e os meus irmãos. Porque todo aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe." (Cap. XII)

Por isso, ainda que Jesus tivesse parentesco consanguíneo por parte de sua mãe, com os hebreus, é evidente que para o futuro dava valor ao **parentesco espiritual**, prescindindo dos laços parentescos de sangue. Não era sem razão. Os judeus renegaram a Palavra, crucificaram o Messias, martirizando-o e assassinado-o por meio de lento e cruel suplício, até consumar o crime mais atroz de todos os tempos.

É absurdo querer identificar o primitivo povo hebreu de Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, Maria Santíssima e os Apóstolos com os judeus posteriores, que renegaram a Cristo e procuraram, por todos os modos, destruir a sua Igreja.

O privilégio do povo escolhido de Deus foi herdado pela Santa Igreja Católica, verdadeira herdeira espiritual do primitivo povo hebreu dos tempos bíblicos. Os judeus que renegaram esta Igreja, mergulharam na heresia e na apostasia. É inegável que considerar, agora, povo de Deus, os israelitas, é negar os efeitos da vinda de Cristo e contrariar a própria razão de ser do Cristianismo.

Só os legítimos sucessores de Judas Iscariote podem incorrer em semelhante aberração!

Sobre o crime de "**deicídio**", os textos do Novo Testamento comprovam, inequivocamente, embora altos próceres da Igreja procurem tergiversar, de quem é a autoria. Não pairam dúvidas de qualquer natureza sobre os seguintes fatos:

1 — Jesus Cristo acusou os judeus, e jamais os romanos, de o quererem matar;

2 — Foram os judeus, e não os romanos, que planejaram a morte de Cristo;

3 — Foram os judeus, e não os romanos, os instigadores e verdadeiros responsáveis pelo crime;

4 — Os Apóstolos (evangelistas) acusaram, por unanimidade, os judeus, e não só romanos, pelo crime.

Inocentar os judeus da prática de "**deicídio**" não é tarefa fácil. Levando-se em conta que Jesus Cristo e os Evangelistas absolveram os romanos de culpa, a quem acusar?

Em "Atos dos Apóstolos", capítulo II, versículos 22 e 23 as Sagradas Escrituras põem uma pá de cal sobre o assunto:

> "Israelitas, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, homem de quem Deus deu testemunho diante de vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele realizou, como vós mesmos o sabeis, depois de ter sido entregue, segundo os desígnios da presciência de Deus, **vós o crucificastes e o matastes** por mãos dos ímpios."

É público e notório que os ministros de Deus na Terra não absolvem os pecadores de moto próprio. Eles o fazem "**em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**". No caso da absolvição dos judeus do crime de "**deicídio**", quem quer que o faça, estará assumindo uma decisão pessoal e evocando em vão a Santíssima Trindade pois desconsidera as palavras do Filho, registradas pelos evangelistas, assim como as mensagens inspiradas pelo Espírito Santo, após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo (Atos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse).Desde o nascimento da Igreja, sem motivo, sem provocação, o judaísmo lhe moveu uma guerra de morte. Os judeus abusaram de forma cruel da mansidão dos primeiros cristãos, que se limitaram a combater os seus mortais inimigos simplesmente com bem fundamentados argumentos, sofrendo, em contrapartida, demolidoras calúnias dos judeus, encarceramentos, assassínio e todo o gênero de perseguições.

Santo Estevão foi o protomártir do Cristianismo, e foram os judeus os seus algozes. Nos Atos dos Apóstolos, encontra-se descrito, com exatidão e clareza, os primeiros tempos da Igreja. Eis algumas dessas anotações:

> "Herodes enviou tropas para maltratar a alguns da Igreja. E matou a facadas Santiago, irmão de João. E vendo que dava prazer aos judeus, resolveu também prender Pedro." (Atos dos Apóstolos, Cap. XII, 1 a 3)

> "Os sacerdotes judeus, os saduceus e o magistrado do tempo deitaram a mão a São Pedro e São João e os meteram no cárcere." (Cap. IV, 1, 2 e 3)

"Mas os judeus incitaram algumas mulheres devotas e ilustres e os principais da cidade a moverem uma perseguição contra Paulo e Barnabé e os repeliram do território." (XIII. 50)

"Paulo e Barnabé fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licônia, mas apareceram alguns judeus de Antióquia e de Icônio e tendo ganho a vontade do povo, persuadiram as turbas a apedrejaram Paulo. Julgando-o morto, arrastaram-no para fora da cidade." (XVI, 19)

"E quando se fez dia, se coligaram alguns judeus e se invectivaram dizendo que não comeriam e não beberiam até que matassem Paulo." (XXIII, 12)

"O tribuno mandou preparar uma escolta de duzentos infantes e setenta cavaleiros e chamando dois oficiais, ordenou que escoltassem Paulo até Cesaréia. E escreveu um carta com o seguinte teor: "Estando o homem que te envio a ponto de ser morto pelos judeus, cheguei com as tropas e o retirei de suas mãos. É acusado de questões da Lei deles, sem haver delito algum que merecesse morte ou prisão." (XXIII, 22 a 29)

No ano IX de seu Império, Cláudio acolheu os cristãos e ordenou que todos os judeus saíssem de Roma. Dois motivos, segundo os historiadores, determinaram essa atitude por parte do Imperador romano: 1) os judeus haviam arregimentado Agripina, sua mulher, para o culto judaico; 2) as freqüentes sedições dos judeus contra os cristãos traziam intranqüilidade aos romanos.

Observa-se que o Imperador Cláudio, embora pagão, reconhecia a pacificidade dos cristãos, sendo tolerante para com eles, enquanto tratava de livrar-se dos judeus. Esta é a regra geral da História da Humanidade, principalmente após o nascimento de Cristo.

Mesmo durante o reinado de Nero houve, em princípio, tolerância para com os cristãos, mas o Imperador acabou por ceder às intrigas persistentes de sua amante judia, Popéia, apontada por inúmeros historiadores como autora da idéia de inculpar os cristãos pelo incêndio da cidade de Roma, fato com o qual se justificou a primeira perseguição a estes levada a cabo pelo Império Romano. A história apenas se repetia. Como na antiga Pérsia de Assuero, os ju-

deus se valeram, em Roma, da estratégia que redundou no dia do Purim. Popéia se travestiu de Ester...

O ambiente açulado pelo ódio dos judeus levou às perseguições de Nero. Na época, esses intrigantes contumazes chegaram a imputar aos cristãos uma prática que eles próprios tornariam comum, no futuro, inspirados pelo Talmud e pela Cabala; os sacrifícios rituais, ou seja, o nefando crime cometido contra crianças. (Ver capítulo seguinte.)

O rabino Wiener, em sua obra "**Die Juwisechen Speisegesetz**" (p. 435), confessa que "os judeus foram os causadores das perseguições de Roma contra os cristãos, observando que no reinado de Nero, quando Roma tinha por imperatriz uma judia, Popéia, e por prefeito da cidade um judeu, inicia-se a era dos mártires que devia prolongar-se por quase dois séculos e meio" (de 65 a 314 da era cristã).

Conforme o sacerdote católico Dr. Rohlieng ("**Die Polemik des Abbinismus**", p. 332), "Jehuda, um dos rabinos autores do Talmud, obteve no ano 155 uma ordem para que fossem sacrificados todos os cristãos de Roma, morrendo em virtude dela muitos milhares e sendo precisamente judeus os verdugos dos Papas mártires Caio e Marcelino."

O Arcebispo de Port Louis, Monsenhor Leon Meurin, jesuíta, em sua obra "**Filosofia da Maçonaria**", p. 172, afirma:

> "Quando os judeus, chefiados por Bar Kohba, um falso messias, se sublevaram contra Roma e reconquistaram por três anos a sua independência (132-135 d.C.), nesse curto espaço de tempo assassinaram pelo menos 104.000 cristãos, quantidade que caracteriza um genocídio dos mais monstruosos de todos os tempos, se for considerada a população cristã da Palestina nessa época."

Durante três séculos, os cristãos resistiram heroicamente sem responder à violência com violência, mas é compreensível que, quando o Cristianismo, finalmente conseguiu um triunfo completo no Império Romano com a conversão de Constantino e a adoção da religião cristã como religião do Estado, se tenha por fim resolvido a responder às conspirações e ataques de seu tradicional inimigo com as mesmas armas com que era ofendido.

Foi nessa época, quando o judaísmo foi abolido do Império Romano, que os hebreus começaram a desenvolver os rituais secretos, fundamentados no Talmud e na Cabala. Surge então o criptojudaísmo, a

quinta coluna solerte e insidiosa, protegida pelas sombras e pelo embuste. Os judeus não agem às claras, "convertem-se" até, recebendo o batismo e abjurando suas crenças. Mas isto se concretiza apenas no verniz, na capa externa. Por dentro, continuam a negar o Messias, a assacar ofensas contra a Santíssima Trindade, a praticar terríveis heresias contra a Virgem Santíssima.

Aconteceu este fenômeno, por muitos denominado "marranismo", não só em Roma, mas em praticamente todos os países da Europa. O próprio Brasil os recebeu, como já foi visto, durante o período colonial.

Cecil Roth (**História dos Marranos**, p. 11/18) demonstra:

> "O cripto judaísmo, ou judaísmo clandestino, nas suas diversas formas, é tão antigo como os próprios judeus;
>
> No auge das doutrinas cristãs (século IV) o criptojudaísmo ganhou novas forças e se revestiu de roupagens especiais, utilizando-se da infiltração como principal estratégia de ação;
>
> O fenômeno do criptojudaísmo não ficou de nenhum modo confinado ao mundo cristão; alastrou-se por diversos lugares do mundo muçulmano e, na atualidade, na própria União Soviética, de tal modo que os Governos de Lênin e Stálin estiveram firmemente em suas mãos."

São Paulo preveniu: "E de entre vós mesmos se levantarão homens, que dirão coisas perversas, para levar os discípulos atrás de si." (Atos dos Apóstolos, XX, 30)

Esta profecia de São Paulo tem-se cumprido à risca, através dos séculos, inclusive nos dias atuais. A ação da quinta coluna judaica, empreendida por zelosos agentes, como a maçonaria, continuam colocando em risco o catolicismo e as demais religiões cristãs.

Antes de analisar-se a atualidade, o que se fará no capítulo seguinte, convém prosseguir acompanhando o desenvolvimento histórico da luta que travam os judeus, desde a vinda do Messias, com o intuito de destruir o Cristianismo.

A primeira heresia que pôs em perigo a vida da Igreja nascente foi a dos gnósticos, que foi constituída não por uma, mas por várias seitas secretas, todas elas imbuídas do objetivo de decompor as bases da

cristandade. Seu fundador foi Simão, o Mago, **Judeu** "convertido" ao catolicismo...

O arrianismo, outra grande heresia que desagregou a cristandade durante mais de três séculos e meio, como não poderia deixar de ser, foi obra de outro judeu subterrâneo, que em público praticava o Cristianismo. Arrio, o judeu-católico atacou insidiosamente a Divindade de Cristo e conseguiu dividir o mundo cristão durante 350 anos.

Foi Santo Atanásio, mandado chamar do desterro pelo Imperador Joviano, quem primeiro tentou deter o processo de decomposição da Igreja. Não conseguiu êxito porque Joviano morreu logo depois, sendo substituído por Valentiano I, arriano apaixonado. Foi Teodósio, o Grande, quem acabaria de assestar o golpe mortal sobre mais esta serpente de origem judaica.

O cânone LVIII, do IV Concílio Toledano, em razão da infiltração criptojudaica na espinha dorsal da Igreja, tratou de um tema que muitos, hoje, pretendem ignorar. Diz o referido documento:

> "Cânone LVIII — Daqueles que prestam auxílio e favor aos judeus contra a fé de Cristo.
>
> É tal a cobiça de alguns, que por ela se separam da fé, conforme expressou o apóstolo; como que muitos ainda de entre os sacerdotes e leigos, recebendo dons dos judeus, fomentavam sua perfídia patrocinando-os; os que não sem razão se conhecem ser do corpo do anticristo, posto que obram contra Cristo. Qualquer Bispo, Presbítero ou secular, que doravante prestar apoio aos judeus contra a fé cristã, bem seja por dádivas ou favores, se considerará como verdadeiramente profano e sacrílego, privando-o da comunhão da Igreja Católica, e reputando-o como estranho ao reino de Deus, pois é digno que se separe do Corpo de Cristo o que se faz patrono dos inimigos deste Senhor."

Infelizmente, hoje, este Cânone jaz como letra morta, esquecida, renegada. Voltam-lhe as costas uns por se encontrarem em conluio com o inimigo tradicional; outros por acreditarem que os perigos do passado já não existem.

Os dados revelados no próximo capítulo estão a demonstrar que o criptojudaísmo está mais ativo do que nunca, mormente através da maçonaria.

Os temores de que um antipapa venha a sentar-se no Trono de São Pedro neste final de milênio não constituem preocupação infundada. Afinal de contas, afora Anacleto II e Vitor IV, os criptojudeus que conseguiram realizar tal intento, a história registra mais de três dezenas de antipapas, os quais usurparam o direito de ocupar o Trono de São Pedro, demonstrando que nem sempre o Divino Espírito Santo interfere no conclave. Nessa oportunidade o livre arbítrio dos cardeais eleitores é o contra peso que determina o lado para o qual irá pender o fiel da balança. O livre arbítrio de cada um tanto poderá estar com Cristo, sob a luz do Divino Espírito Santo, como atender a interesses eminentemente políticos. Esta afirmação não constitui uma heresia, mas encontra guarida na própria História da Igreja.

É a seguinte a relação de antipapas que se apossaram do Trono de São Pedro e os anos em que isto aconteceu:

-Hipólito...217
-Novaciano...251
-Félix II...355
-Ursino...366
-Eulálio...418
-Lourenço...498
-Dióscoro...530
-Teodoro...687
-Pascal...687
-Constantino II...767
-Filipe...768
-João...844
-Anastácio...855
-Cristóforo...903
-Bonifácio VII...974
-João XVI...997
-Gregório...1012
-Bento X...1058
-Honório II...1061
-Clemente III...1080
-Teodorico...1100
-Alberto...1102
-Silvestre IV...1105
-Anacleto II...1130
-Victor IV...1138/1159

-Pascoal III...1164
-Calisto III...1168
-Inocêncio III...1179
-Nicolau V...1328
-Clemente VII...1378
-Bento XIII...1394
-Alexandre V...1409
-Félix V...1439

Considerando-se que o total de Papas desde São Pedro até João Paulo II foi de 302, não se pode ignorar a alta taxa de incidência de antipapas: 32 em 302 corresponde a 10,5%. Cerca de 1 em cada dez. Não se trata, pois, de fato raro, mas, relativamente, freqüente.

É interessante observar que no período entre 1012 e 1179, correspondente a 167 anos, 13 dentre 42 Papas que ocuparam o Trono de São Pedro, foram considerados antipapas. Nessa época, o índice daqueles que prestaram desserviço à Igreja subiu a 31%.

Em contrapartida, desde o final do papado de Félix V (1447), quando assumiu Nicolau V — fundador da Biblioteca do Vaticano, nenhum antipapa tornou a ocupar o posto máximo da Igreja. Decorreram, desde então, 549 anos.

V — O Cavalo de Tróia

Teve-se oportunidade em abordagem anterior de enumerar alguns dos Santos da Igreja, levados à veneração dos fiéis em razão de sua luta contra as heresias da Idade Média. Todos eles se encontram, na atualidade, na berlinda, sujeitos a terem suas imagens enxotadas das igrejas e seus nomes riscados do rol dos veneráveis.

Ao lado desses Santos, cujo papel importante foi combater o judaísmo em suas mais diversas expressões, e que por isso receberam o reconhecimento da Igreja, não se pode esquecer de outros tantos, canonizados pelo fato de terem sido martirizados por aqueles contra os quais os primeiros lutaram.

Esquece o Papa João Paulo II, assessorado pelo cardeal **Joseph Ratzinger** (certamente da mesma origem do candidato à Papa, **Jean-Marie Lustiger**), do testemunho oficial da Igreja sobre a existência em larga escala, durante a Idade Média, de centenas de **crimes rituais**, executados pelos judeus, e que resultaram nas canonizações de:

— Santo André de Lucens, morto em 1198;
— São Domingos de Saragoça, morto em 1250;
— São Hugo de Lincoln, morto em 1255 (Vide anexo);
— São Werner de Wessel, morto em 1286;
— Santo André de Rinn, morto em 1430;
— São Simão de Trento, morto em 1475;
— Santo Nino de La Guarida, morto em 1490;
— São Joannet de Colônia, morto em 1745.

Além desses Santos, todos meninos, imolados pelos judeus em assassínios rituais, reconhecidos pelos Papas Sixto IV, Sixto V, Gregório XIII e Bento XIV, os quais relataram em suas Bulas o martírio dessas crianças sacrificadas talmudicamente, incluem-se outras vítimas do ritual judaico, cujo processo de canonização ou beatificação não se confirmou. São centenas de casos, cujos crimes foram perfeitamente comprovados, não se confirmando a canonização ou a beatificação por

ausência de requisitos, como a comprovação de milagres post mortem, por exemplo.

Podem ser citados os seguintes casos;
— uma criança em Blois (1071);
— o aprendiz Guilherme, em Norwich (1137);
— o menino Ricardo, em Paris (1139);
— um menino em Londres (1234);
— uma criança em Wissemburgo (1260);
— uma menina em Pfortzheim (1261);
— uma criança em Munich (1285);
— um operário cristão em Praga (1286);
— o jovem Rodolfo, em Berna (1287);
— um menino em Crems (1293);
— um menino em Vessenseer (1303);
— um menino em Munich (1345);
— um menino em Diessenhofen (1400);
— um menino na Turíngia (1410);
— um jovem adolescente em Ravensburgo (1429);
— o jovem Sebastião, em Bérgamo (1480);
— seis crianças em Ratisbona (1486);
— um menino em Tyrmau (1494);
— duas crianças. uma em Viena e outra em Biring (1525);
— um menino em Sappenfeld (1540);
— uma mocinha em Punia (1597);
— uma criança em Szydlow (1597);
— o jovem Lemoine, em Metz (1609);
— uma criança em Thorn(1775);
— uma criança na Polônia (1775);
— uma mulher cristã em Alepo (1810);
— um menino em São Petersburgo (1831);
— o padre Tomás e seu ajudante, em Damasco (1840);
— uma criamça em Rodes;
— uma criança em Corfu (1843);
— uma menina em Tisza-Eslar (1882);
— o pequeno Severino Hacke, sangrado pelo candidato a rabino Max Bernstein, em Breslau (1888);
— uma criança em Xantin (1891);
— uma criança em Polna (1899);
— o menino André Yustchinsky, em Kiev (1911).

Certamente que os judeus negam a autoria desses crimes hediondos. Os católicos são forçados a escolher uma entre duas alternativas: considerar mentirosos os judeus ou os Papas Sixto IV, Sixto V, Gregório XIII e Bento XIV.

As atitudes recentes e não muito recentes de João Paulo II demonstram que **o atual Papa já escolheu a sua alternativa**. Não apenas o chefe temporal da Igreja, mas também muitos de seus príncipes.

Em 1986, a CNBB elaborou e publicou um estudo intitulado "**Guia para o Diálogo Católico Judaico no Brasil**", que equivale a uma capitulação à causa judaica. Eis algumas das colocações contidas no referido documento:

> "**Israel é hoje uma nação das mais nobres tradições democráticas**. Uma nação que apresenta a marca inconfundível dos valores judaicos e da cultura judaica, **garantindo ao mesmo tempo plena liberdade e igualdade de direitos a todos os seus cidadãos muçulmanos, cristãos ou de qualquer outro credo**. Uma nação na qual se refugiaram quase um milhão de judeus europeus, sobreviventes do **Holocausto nazista,** e mais de meio milhão de judeus vindos de países árabes, onde a vida se tornou intolerável para eles... Não é difícil entender o apego emocional dos judeus à terra de Israel.
>
> É uma terra que lhes pertence não só por direito, mas, acima de tudo, porque constitui a concretização de uma profecia bíblica, que é o esteio da história, da lei e da fé judaica." (p. 15/16)
>
> "A imagem negativa dos fariseus encontrada em muitos textos cristãos produziu entre os católicos uma visão gravemente distorcida do judaísmo." (p. 32)
>
> "O problema da crucificação sempre foi um dos assuntos mais explorados em argumentação contra os judeus. **Trechos do evangelho foram sempre citados, para reforçar uma acusação que hoje em dia é reconhecida como inválida e falsa. Tentou-se durante séculos usar o Novo Testamento, e especialmente os Evangelhos, para justificar o 'deicídio'**." (p. 33/34)
>
> "Não se pode afirmar que os judeus tenham sido responsáveis pela crucificação de Jesus Cristo... Não é verdade que os judeus

pediram, a crucificação... Pelo contrário, a maioria da população acolheu e saudou Jesus. Foi uma população subornada pelos magistrados que contribuiu para a morte de Cristo." (p. 33/34)

"Na Idade Média forjaram-se numerosos mitos anti-judaicos os quais resultaram em preconceitos, ações e movimentos populares. Enumeraram-se entre eles os seguintes: a acusação de deicídio; o sacrifício ritual de crianças cristãs; a profanação da hóstia consagrada; a contaminação de poços e mananciais..." (p. 51)

"A **Inquisição** , que visava julgar e punir os herejes, atingiu também os judeus, e particularmente os critãos-novos. Na realidade histórica ela **representou uma página sombria** no relacionamento da Igreja com os judeus, agravando a discriminação e o separatismo religioso." (p. 51)

"Calcula-se que durante a Segunda Guerra Mundial morreram cinqüenta milhões de pessoas. Entre as diferentes minorias perseguidas encontravam-se **os judeus** , que, trazidos em vagões de carga de toda a Europa, **foram eliminados em campos de concentração, verdadeiras fábricas de aniquilamento. Seis milhões de judeus, representando um terço do povo judeu no mundo, foram assassinados pelos nazistas.**" (p. 55)

"Deve-se evitar diminuir o judaísmo bíblico e pós-bíblico para exaltar o cristianismo. Não se deve empregar a palavra 'judeu' para identificar os autores do deicídio. Não se deve apresentar a Paixão de Cristo como se os judeus tivessem incorrido na odiosidade da crucificação.(...) É preciso evitar qualquer tentativa de mostrar os judeus como um povo reprovado, amaldiçoado e votado a um sofrimento perpétuo. (...) A mútua colaboração no domínio dos estudos bíblicos e rabínicos produziu bons frutos nos pontos comuns e divergentes." (p. 58/61

"A Comissão do Vaticano para as relações com o judaísmo foi criada em 1974 pelo Papa **Paulo VI**, visando estabelecer relações com os representantes da comunidade judaica mundial e ao mesmo tempo sensibilizar os católicos a respeito deste novo campo pastoral." (p. 65)

"Tendo os judeus de hoje sido absolvidos pelo Concílio Vaticano II da culpa de 'deicídio', não mais se pode considerar os judeus como amaldiçoados." (p. 93)

"Os casamentos mistos, desaconselhados pelos rabinos ortodoxos, são inconvenientes por duas razões: a primeira e mais importante é a probabilidade de insucesso de tais casamentos; a segunda, relaciona-se à sobrevivência judaica. Se pudéssemos supor que a maioria das crianças nascidas de casamentos mistos seria criada dentro do judaísmo, não estaríamos preocupados. Mas, infelizmente, não é o caso." (p. 96/97

"Se é verdade que nesse domínio reina ainda um clima de supeição muito difundido, causado por um passado deplorável, os cristãos, por seu turno, hão de saber reconhecer a sua parte de responsabilidade nisso e daí tirar as conseqüências práticas para o futuro." (p. 113)

O documento intitulado "**Guia para o Diálogo Católico-Judaico no Brasil**" é prova inconteste da capituação da Igreja Católica ante a "sinagoga de Satanás". Percebe-se a cabeça e ventre de seu organismo temporal infestados de inimigos, tal como sucedeu com o lendário "Cavalo de Tróia". Na relação de colaboradores que contribuíram para o texto final, inclui-se o sobreno **Mayer** ao lado dos de **Sobel**, **Leipziger** e **Schlesinger**, atestando o ponto de vista, a ideologia que norteou o conteúdo do referido documento.

Cometem-se nele heresias, desrespeito a Papas de reconhecida notoriedade, reprovação a atos da Igreja; e incentiva-se a difusão de inverdades (como o mito do Holocausto) (*), o casamento preconceituoso e a inércia dos católicos ante o avanço do plano diabólico que ameaça a cristandade.

Lexicógrafos de todo o mundo — e aponta-se, entre os brasileiros, Aurélio Buarque de Hollanda FERREIRA, o mais renomado de todos — formaram consenso em torno do termo "deicídio": "**Morte que os judeus deram a Cristo**".

Não fizeram eles mais do que consultar os Evangelhos, retirando de Mateus, Marcos, Lucas e João os fundamentos da definição consagrada.

(*) Acerca do Holocausto, o mais importante dogma do judaísmo, na atualidade, se falará adiante. (N.A.)

"E por isso os judeus procuravam, com mais afinco, matá-lo." (São João, V,18)

"Depois disto, andava Jesus pela Galiléia, porque não queria passar à Judéia, porquanto os judeus o buscavam para matá-lo." (São João, VII, 1)

"E estava já perto a festa de Azymos, que é chamada Páscoa, e os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam como fariam morrer Jesus." (São Lucas, XXII, 1 e 2)

"Desde aquele dia passaram a pensar como lhe dariam a morte. Pelo que já Jesus não se mostrava em público entre os judeus."(São João, XI, 53 e 54)

"E Satanás entrou em Judas, que tinha por apelido Iscariote, um dos doze. E foi e tratou com os príncipes dos sacerdotes e com os magistrados de como o entregaria. E folgaram e concertaram em dar-lhe dinheiro. E ficou com eles de acordo. E buscava ocasião para entregar-lhe sem concurso de gentes." (São Lucas, XXII, 3/6)

"E Caifás era o que tinha dado o conselho aos judeus: que convinha que morrese um homem pelo povo." (São João, XVIII, 14)

"E dizendo isto, Pilatos saiu de novo ao encontro dos judeus e lhes disse: Não encontro nele nenhum crime. Há um costume entre vós que pela Páscoa se solte um preso. Quereis que vos solte Jesus? Então todos gritaram novamente, dizendo: 'Não este e sim Barrabás.' Barrabás era um assaltante." (São João, XVIII, 39/40)

"Outro vez Pilatos saiu para fora e lhes disse: 'Eis que vô-lo trago para que saibais que não acho nele nenhum crime.' E quando o viram, os sumos sacerdotes e os guardas exclamaram dizendo: 'Crucificai-o, crucificai-o!' Disse-lhes Pilatos: 'Hei de crucificar o vosso rei?' Responderam os sumos sacerdotes: ' Nós não temos outro rei senão Cézar.' Então Pilatos o entregou a eles para que fosse crucificado." (São João, XIX, 4/6/15/16)

"Levaram então Jesus consigo. E carregando a cruz, saiu para o lugar chamado Gólgota, onde o crucificaram, juntamente com outros dois, um de cada lado e Jesus no meio." (São João, XIX, 17/18)

Fica aqui a pergunta; de que lado provém a mentira?

Dos artífices da "**Nostra Aetate**", incluída no Concílio Vaticano II, que **absolveu** os judeus do crime de "**deicídio**", ou das Sagradas Escrituras?

Quem está mentindo? Os Evangelhos ou o cardeal Bea e seus assessores, que não se importaram de desmentir as palavras ditadas pelo Espírito Santo, a fim de favorecer a causa judaica?

Os cristãos, e fundamentalmente os católicos, devem atentar para um estranho acontecimento. A "Nostra Aetate" nº 4, inclusa no texto do Concílio Vaticano II, foi dada a público em 28 de outubro de 1965. Pois durante a Páscoa de 1966, o Papa Paulo VI, no domindo da Paixão, em missa rezada ao ar livre, em Roma, afirmava: "**Os judeus foram os principais autores da morte de Cristo.**"

O Grão-Rabino de Roma, Elio Toaff, que ainda se regozijava pelas conquistas obtidas em outubro do ano anterior, manifestou-se com desencanto: "Até as mais distintas personalidades católicas fazem questão de fazer ressurgir o anti-semitismo."

Teria Paulo VI esquecido o texto recém-publicado da Encíclica Vaticano II? Ou teria sido ela elaborada à revelia de Sua Santidade?

Pois parece confirmar-se através desse episódio um fato divulgado pela imprensa internacional da época, com o imediato desmentido da cúpula da Igreja Católica.

O Concílio Vaticano II iniciara em 1962, sob o reinado de Sua Santidade o Papa João XXIII, coroado em 1958. Nada indicava que a Igreja fosse inclinar-se para seu tradicional inimigo. O texto final estava praticamente pronto quando do falecimento de João XXIII.

Eis que seu sucessor, Paulo VI, reabre as discussões e traz à tona alguns temas polêmicos que não faziam parte da Encíclica no aguardo de promulgação.

Os cardeais **Bea, Casaroli, Benelli e Villot** assumem de forma clara a defesa da causa judaica, ante um colégio cardinalício impotente e/ou omisso. Afirmam que a aproximação com os judeus é o primeiro passo para atraí-los de volta ao redil de Cristo, quando a tradição e a ex-

periência histórica apontavam justamente o contrário. Isto equivalia a semear "joio" num "trigal".

Estaria o próprio Paulo VI com a lembrança obliterada? Não tinha Sua Santidade lido o libelo de advertência contido na obra "**Complô contra a Igreja**"? (*)

Estaria o Papa Paulo VI enfrentando um problema de dupla personalidade, promulgando um documento que inocentava os judeus pelo crime de "deicídio", em outubro de 1965, e afirmando o contrário na Páscoa do ano seguinte?

Eis o que publicou um jornal canadense ("**Vers Demain Pélerin**", de Montreal), desvendando, em parte, o mistério em torno das atitudes paradoxais de Paulo VI:

Edition française. No 8 **Vers Demain Pèlerin** Octobre-novembre-décembre 1975

Rougemont, Qué. Canada

Courrier 2e classe. Enrg. No 2261

Apparitions à Bayside. 27 septembre 1975

Veille de la fête de saint Michel Archange

Un imposteur gouverne à la place de Paul VI

Pour créer cet imposteur

On a employé la chirurgie plastique et le meilleur des chirurgiens

(*) A obra "**Complô contra a Igreja**", por inúmeras vezes citada no corpo deste trabalho foi escrita, pouco antes de reabrirem-se as discussões do Concílio Vaticano II, por um grupo de cardeais e arcebispos, e publicada sob o pseudônimo de Maurice PINAY. Pretendiam eles reavivar a memória dos "esquecidos" e prevenir a comunidade católica acerca dos riscos que a cristandade inteira iria correr caso se concretizasse a tese dos pró-judeus. (N. A.)

Le vrai Pape

Sa Sainteté Paul VI

L'imposteur présenté comme Paul VI

Pope Paul VI

Com a morte de Paulo VI, o conclave cardinalício elegeu Albino Luciani, terceiro patriarca de Veneza a chegar ao Trono de São Pedro. O cardeal Luciani, que escolheu o nome de João Paulo I, contrário à pompa, durante o cardinalato sempre procurou eliminar das celebrações eclesiásticas as demonstrações de luxo. Assim, quando o Papa João XXIII o nomeou patriarca de Veneza, não quis ser recebido com a tradicionacional procissão de gôndolas, cerimônia que há séculos vinha marcando a posse do novo titular do patriarcado.

João Paulo I acrescentou o lema do seu pontificado "Humilitas" — ao seu brasão cardinalício, quando o mandou buscar de Veneza para o Vaticano. Por isso, ficou reconhecido como o Papa da Humildade."

Albino Luciani tinha sido um dos autores, escondidos sob o pseudônimo de Maurice PINAY, da polêmica obra "**Complô contra a Igreja**".

Não pairavam dúvidas sobre os rumos que seriam seguidos pela Igreja Católica. João Paulo I anunciou, tão logo assumiu o Trono de São Pedro (26/08/1978), que seriam revistas algumas das deliberações do Concílio Vaticano II, especialmente as relacionadas com a "Nostra Aetate".

Seu pontificado durou exatamente 34 dias. Faleceu, repentinamente, de um "ataque cardíaco", em 28 de setembro de 1978.

Afirmar, por outro lado, que é infundada a acusação de que os judeus cometeram **sacrifícios rituais de crianças**, obriga a Igreja e os católicos a tomarem as seguintes deliberações:

1 — Jogar no lixo a Bula de Bento XIV — "**Sobre a Beatificação e Canonização dos Santos**", considerada até hoje como obra definitiva;

2 — Expulsar das igrejas, capelas, oratórios, compêndios, livros biográficos, etc., as imagens dos oito mártires canonizados pelos Papas Sixto IV, Sixto V, Gregório X III e Bento XIV.

A expressão "**a Inquisição representou uma página sombria**" é uma confissão de culpa, de participação em um genocídio mais grave do que todos os demais, porque realizado por uma instituição que, por sua natureza transcendental, procede de Deus e em Seu nome age. Teriam os Papas que instituíram e mantiveram o Santo Ofício, agido por vários séculos, CONTRA Deus e mancomunados com Satanás?

Se a Igreja responder SIM a este questionamento, Papas, Santos, ordens religiosas (como a dos dominicanos e franciscanos), todos os in-

tegrantes da Congregação do Santo Ofício, terão que ser equiparados aos comissários soviéticos que eliminaram 60 milhões de "hereges" do bolchevismo.

A conseqüência é idêntica àquela referente aos mártires dos sacrifícios rituais de crianças, com uma agravante: desta vez, São Cirilo, Santo Agostinho, São Jerônimo e outros tantos, além de perderem a santidade, terão de suportar o gravame de criminosos!

O Concílio Vaticano II endossa o dogma judaico do Holocausto. Confirma-o em gênero e número. Refere-se ao método do gaseamento e a quantidade de vítimas: 6 milhões! Acrescenta, todavia um dado importante: os 6 milhões que teriam sido mortos pelos nazistas correspondiam a 1/3 da população judaica da época.

Eis aí um dado importante, um dos muitos que levaram os revisionistas do mundo inteiro a pensar que alguma coisa estava errada com o Holocausto. Admitindo que a população judaica, do período de guerra (1939-1945) tivesse sido reduzida de 18 para 12 milhões, como explicar o incremento verificado em apenas 3 anos? O jornal "**New York Times**", de 22 de fevereiro de 1948, orçava a população judaica, em fins de 1947, em 18,7 milhões. Isto significa que durante os anos de 1945, 1946 e 1947, os judeus apresentaram uma taxa anual de natalidade de 11,9 %. (As nações mais prolíferas do mundo, quando muito de aproximaram dos 2 % ao ano.)

Ora, em época de guerra e pós-guerra, as taxas de natalidade dos países europeus e dos Estados Unidos, normalmente em torno de 1,0% e 1,5%, baixaram ainda mais. Como explicar a magnífica performance dos judeus?

Evidentemente que a única explicação plausível para esta "**multiplicação milagrosa**" da população judaica só pode ser encontrada com base em um pressuposto: ao final da guerra, isto é, em meados de 1945, existiam muito mais do que 12 milhões de judeus!

Se os 18 milhões existentes antes da guerra, segundo os dados contidos no documento "Concílio Vaticano II", crescessem a razão de 1% ao ano, de 1939 a 1947, de conformidade com a taxa média mundial, seriam 19,6 milhões, ou seja, não **6 milhões, mas 900 mil** a menos do que a população orçada pelo "**New York Times**". Ocorre que no ano de 1939, a população judaica não era de 18 milhões, mas, sim, de **15,7 milhões**, conforme o "**World Almanac**" e o "**American Jewish Commettee Bureau**", do Conselho de Sinagogas da América.

Concluíram, pois, tanto os revisionistas como as pessoas atiladas, com apoio nas ciências exatas, que não havia judeu **faltando**, mas **sobrando**!

Não pararam aí as evidências contrárias à possibilidade material do Holocausto.

Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, os Aliados realizaram diversos "julgamentos" de criminosos nazistas", iniciando pelo famoso "Julgamento de Nuremberg". Em todos eles insistiram em citar a existência de câmaras de gás como meio empregado para a "matança a nível industrial". Havia — segundo os acusadores — câmaras de gás em Dachau, Esterwegen, Neuegamme, Ravensbruck, Bergen-Belsen, Buchenwald, Mauthausen, enfim, em cerca de 30 campos de concentração alemães. Com base nesse tipo de acusação, um grande número de "criminosos nazistas" foi submetido aos "tribunais", julgado e condenado. Em 1961, quando do "julgamento" de Adolf Eichmann, em Jerusalém, os acusadores foram obrigados a admitir que o gaseamento de judeus só ocorrera em seis dentre as várias dezenas de campos existentes. Sobre todos os demais se desfizera a mentira através de provas irrefutáveis. Restaram, para os acusadores de Jerusalém, alegar a existência de "indústrias da morte" em Auschwitz-Birkenau, Maidanek, Sobidor, Treblinka, Chelmno e Belsec. Recentemente, o engenheiro Fred A. Leuchter Jr., residente em Boston, Estados Unidos (especialista no projeto e fabricação de equipamentos usados nas câmaras de morte das prisões dos Estados Unidos), divulgou um relatório de pesquisa realizada nos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau e Maidanek, ambos localizados em território polonês, concluindo que **jamais existiram câmaras de gás naqueles dois campos.**

Restaram, pois, **quatro campos** para realizarem a ingente tarefa de gasear e consumir os **6 milhões** de judeus sucumbidos no Holocausto. Entra aí um fator dificultante: Treblinka, Sobidor, Chelmno e Belsec não possuíam fornos crematórios. Os milhões de mortos desses pequenos campos (o maior deles — Treblinka — possuía uma área de 24 hectares) teriam que ser cremados ao ar livre, em grelhas imensas. Qualquer especialista sabe das dificuldades dessa técnica, experimentada em hecatombes como terremotos, bombardeios de cidades, etc. No caso desses quatro campos, apenas os poloneses e os soviéticos conhecem a realidade, já que foram os que conviveram com seu dia-a-dia e/ou os "libertaram". Os poloneses já retiraram as lápides de Auschwitz e provavelmente em curto espaço de tempo resolvam "abrir o bico" sobre Treblinka, Sobibor, Chelmno e Belsec. Acerca do testemunho soviético (ou russo), o que se pode dizer é que se tornou de nenhuma valia após o episódio Katyn. (Ver "**O Massacre de Katyn**" — da autoria de Sérgio OLIVEIRA, publicado pela Revisão Editora.)

Outra dúvida a despertar a atenção dos revisionistas foi o fato de que centenas de delegados e representantes da Cruz Vermelha Internacional visitaram os campos de concentração alemães, durante toda a guerra, movendo-se no interior deles com inteira liberdade, falando com os presos e observando a totalidade das instalações, sem JAMAIS deparar com uma câmara de gás. Durante todos os "julgamentos" concernentes ao Holocausto, jamais a Cruz Vermelha Internacional foi intimada a depor. Muito pelo contrário, essas testemunhas, consideradas "indesejáveis", foram, invariavelmente, dispensadas.

Em razão destas e de dezenas de outras evidências, os revisionistas do mundo inteiro (como David Irving, da Inglaterra, Ernst Zündel, do Canadá, Robert Faurisson, da França, S. E Castan, do Brasil, e dezenas de outros) começaram a pesquisar os fatos concernentes ao Holocausto, pondo em xeque o mais "sagrado" dos dogmas judaicos da atualidade.

Não foi por outra razão que o Abade Pierre se mostrou concorde com a obra de seu amigo **Roger GARAUDY**, um novo revisionista a pôr pá de cal sobre o mito do Holocausto.

O leitor desenfronhado com a evolução dos acontecimentos, certamente há de perguntar "por quê"?

A resposta é simples:

1 — O mito do Holocausto foi fundamental para a criação do Estado de Israel;

2 — Consistiu em elemento essencial para que os judeus sangrassem a Alemanha através de "indenizações" vultosas;

3 — Desviou a atenção do mundo do verdadeiro genocídio, o judaico-bolchevista, que vitimou 60 milhões de pessoas;

4 — Justificou os bombardeios de cidades alemãs, como os de Dresden e Colônia, que vitimaram centenas de milhares de civis;

5 — Desviou a atenção do mundo da ignominiosa barbárie cometida contra o Japão (bombas atômicas lançadas contra Nagasaki e Hiroshima).

Durante o ano de 1979, o Papa João Paulo II visitou a Polônia, sua terra natal, e ali beijou nas faces o Presidente Jablonsky, agradecendo à hierarquia comunista. Fez vistas grossas ao fato de que Jablonsky vinha sendo um tenaz perseguidor dos católicos e dos cristãos em geral. Estariam errados os Papas Leão XIII, Pio IX, Pio X, Pio XI e Pio XII, que declararam ser a maçonaria-judaica e seu filho mimado, o comunismo, intrinsecamente perversos e contrários à moral cristã?

Os atos e palavras de João Paulo II por ocasião de sua visita à Polônia podem ter surpreendido a maioria das pessoas, mas nem todas. No ano anterior, Roger PEYREFITTE, jornalista francês com largo círculo de relacionamento no Vaticano, publicara a obra "**La Soutane Rouge**" (A Sotaina Vermelha), comprovando que o cardeal Karol Wojtila, juntamente com o cardeal Marcinkus, em determinada época, durante o transcurso da Segunda Guerra Mundial, havia sumido misteriosamente de circulação PEYREFITTE, que discorrera em "**La Soutaine Rouge**", com absoluta fidelidade acerca dos escândalos mais tarde revelados (Banco Ambrosiano, Loja Maçônica P-2 e as relações do Vaticano com a Máfia), comprova onde estiveram Wojtila e Marcinkus durante o período de "desaparecimento": ambos passaram uma temporada em Moscou "estagiando na KGB"!

A própria CIA, através de criteriosa investigação, concluiu que "a teoria de terem o atual Papa e o cardeal Marcinkus passado um período na União Soviética era considerada como **altamente provável**".

As resoluções do Concílio Vaticano II, além das heresias, condenações ao passado da Igreja, desprestígio de Papas e Santos, difusão de inverdades (ou pelo menos de fatos não totalmente comprovados), e quinada para a esquerda (na direção do marxismo), não deixaram de conter um prêmio à organização que mais vem combatendo o Cristianismo, e principalmente a Igreja Católica, nos últimos tempos:

"**Cai a excomunhão aos católicos que se inscreverem na maçonaria.**"

Qualquer pessoa ligada aos meios religiosos conhece as profecias de Madre Conchita (México), que preveniu o mundo da vinda de anti-papas neste final de milênio. (As revelações de Madre Conchita foram avalizadas pelo Papa Paulo VI — o "verdadeiro", assim como as de Palmar de Troya (Espanha), local em que durante um período de mais de 10 anos aconteceram extraordinárias aparições de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Virgem Maria, cercadas de irrefutáveis sinais de credibilidade.) Após a data de **16 de outubro de 1978**, quando o cardeal Karol Wojtila assumiu o poder, substituindo João Paulo I, falecido em 28 de setembro de 1978 (53 dias depois do falecimento de Paulo VI), as revelações de Madre Conchita e as aparições, mensagens, revelações e milages de Palmar de Troya foram renegados pelo Vaticano. Essas mensagens continham matéria totalmente ao desagrado dos cardeais maçônicos liderados por **Villot** (Grau 33) e do novo Papa, eleito depois de demorado conclave em que os defensores da Igreja tradicional foram derrotados.

As revelações de Madre Conchita e de Palmar de Troya tinham uma particularidade comum: denunciavam a infiltração da "sinagoga de Satanás" no seio da Igreja e concitavam os cristãos a renegar o "golpe de Estado" que estava por ocorrer no Vaticano.

Em 12 de setembro de 1978, dezesseis dias antes do falecimento de João Paulo I, era publicada pela segunda vez uma relação dos cardeais e altos membros da Igreja Católica envolvidos com a maçonaria. Com base nas revelações de Madre Conchita e de Palmar de Troya, os cardeais que haviam escrito a obra-denúncia "**Complô contra a Igreja**" procederam minuciosas investigações e comprovaram que as entranhas do "Cavalo de Tróia" estavam recheadas por **mais de uma centena de casos comprovados** e cerca de uma centena no aguardo de confirmação! Eis a lista incompleta de altos prelados católicos envolvidos, em 1978, com a maçonaria:

001 — **ABLONDI, Alberto**. Bispo de Livorno. Iniciou-se na maçonaria em 5 de agosto de 1958 (Registro nº I.D. 7-2431);

002 — **ABRECH, Pio**. Membro da Sacra Congregação dos Bispos. Filiou-se à maçonaria em 27 de novembro de 1967 (Registro nº 63-143);

003 — **ALESSANDRO, Padre Gottardi**. Doutor em conclaves maçônicos. Era, na época, o Superior dos Irmãos Maristas. Filiou-se à maçonaria em 13 de junho de 1959;

004 — **ACQUAVIVA, Sabino.** Professor de Religião na Universidade de Pádua. Inscrito na seita maçônica em 3 de dezembro de 1969 (Registro nº 275-69);

005 — **ANGELINI, Fiorenzo**. Bispo de Messina, na Grécia. Uniu-se à maçonaria em 14 de outubro de 1957 (Registro nº 14-005)

006 — **ARGENTIERI, Benedetto.** Patriarca da Santa Sé. Inscrito na maçonaria em 11 de março de 1970 (Registro nº 298-A);

007 — **BEA, Augustin**. Cardeal Secretário de Estado do Vaticano durante os pontificados de João XXIII e Paulo VI. Era de descendência judaica (Beheim) e Grão-Mestre da maçonaria.

008 — **BAGGIO, Sebastiano**. Cardeal. Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos. Filiou-se à maçonaria em 14 de agosto de 1957 (Registro nº 85-3640);

009 — **BALBONI, Dante**. Assistente da Comissão Pontifícia Vaticana para os Estudos Bíblicos. Uniu-se à maçonaria em 23 de julho de 1968 (Registro nº 4315-19). Exercia o cargo de bispo de Ravenna (Itália);

010 — **BELLOLI, Luigi**. Reitor de seminário na Lombardia (Itália). Filiou-se à maçonaria em 6 de abril de 1958 (Registro nº22-04);

011 — **BETTAZZI, Luigi**. Bispo de Ivrea (Itália). Aderiu à maçonaria em 11 de maio de 1966 (Registro nº 1347-45);

012 — **BIFFI, Franco.** Reitor da Universidade Pontifícia da Igreja de São João de Latrão. Era o confessor de Sua Santidade, Paulo VI. Uniu-se à maçonaria em 15 de agosto de 1959, respondendo pelo nome de código "Bifra" (Registro nº 6423).

013 — **BONICELLI, Gaetano.** Bispo de Albano (Itália) — Inscrito na maçonaria em 12 de maio de 1959. (Registro nº 63-1428);

014 — **BOVONE, Alberto**. Secretário Substituto do Sacro Ofício. Uniu-se à maçonaria em 30 de abril de 1967 (Registro nº 254-3);

015 — **BRINI, Mário**. Arcebispo. Superintendente da tarefa de reescrever as Leis Canônicas. Integrou-se à maçonaria em 7 de julho de 1968 (Registro nº 15670);

016 — **BRUGNINI, Annibale**. Arcebispo. Responsável pela destruição da Missa Latina Tridentina, ao encarregar 5 protestantes e 1 judeu para escreverem um novo "Ordo Protestante da Missa". Por este trabalho foi promovido por Villot a Secretário da Sagrada Congregação da Propagação da Fé. Ingressou na maçonaria em 23 de abril de 1963 (Registro nº 1365-75);

017 — **CASAROLI, Agnostino**. Ministro de Estado do Vaticano para Relações Exteriores. Considerado pelos dissidentes da Igreja Católica, Apostólica e Palmariana como um dos algozes de Paulo VI (em conluio com Villot). Filiou-se à maçonaria em 28 de novembro de 1957 (Registro nº 41-076);

018 — **DADAGIO, Luigi.** Arcebispo de Lero e Núncio da Espanha. Fichado na maçonaria espanhola em agosto de 1967 (Registro nº 43-b);

019 — **DEL MONTE, Aldo**. Bispo de Novarra (Piemonte-Itália)> Filiou-se à maçonaria em 25 de agosto de 1969. (Registro nº 32-012);

020 — **GEMMITI, Vito**. Membro da Sagrada Congregação dos Bispos. Ingressou na maçonaria em 25 de março de 1968 (Registro nº 54-13);

021 — **GRAZIANI, Carlo**. Reitor do Seminário Menor do Vaticano. Fichado na maçonaria em 23 de julho de 1961 (Registro nº 156-3);

022 — **GREGAGNIN, Antonio**. Deão dos Instrutores do Vicariato. Tribuno das Primeiras Causas para Beatificação e Canonização. Ingressou na maçonaria em 19 de outubro de 1967 (Registro nº 8-45);

023 — **LAJOLO, Giovanni**. Membro do Conselho das Causas Públicas da Igreja. Ingressou na maçonaria em 27 de julho de 1970 (Registro nº 21-1397);

024 — **LIENART, Achille**. Cardeal. Bispo de Lille (França). Maçon desde 1917, quando tinha 5 anos de sacerdócio. Liderou as forças "progressistas" durante o Concílio Vaticano II;

025 — **MACCHI, Pasquale.** Cardeal. Prelado de Honra de Paulo VI e seu Secretário Particular, até que foi exomungado por heresia por este. Foi reintegrado pelo Secretário de Estado do Vaticano, o cardeal Jean Villot, após a morte de Paulo VI. O seu ingresso na maçonaria ocorreu em 23 de abril de 1958 (Registro nº 5463-2);

026 — **MARCINKUS, Paul**. Presidente do Instituto para as Obras Religiosas, original de Cícero (Illinois). Ingressou na maçonaria em 21 de agosto de 1967. Guarda-costas americano para as visitas do atual Papa (mede 2,08 metros de altura).

027 — **MAZZONI, Pier Luigi.** Membro da Sagrada Congregação dos Bispo. Ingressou na maçonaria em 14 de setembro de 1959 (Registro nº 59-T);

028 - **MONDUZZI, Dino**. Regente do Prefeito da Casa Pontifícia. Inscreveu-se na maçonaria em 11 de março de 1967 (Registro nº 190-2);

029 — **NATALINI, Terzo**. Vice-Prefeito dos Arquivos da Secretaria do Vaticano. Ingressou na maçonaria em 17 de junho de 1967 (Registro nº 21-44d);

030 — **NOE, Virgílio**. Dirigente da Sagrada Congregação do Culto Divino. Responsável, juntamente com a cardeal BUGNINI, pelo novo "Ordo Protestante da Missa". Ingressou na maçonaria em 3 de abril de 1961 (Registro nº 43652-21);

031 — **PAPPALARDO, Salvatore**. Cardeal Arcebispo de Palermo (Sicília). Uniu-se à maçonaria em 15 de abril de 1968 (Registro nº 234-07);

032 — **PELLEGRINO, Michele**. Cardeal denominado "O Protetor da Igreja". Ingressou na maçonaria em 2 de maio de 1960 (Registro nº 352-36);

033 — **POLETTI, Ugo**. Cardeal. Vigário da S.S. Diocese de Roma. Ingressou no quadro maçônico em 17 de fevereiro de 1969 (Registro nº 32-1425);

034 — **SANTINI, Pietro**. Vice-Oficial do Vicariato. Ingressou na maçonaria em 23 de agosto de 1964 (Registro nº 326-11);

035 - **SCANAGATTA, Gaetano**. Membro da Sagrada Congregação do Clero e das Comissões de Pompéia e Loreto (Itália). Ingressou na maçonaria em 23 de setembro de 1971 (Registro nº 42-023);

036 — **SCHIERANO, Mario**. Bispo titular de Acrida (Cosenza — Itália). Inscreveu-se na maçonaria em 3 de julho de 1959 (Registro nº 14-3641);

037 — **SEMPRONI, Domenico**. Membro do Tribunal do Vicariato do Vaticano. Entrou para a maçonaria em 16 de abril de 1960 (Registro nº 00-12);

038 — **SENSI, Giuseppe Mario**. Arcebispo Titular de Sardi (Ásia Menor). Filiou-se à maçonaria em 2 de novembro de 1967 (Registro nº 18911-47);

039 — **SPOSITO, Luigi**. Membro da Comissão Pontifícia para os Arquivos da Igreja na Itália. Administrador Chefe da Sede Apostólica do Vaticano. Ingressou na maçonaria em 2 de outubro de 1965 (Registro nº 372-12);

040 — **SUENENS, Leo**. Cardeal intitulado "Protetor da Igreja de São Pedro em Cadeias". Promotor do Pentecostalismo Protestante (Carismáticos Heréticos). Ingressou em 15 de junho de 1967 na maçonaria (Registro nº 21-64);

041 — **TIRELLI, Sotiro**. Cardeal. Filiou-se à maçonaria em 16 de maio de 1963 (Registro nº 1257-9);

042 — **TRABALZINI, Dino**. Bispo de Rieti (Reate, Perúgia, Itália). Bispo Auxiliar da Seção Sul de Roma. Ingressou na maçonaria em 6 de fevereiro de 1965 (Registro nº 61-956);

043 — **TRAVIA, Antonio**. Arcebispo Titular de Termini Imerese. Chefe das Escolas Católicas. Filiou-se à maçonaria em 15 de setembro de 1967 (Registro nº 16-141);

044 — **TROCCHI, Vittorio**. Secretário para a Laicidade Católica nas Consultas do Consistório do Estado do Vaticano. Ingressou na maçonaria em 12 de julho de 1962 (Registro nº 3-896);

045 — **TUCCI, Roberto**. Diretor Geral da Rádio do Vaticano. Filiou-se à maçonaria em 21 de junho de 1957 (Registro nº 42-58);

046 — **TUROLDO, David**. Arcebispo. Tornou-se membro da maçonaria em 9 de junho de 1967 (Registro nº 191-44);

047 — **VALE, Georgio**. Padre Oficial da Diocese de Roma. Uniu-se à maçonaria em 21 de fevereiro de 1971 (Registro nº 21-328);

048 — **VERGARI, Piero**. Oficial Chefe do Protocolo do Ofício de Assinatura do Vaticano. Uniu-se à maçonaria em 14 de dezembro de 1970 (Registro nº 3241-6);

049 — **VILLOT, Jean**. Secretário de Estado junto ao Papa Paulo VI. (Madre Conchita ordenou, em nome de Nossa Senhora, em 5 de agosto de 1971, que Paulo VI excomungasse Villot.) Foi ele o responsá-

vel pelo tratamento a que foi submetido o Papa Paulo VI nos últimos dias de vida. Foi nomeado para o alto cargo de Secretário de Estado do Vaticano, depois de conseguir, com suas artimanhas, que o cardeal Cicognani fosse afastado do posto. Foi o dirigente do Vaticano durante a doença que vitimou Paulo VI. Ingressou na maçonaria em 1963 (Registro nº041-3);

050 — **ZANINI, Lino.** Arcebispo titular de Adrianópolis (Turquia). Núncio Apostólico. Ingressou na maçonaria em 13 de junho de 1973 (Registro nº 1083/12).

Além dos cinqüenta altos próceres da Igreja Católica acima nominados, pertenciam à maçonaria em 1978, conforme foi plenamente comprovado:

051 — **BALDASSARI, Salvatore**. Bispo de Ravena;

052 — **BALDUCCI, Ernesto**. Escultor de imagens religiosas para o Vaticano;

053 — **BASADONA, Ernesto**. Prelado de Milão;

054 — **BATELLI, Giulio**. Membro leigo de diversas Academias Científicas;

055 — **BEDESCHI, Lorenzo**. Bispo;

056 — **BELLUCCI, Cleto**. Bispo coadjutor de Fermi;

057 — **BICARELLA, Mário**. Prelado de Vicenza;

058 — **BURO, Michele**. Bispo. Prelado da Comissão Pontifícia para a América Latina;

059 — **CACCIAVILLAN, Agostino**. Adjunto da Secretaria de Estado do Vaticano;

060 — **CAMELI, Umberto**. Diretor do Ofício dos Assuntos Eclesiásticos;

061 — **CAPRILE, Giovanni**. Diretor da Comissão dos Assuntos Católicos Civis;

062 — **CERRUTI, Flamínio**. Chefe do Ofício da Unifersidade da Congregação;

063 — **CHIAVACCI, Enrico**. Professor de Moral na Universidade de Florença;

064 — **D'ANTONIO, Enzio**. Arcebispo de Trivento;

065 — **DE BONIS, Donato**. Bispo da primeira "Obra da Religião";

066 — **DEL GALLO, Roccagiovane Luigi**. Bispo de Ante-Câmara (Publicidade);

067 — **FERRAIOLI, Giuseppe**. Membro da Sagrada Congregação das Causas Públicas;

068 — **FIORENZO, Angelinin.** Bispo agraciado com o título de "Comendador do Espírito Santo". Vigário-Geral dos Hospitais de Roma;

069 — **GOTTARDI, Alessandro**. Procurador e Postulador Geral dos Irmãos Maristas;

070 — **GUALDRINI, Franco**. Reitor de Capranica (Capri);

071 — **LAGHI, Pio**. Núncio Apostólico para a Argentina;

072 — **LANZONI, Angelo**. Chefe do Escritório da Secretaria do Estado do Vaticano;

073 - **LEVI, Virgílio**. Monsenhor. Diretor Assitente do jornal oficial do Vaticano — "L'Osservatore Romano";

074 — **LOZZA, Lino**. Chanceler da Academia de Roma, de Religião Católica, São Tomás de Aquino;

075 — **MANCINI, Italo**. Diretor Espiritual de Sua Santidade o Papa Paulo VI;

076 — **MANFRINI, Enrico.** Consultor Leigo da Comissão Pontifícia de Arte Sacra;

077 — **MARCHISANO, Francesco**. Prelado de Honra do Papa Paulo VI;

078 — **MARSILI, Salvatore**. Abade da Ordem de São Benedito (Finalpia, Módena, Itália);

079 — **MAZZA, Antonio**. Bispo de Velia. Secretário Geral do Ano Santo de 1975;

080 — MAZZI, **Venerio**. Membro do Conselho dos Assuntos Externos da Igreja;

081 — **MAVERNA, Luigi**. Bispo de Chiavari (Gênova — Itália);

082 — **MONGILLO, Daimazio**. Professor de Teologia Moral Dominicana, no Instituto Santos Anjos de Roma;

083 — **MORGANTE, Marcello**. Bispo de Ascoli Piceno — Itália;

084 — **NIGRO, Carmelo**. Reitor do Seminário Pontifício de Estudos Maiores;

085 — **PALESTRA, Vittorio**. Conselheiro Legal da Sacra Rota do Estado do Vaticano;

086 — **PASQUINELLI, Dante**. Membro do Conselho do Núncio de Madrid;

087 — **PINPO, Mario**. Vigário do Ofício de Assuntos Gerais;

088 — **PINTO, Pio Vito**. Notário da Segunda Seção do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica;

089 — **RATOISI, Tito**. Membro da Sagrada Congregação dos Ritos Orientais;

090 — **RIZZI, Mario**. Monsenhor. Bispo Prelado de Honra do Santo Padre, o Papa;

091 — **ROTARDI, Tito**. Membro do Conselho de Assuntos Externos da Igreja;

092 — **ROMITA, Fiorenzo**. Membro da Sagrada Congregação do Clero;

093 — **ROGGER, Igino**. Funcionário da S.S. Diocese de Roma;

094 — **ROSSANO, Pietro**. Membro da Sagrada Congregação das Religiões Não-Cristãs;

095 — **ROVELA, Virgílio**. Membro da Sagrada Congregação do Clero;

096 — **SABATTANI, Aurelio**. Arcebispo de Giustiniana — Província de Milar (Itália):

097 — **SACCHETTI, Giulio**. Delegado dos Governadores — Marchese;

098 — **SALERNO, Francesco**. Bispo Prefeito das Atividades da Igreja;

099 — **SANTANGELO, Francesco.** Substituto Geral de Defesa Legal;

100 — **SAVORELLI, Fernando**. Arcebispo.

101 - **SCHASCHING, Giovanni**. Bispo. Nome secreto de Código Gischa".

Foi um colégio cardinalício deste jaez que elegeu João Paulo I e seu substituto João Paulo II.

Conscientes dos rumos que tomaria a Igreja Católica sob o controle da maçonaria, em 6 de agosto de 1978, vinte dias antes do resultado do conclave que elegeu o cardeal Albino Luciani (João Paulo I), sete bispos católicos, reunidos no Convento das Carmelitas da Santa Face, em Santa Fé, na Colômbia, sagraram o bispo católico Dom Fernando como Papa. Adotou este o título pontifício de Gregório XVII e o lema "Alerta Humanidad".

Deste cisma resultou o surgimento de uma ala dissidente do catolicismo, intitulada Igreja Una, Santa, Católica, Apostólica Palmariana (mais tarde intitulada "IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA E PALMARIANA"). Sua sede foi instalada na Espanha — deserto de Palmar de Troya (Patriarcado del Palmar de Troya).

Este local, onde teriam ocorrido inúmeras aparições de Jesus Cristo e de Nossa Senhora, avalizadas pelo Papa Paulo VI, encontra-se próximo de Sevilha.

Boletim expedido em 29 de março de 1995 contendo o Decreto do Vigésimo Quinto Consistório de Nomeações de Cardeais, comunicava a elevação à dignidade da púrpura cardinalícia de quatro bispos, membros da Ordem dos Carmelitas da Santa Face em Companhia de Jesus e Maria. (Vide anexo.)

Através dessas novas nomeações — complementava o referido boletim — o Sagrado Colégio Cardinalício da Igreja Católica, Apostólica e Palmariana passava a contar com **100 purpurados**.

Este cisma, ocasionado unicamente pela maçonização do Vaticano, tem sido pouco difundido pela imprensa e isto não é de causar estranheza, pois já se demonstrou em que mãos ela se encontra. Não há interesse em divulgar o crescimento de quem se rebela ao controle judaico-maçônico. Mesmo assim, vez por outra alguma coisa escapa:

Arcebispo vietnamita é excomungado pelo papa

CIDADE DO VATICANO — O Vaticano excomungou pela segunda vez o arcebispo vietnamita Pierre Martin Ngo-Dinh-Thuc por ter ordenado vários bispos sem a autorização do papa. Um documento datado de 12 de março e divulgado ontem pela Congregação da Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício) declara que Ngo-Dinh-Thuc — de 85 anos, irmão do presidente assassinado do antigo Vietnã do Sul, Ngo-Dinh-Diem — foi excomungado por ter ilicitamente ordenado bispos o frade dominicano francês Guerard Des Lauriers e os padres mexicanos Moisés Cardona e Adolfo Zamora. O documento diz ainda que Carmona consagrou dois outros bispos mexicanos, Benigno Bravo e Roberto Martinez e um padre norte-americano, Georges Musey. Todos esses bispos foram também excomungados e suspensos de suas funções sacerdotais.

Ngo-Dinh-Thuc, que governou a diocese vietnamita de Hué desde 1960 até a revolta contra sua poderosa família, em 1963, foi excomungado pela primeira vez no dia 17 de setembro de 1976, por ter ordenado bispo o fanático espanhol Clemente Dominguez, que se declarou "papa" com o nome de Gregório XVII e estabeleceu a sede de sua igreja em Troya del Palmar, perto de Sevilha.

Ngo-Dinh-Thuc, que mora em Toulon, na França, ordenou também de padres vários seguidores do antipapa espanhol em 1976. Dominguez — que canonizou o falecido ditador Francisco Franco e milhares de espanhóis que morreram na Guerra Civil em defesa do "caudilho" — foi excomungado juntamente com o bispo vietnamita. Mas, em 1977, Ngo-Dinh-Thuc se declarou arrependido e a Santa Sé suspendeu a excomunhão contra ele.

O documento do Vaticano afirma que há tempos o bispo vietnamita vem declarando que "a Sé de Pedro está vacante". Isso indica que Ngo-Dinh-Thuc já não reconhece a autoridade papal. O documento, assinado pelo cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, diz ainda que todos os padres ordenados pelo bispo vietnamita foram suspensos e adverte os católicos a não participarem de serviços religiosos com os excomungados.

Jornal "O ESTADO DE SÃO PAULO" — 08 /04/1983

Terá validade a excomunhão de João Paulo II depois que o Vaticano cometeu tantas heresias em nome da Igreja? Depois que o Trono de São Pedro se fez cercar pela "sinagoga de Satanás"?

Com respeito ao cometimento de heresias, nada melhor do que transcrever manifestações da imprensa sobre a Reunião de Assis, promovida, em outubro de 1986, pelo Papa João Paulo II. Naquela oportunidade, o chefe temporal do catolicismo se fez cercar de dirigentes e representantes de toda a sorte de religiões heréticas que se possa imaginar: bruxos, feiticeiros, rabinos, bonzos, sikhs, caciques pele-vermelha, mediuns e até o buda reencarnado!

Eis alguns dos comentários a respeito:

" Na Igreja de São Pedro, em Assis, João Paulo II se fez presente em cerimônia de adoração do Grão-Lama por parte de um grupo de bonzos. (...) O Grão-Lama se sentou com as costas voltadas para o tabernáculo, onde a lamparina acesa atestava a presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, sem que o Papa ou qualquer de seus ministros presentes se preocupasse em poupá-lo daquele ultraje!" (Jornal "**Avvenire**" — 28/10/1986)

"O Papa assistiu os caciques e bruxos pele-vermelha, dançando e grunhindo, preparar o "Khalumet" da paz e depositá-lo sobre o altar-mor da Igreja de São Gregório." (Jornal "**La República**" — 28/10/1986)

"Sua Santidade ouviu os hindus, sentados ao redor do altar da Igreja de Santa Maria Maior, invocar a "Trimurti" e a todo o panteão hinduísta." (Jornal "**Il Corriere della Sera**" — 28/10/1986)

"João Paulo II afirmou que algumas igrejas católicas e a própria Basílica de São Francisco se salvaram da profanação graças à sensibilidade de muçulmanos e judeus, já que estes se recusaram a praticar seus ritos nos lugares sagrados de outra religião." (Jornal "**Il Giornale**" — 28/10/1986)

"Na Igreja de Santa Maria dos Anjos, o Vigário de Cristo tomou assento entre os chefes de outras religiões, no semicírculo de poltronas, todas idênticas, a fim de que entre eles não houvesse primeiro, nem último, como era costume entre os Cavaleiros da Távola Redonda, como se todos tivessem a mesma importância diante de Deus." (Jornais "**Il Tempo**" e "**Avvenire**" — 28/10/1986)

"O Grão-Lama do Tibet se sentou à esquerda do Vigário de Cristo, porque o cerimonial lhe havia designado entre os convidados um lu-

gar de honra, visto que aquele personagem não era um simples representante de outra religião, senão que era o próprio Buda encarnado, ou seja, um ídolo vivente!" (Jornal "**Il Tempo**" — 28/10/1986)

"Sacerdotes católicos, reverentes e pressurosos, se aprestaram em cumprir a função de intérpretes dos oficiantes budistas, sikhs, muçulmanos, bem como dos feiticeiros africanos e indoamericanos..." (Jornal "**Il Mattino**" — 28/10/1986)

"Giovani Bosco, sacerdote salesiano, subsecretário do "Secretariado para os Não Cristãos", explicou aos presentes, com a maior seriedade, que os budistas tinham cessado de praticar seus cantos fúnebres em louvor aos mortos, uma vez que já tinham todos eles, alcançado o "Nirvana" (a bem-aventurança obtida pelo indivíduo pela absorção e incorporação da essência divina)." (Jornal "**Il Mattino**" — 28/10/1986)

"O padre Andraos Salama desfilou descalço por respeito aos irmãos muçulmanos, enquanto estes clamavam a Alá e imploravam por seu perdão." (Jornal "**Avvenire**" — 28/10/1986)

"Pessoas católicas praticantes entravam nos vários lugares de oração como se fossem a uma missa, para ali receberem, devotamente, a benção de Alá, Buda, Visnu, etc." (Jornal "**La Reppublica**" — 28/10/1986)

"Milhares de católicos beijaram, respeitosamente, a mão do Graõ-Lama e receberam poções mágicas espargidas pelos feiticeiros africanos, como se fosse água-benta." (Jornais "**La Reppublica**", "**Avvenire**", "**Il Tempo**" e "Il Giornale" — 28/10/1986)

"Inúmeros frades franciscanos, todos eles compungidos, aprestaram-se a receber dos bruxos pele-vermelha a benção de "Manitu". (Jornal "**Il Mattino**" — 28/10/1986)

"O Rabino de Roma expressou sua satisfação, porque em Assis, todas as religiões em um plano de absoluta igualdade, puderam pública e privadamente, oferecer suas orações pela PAZ DE TODOS." (Jornal "**Il Tempo**" — 29/10/1986)

E apesar de todas essas manifestações de clara heresia, Jesus Cristo, os Santos Apóstolos e os doutores da Igreja não cansaram de exortar:

"FORA DA LEGÍTIMA IGREJA DE CRISTO NÃO HÁ SALVAÇÃO!"

Nenhum católico consciente pode duvidar de que inúmeras heresias foram cometidas na reunião de Assis, todas elas repetidas em um novo"encontro ecumênico" realizado em 1995.

Jamais a Santíssima Trindade foi tão ultrajada!

Jamais os lugares santos do Cristianismo foram tão sacrilegamente ultrajados e profanados!

Jamais a dignidade do Chefe visível da Igreja foi tão humilhada!

A amarga conclusão a que se chega, é que a supertição praticada pelos representantes das religiões, naquele nefasto 27 de outubro de 1986, em Assis, não é nada frente à traição que Jesus Cristo sofreu por parte de seus próprios ministros!

Todos esses acontecimentos levam os católicos a reler o Apocalipse de João, o último dos livros bíblicos, onde a vinda de antipapas e do próprio anticristo (*) está perfeitamente configurada.

Outras profecias parecem também confirmadas, como a do bispo Anselmo, da cidade de Sunium, na Grécia, que vaticinou, no século XIII:

> "Ai de ti, cidade das sete colinas, no dia em que a letra "K" for louvada dentro de teus muros! Então tua queda estará próxima."

Conciliação do catolicismo com seus mais tradicionais adversários, enfraquecendo ao invés de fortalecer a Igreja, atitudes de apoio à causa judaica, comprovando o servilismo à maconaria, são comuns. Basta acompanhar o noticiário da imprensa:

(*) Anticristo: Personagem que, segundo o Apocalipse, virá antes do fim do mundo para semear a impiedade, até ser finalmente vencido por Cristo; inimigo de Cristo; qualquer perseguidor feroz dos cristãos. (N.A.)

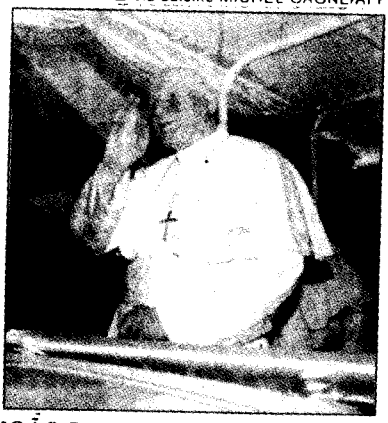
Papa chega na Alemanha para beatificar dois sacerdotes

Sumo Pontífice permanecerá três dias naquele país

Paderborn, Alemanha - O papa João Paulo II chegou ontem à Alemanha para uma visita de três dias, durante a qual planeja beatificar dois sacerdotes alemães que se opuseram ao nazismo e melhorar as relações da Igreja Católica com a Protestante. No entanto, teólogos dissidentes alemães aproveitarão a visita para criticar o "conservadorismo" do papa.

O papa aterrissou na cidade de Paderborn, local da primeira visita de um sumo pontífice à Alemanha, em 799, quando o papa Leão III se encontrou com o rei dos francos, Carlos Magno. João Paulo II foi recebido pelo presidente alemão, Roman Herzog, e elogiou os alemães por terem suportado a "dor" da separação do país. "Ninguém sabe tão bem como vocês o quanto é difícil obter um futuro pacífico para o mundo", disse o papa.

■ Via satélite/MICHEL GAGNE/AFP



JOÃO Paulo: diversos compromissos

O sumo pontífice deve participar hoje de um ritual ecumênico com líderes protestantes e, a seguir, tem viagem marcada para Berlim. Amanhã, ele deve se reunir com líderes judeus e o chanceler alemão, Helmut Kohl.

O principal evento da visita será a beatificação de dois padres alemães, Karl Leisner e Bernhard Lichtenberg, mortos pelo regime nazista. A cerimônia está marcada para o Estádio Olímpico de Berlim e mais de 150 mil fiéis são esperados. Há 20 milhões de católicos na Alemanha. Um tribunal de Berlim revogou esta semana uma sentença de abuso do púlpito contra Lichtenberg, datada de 1942.

João Paulo II também pode se pronunciar a favor da conciliação dos católicos com o pai da reforma protestante, Martinho Lutero. Ainda ontem, o papa declarou que sua mensagem se estende a todas as comunidades "que emergiram da Reforma". O líder da Conferência Nacional dos Bispos da Alemanha, Karl Lehmann, disse que o papa pode dizer coisas "surpreendentes" sobre a reconciliação das duas igrejas. ■ AE-REUTER

Com respeito à morte dos padres alemães **Karl Leisner e Bernard Lichtenberg**, o que se pode dizer é que ambos foram vitimados pelo tifo, quando cumpriam pena em Dachau, conforme atestado de óbito avalizado pela Cruz Vermelha Internacional. **Karl Leisner** foi julgado e condenado por atividades de **sabotagem ao trabalho** e **Bernhard Lichtenberg** (como aliás confirma a nota da Agência Reuter), por **abuso de púlpito**. As detenções dos dois sacerdotes não se deram à revelia do direito. Eles foram submetidos a julgamento (Leisner em 1941 e Lichtenberg em 1942) de plena conformidade com as regras do direito processual em vigor.

O tifo não vitimou, no final de 1944 e início de 1945, apenas estes dois prisioneiros, mas várias dezenas de milhares.

Os bombardeios aéreos indiscriminados praticamente paralisaram os transportes no interior da Alemanha. Provisões de boca, medicamentos, combustíveis para aquecimento, roupas, cobertores e até a água potável tornaram-se, dramaticamente, escassos. O tifo foi um martírio a mais suportado por prisioneiros e civis alemães, sem distinção.

O fato dos padres **Leisner e Lichtenberg** terem contraídos o tifo no interior de Dachau não é motivo para afirmar-se que tenham sido "mortos pelo regime nazista". Eles poderiam ter morrido no bombardeio de Dresden, pois ali exerciam suas atividades sacerdotais. (Naquela cidade, um terrível e desumano bombardeio Aliado ceifou a vida de aproximadamente 250.000 pessoas! Dezenas de sacerdotes estavam entre as vítimas, mas a estes não se pranteia porque a insania assassina estava do outro lado. Tampouco o Papa João II se preocupou em reverenciar os bispos e sacerdotes mortos nos bombardeios de Hamburgo, Mainz, Colônia, Hannover, Stuttgart, Lübeck, Berlim, Essen, Remscheid, Gelsenkirchen, Dortmund e dezenas de outras cidades alemãs reduzidas a escombros, com a finalidade de semear o terror e quebrantar a resistência das populações civis.)

A beatificação de **Leisner e Lichtenberg** serve menos à causa da Igreja e muito mais a de seus inimigos, como ficou evidente através da cobertura que lhe deu a imprensa. (A Reuter é uma agência judaica.) O episódio serviu, não para enaltecer os sacerdotes católicos beatificados, mas para reafirmar o aval da Santa Sé ao Holocausto.

O Papa João Paulo II voltou as costas à História. E não apenas à História remota, mas também à História recente, à História do Século XX.

Mártires da cristandade houveram sempre, desde o amanhecer do cristianismo, passando pela Roma Antiga, pelas Idades Média, Nova e Contemporânea, e chegando aos dias atuais. O século XX teve vários milhares de mártires, todos eles ceifados pelo comunismo, um dos braços mais diabólicos do judaísmo.

Medonhos acontecimetnos se passaram na Rússia, superando toda e qualquer imaginação. Dados estatísticos compilados nos primeiros dias do bolchevismo, citados nos Registros do Congresso Americano, revelam que durante os primeiros anos, dentre as mais de 2,2 milhões de pessoas assassinadas, encontravam-se **28 bispos e 6.776 sacerdotes**! (Como foi visto no capítulo III desta obra, a cúpula do Governo Bolchevista era integrada por 91% de judeus.)

No México, a revolução bolchevista, liderada pelos judeus Plutarco Elias Calles e Aron Saez, resultou no martírio de **20.000 católicos**, entre os quais **300 sacerdotes**.

Na Espanha, o bolchevismo exportado da União Soviética, através da infiltração de agentes comunistas (Ehremburg, Primakoff, Skoblewski, Tupolyew, Bischtzki, Ovejenko, Rosenberg, Jacobson, Friedlander, Miratvilles, Stillermann, Fraticin, Shapiro e outros), assassinou **12 bispos** e mais de **7.000 sacerdotes**.

Enquanto o judaísmo e seus braços de ação — o comunismo e a maçonaria — combatiam a cristandade, fechando igrejas e assassinando seus ministros (10.000 igrejas foram fechadas na União Soviética), Hitler, à frente do Governo nacional-socialista alemão, jamais cortou a subvenção do Estado às Igrejas cristãs (Católica e Protestante). Pelo contrário, aumentou, substancialmente, ao longo dos anos, essa contribuição, atestando que não tinha intenção de destruir o sentimento religioso do povo alemão, mas de fortalecê-lo. Eis a quota destinada pelo Governo nacional-socialista alemão às Igrejas:

1033 — 130 milhões de marcos
1934 — 170 milhões de marcos
1935 — 250 milhões de marcos
1936 — 320 milhões de marcos
1937 — 400 milhões de marcos
1938 — 500 milhões de marcos
1939 — 550 milhões de marcos
1940 — 600 milhões de marcos
1941 — 600 milhões de marcos
1942 — 650 milhões de marcos
1943 — 700 milhões de marcos
1944 — 700 milhões de marcos

De 1933 a maio de 1945, durante o Governo de Adolf Hitler, NENHUMA igreja foi fechada dentro do território alemão! Tampouco foi impedido qualquer serviço religioso ou ato litúrgico. (Em janeiro de 1934, um ano após a ascensão de Hitler ao poder, os bispos evangélicos tiveram uma entrevista com o Chefe do Governo, comunicando sua adesão ao Terceiro Reich e "condenando todo e qualquer tipo de maquinações contra o Estado". No dia 20 de agosto de 1935, os bispos católicos alemães, reunidos com Hitler em Fulda, externaram " o

sentimento de fidelidade e respeito que, segundo a lei divina, deviam os ministros de Deus ao poder e à dignidade mais elevada do Estado".)

Quando do encontro de Fulda, entre o Governo alemão e os bispos católicos, Hitler afirmou:

> "(...) No momento em que um sacerdote se coloque fora da lei, o Estado o obrigará a prestar contas como ocorre com qualquer outro cidadão alemão. Se na atualidade o estrangeiro defende com tanto afã uns poucos sacerdotes punidos pela justiça por atos contrários à legislação em vigor, lembro a esses contestadores do regime nacional-socialista, a esses estadistas que se dizem democratas, que o mundo não escutou seus reclamos quando na Rússia bolchevista e na Espanha, de maneira brutal, foram assassinados dezenas de milhares de sacerdotes e freiras. Esses estrangeiros que reclamam agora só se interessam em desmoralizar o Governo alemão. Não se interessam pela religião.
> Expressam, única e exclusivamente, um ponto de vista político, maculado pelo cinismo."

Sua Santidade, o Papa Pio XII, eleito em 1939, foi reconhecidamente um dos pontífices mais ativos da Igreja. Usou sua autoridade a tal ponto que chegou a ser criticado dentro da própria Igreja por deliberar sobre grande número de questões. Mas marcou época como um líder dos mais autênticos. Negociou com os vários Governos europeus com o intuito de evitar a Segunda Guerra Mundial e, depois do início das hostilidades, em terminá-la o mais rápido possível.

Homem de notável cultura, Pio XII certamente não desconhecia a identidade dos verdadeiros artífices da Segunda Guerra Mundial. Por isso, manteve sempre cordiais relações com a Alemanha nacional— socialista e com seu Governo. A estrita neutralidade mantida por Pio XII durante o decorrer do conflito negando-se, apesar das pressões, a romper relações com o Governo alemão — granjeou-lhe a antipatia dos Aliados. Foi inúmeras vezes cognominado de "o Papa nazista".

Hoje, a Igreja Católica, Apostólica e Palmariana — ala que disse "**não**" a maçonização do Vaticano — venera o Papa Pio XII (cardeal Eugênio Pacelli) como mais um Santo da Igreja. E reverencia, também, os mártires esquecidos: os bispos, sacerdotes, freiras e irmãos que pereceram sob o jugo do comunismo na União Soviética, na Espanha, no México e em outras partes do mundo.

O célebre escritor judeu Cecil ROTH declarou, certa feita, que o criptojudaísmo, quer dizer, a posição dos hebreus que ocultam a sua identidade como tais, cobrindo-se com a máscara de outras religiões e nacionalidades, é tão antigo como o próprio judaísmo.

Alertaram os cardeais sob o pseudônimo de Maurice PINAY (**Complô contra a Igreja**, Vol. II, p.221):

"Esta infiltração dos hebreus no seio das religiões e nacionalidades gentílicas, conservando a sua antiga religião e as suas organizações, agora mais secretas (maçonaria e movimento Nova Era, por exemplo), é o que tem formado verdadeiras quintas colunas israelitas no seio dos demais povos e das diferentes religiões, pois o judeu, introduzido na cidadela dos seu inimigos, obra dentro dela, seguindo ordens e realizando atividades planejadas nas organizações judaicas clandestinas, tendentes a dominar o povo, assim como o controle das suas instituições religiosas e a desintegração das mesmas."

A lição da História, a obra-denúncia escrita pelos cardeais preocupados com a infiltração judaico-maçônica no seio da Igreja (**Complô contra a Igreja**), as previsões bíblicas, as mensagens transmitidas por Jesus Cristo e Nossa Senhora (Palmar de Troya e La Salette, etc.), parecem não terem sido suficientes para sustar a corrida para o abismo.

VI — Similaridades

A análise fria e destituída de idéias preconcebidas, insufladas pelas obras escritas pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial ou, fundamentalmente, pelo cinema, televisão, jornais e revistas, maciçamente nas mãos de hebreus, permite constatar que Hitler nada mais fez do que repetir a história ao adotar medidas contra os candidatos a dominadores do mundo.

Muito antes do início da era cristã, como relata o Antigo Testamento bíblico, as sementes de Abraão, considerando-se o "povo eleito", escravizaram povos, praticaram terríveis atrocidades contra seus inimigos, pregaram abertamente o racismo (reprovando os casamentos mistos) e realizaram genocídios de grandes proporções para a época. (Ester — a cortesã responsável pelo Purim, lançando mão de fuxicos de alcova levou o rei persa, Assuero, a autorizar a matança de mais de 75.000 pessoas — Ester, IX, 16. Considerando-se que a população mundial da época era estimada em 2 milhões de pessoas, o genocídio do Purim foi responsável pelo extermínio de ponderável parcela da humanidade. O dia da grande matança, 13 de Adar, foi seguido por grandiosa festa que se repete através dos tempos. Até hoje, a cada 14 de Adar, os judeus do mundo inteiro se regozijam, reproduzindo os festejos e ágapes do Purim, bebendo comendo, vestindo fantasias, cantando e dançando à "saúde dos mortos".)

O Senhor Deus e seus profetas — entendiam eles, lhes tinham prometido um Messias portador de chaves de reinos, de outorga de domínio irrestrito sobre os demais povos, de direitos de partilhar o mundo em feudos e de repartir entre os membros das doze tribos as riquezas da Terra:

> "E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros, e os reis te servirão... E abrir-se-ão de contínuo as tuas portas: elas não se fecharão nem de dia nem de noite, a fim de que te seja trazida a fortaleza das nações, e te sejam conduzidos os seus reis. Porque a gente e o reino que não te servir, perecerá; na verdade, aquelas

nações serão totalmente devastadas... E sugarás o leite das gentes, e serás criada ao peito dos reis..." (Isaías, LX, 10/16)

Neste caso, como aceitar um Messias que proclamava a igualdade entre os homens, que negava as pretensões do "povo eleito", afirmando que não era a origem etnica, mas a comunhão com Deus o elo entre o secular e o transcendente?

"Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe." (Mateus XII, 50)

Jesus Cristo, o avatar de maus augúrios, não foi apenas rejeitado. Foi perseguido, preso, flagelado e crucificado como inimigo do judaísmo, como agente de subversão. É preciso frisar, mais uma vez, que judaísmo e sionismo, ou seja, religião e ideologia política, jamais se dissociaram na história do povo hebreu. Não é este autor que o afirma e tampouco os revisionistas tachados de "anti-sionistas", mas os comentaristas da Bíblia Sagrada. (Vide, por exemplo, os comentários ao Antigo Testamento da Bíblia publicada pelas Editoras Santuário e Vozes, 20ª edição, 1993).

Renegando e assassinando o Filho de Deus, os judeus cometeram o mais hediondo crime da história da humanidade, despertando a cólera de Deus. Foram dizimados muitos e expulsos outros, de Jerusalém, no ano 70 da era Cristã. A Diáspora (dispersão dos judeus) caiu sobre eles, não como fruto da incompreensão e intolerância dos homens, mas como castigo de Deus. Perambulando de um lugar para outro, sem perder em momento algum a arrogância e os propósitos de exploração e conquista, foram expulsos de Roma, da França, da Espanha, de Portugal, da Alemanha, da Áustria, da Tchecoslováquia, da Rússia...

Antes de serem banidos do Império Romano, durante o século II da era cristã, participaram de outro genocídio de grande proporções. Chefiados por Bar Kohba, um falso messias, assassinaram 104.000 cristãos, ou seja, mais da metade da população palestina da época!

Hábeis em fuxicos e futricas, principalmente com o emprego de cortesãs, fizeram com que a bela e diabólica Popéia ganhasse as boas graças de Nero. Resultado: três séculos de terrível perseguição e morticínio de cristãos!

Agora mesmo, em pleno século XX, não satisfeitos com os resultados trazidos por sua criatura — o capitalismo, trataram de parir a sua antítese — o comunismo, a fim de apressar os resultados de seu plano

diabólico de conquista do mundo. As conseqüências dessa empreitada macabra todos conhecem: 60 milhões de vítimas. Sem dúvida, em termos numéricos o maior genocídio de todos os tempos!

No caso do monstruoso genocídio soviético, mais uma vez os hebreus teimam em alegar a condição de "bodes espiatórios". A sua posição é de "vítima" e não de "carrasco" — insistem, afirmando que Stálin era anti-semita. Ninguém põe em dúvida o fato de que milhares de judeus foram assassinados no imenso feudo de Stálin e do bolchevismo. Ocorre que os carrascos desses judeus foram outros judeus em luta pelo poder! Lenine, e mais tarde Stálin, estiveram invariavelmente cercados por uma maciça assessoria judaica. Foram sempre judeus os mentores e executores da política de combate aos hereges do regime comunista!

É bem verdade que na vigésima-quinta hora, como sempre ocorreu ao longo da história, soou a vez do despertar e do ajuste de contas.

Em início de janeiro de 1953, nove médicos da clínica do Kremlin, TODOS JUDEUS, médicos particulares dos dirigente máximos do partido foram presos. Foram acusados de terem causado deliberadamente a morte de dois chefes do partido: Zhdanov e Sherbakov. O inquérito ordenado por Stálin desvendou um plano sinistro em pleno curso: estavam marcados para morrer os marechais Vashilevski, Govorov, Chtemenko, Konev e mais de uma dezena de altos próceres do Governo Soviético. (A conspiração fora descoberta graças à delação da médica Dra. Timachik, recompensada com a honraria máxima do Governo Soviético — a Ordem de Lênine.)

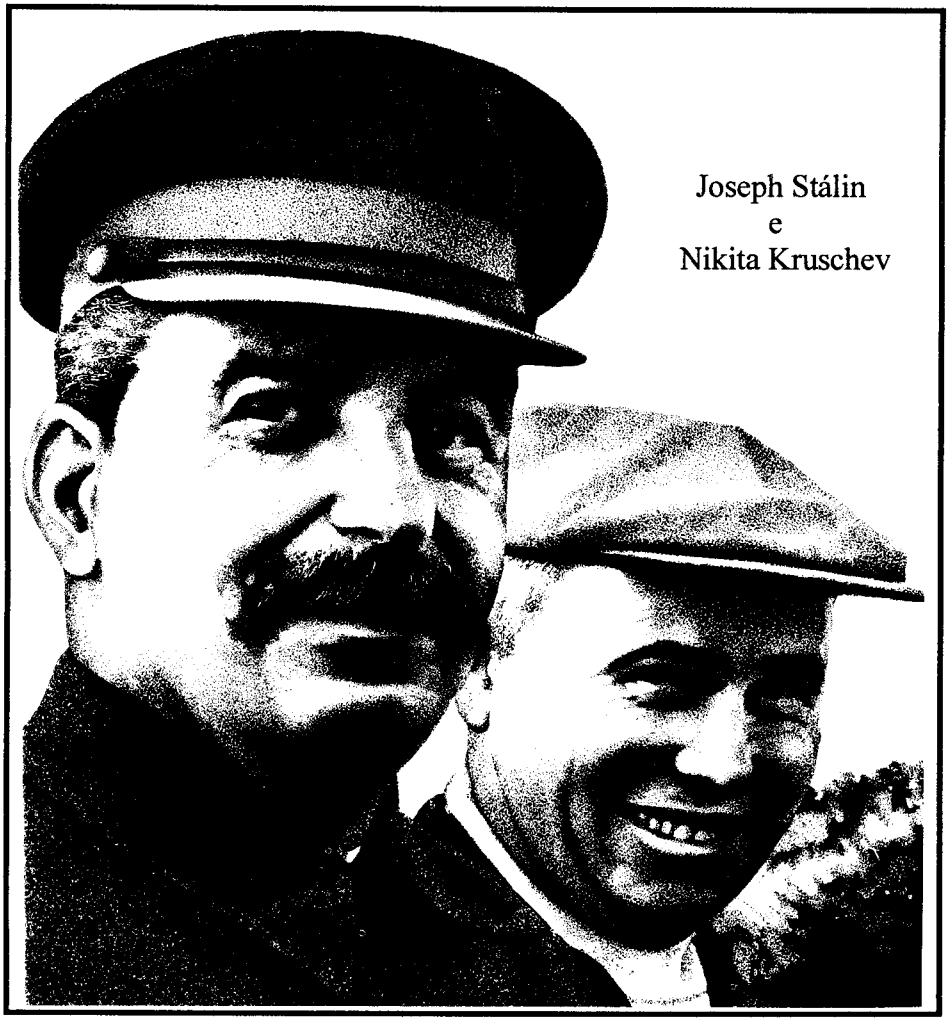
O escândalo da conspiração dos médicos — segundo Isaac DEUTSCHER — trouxe à luz uma gangrena moral que abalava os alicerces do Kremlin. Não pairavam dúvidas acerca da grande conspiração judaica com o fito de assenhorar-se completamente do poder. Kaganovitch, Molotov e o próprio Béria estavam à frente da trama sinistra. Imediatamente, Stálin ordenou que se planejasse o expurgo de todos os judeus residentes na União Soviética para a Sibéria. Durante todo o mês de fevereiro de 1953, uma comissão especial, nomeada por Stálin, tratou de cumprir a difícil tarefa, já que a população judaica residente na União Soviética era de aproximadamente 3,5 milhões, principalmente porque, no decurso da guerra, muitos judeus poloneses e de outros países vizinhos haviam emigrado para território soviético.

Nos últimos dias de fevereiro, a comissão encarregada de planejar o expurgo apresentou uma minuta a Stálin. Este a aprovou em primeira

instância e anunciou que a submeteria aos membros do Presidium na primeira semana de março.

Fatos estranhos acontecem em todos os quadrantes do mundo e em todas as épocas. O leitor há de ter na memória o infausto ocorrido com Sua Santidade, o Papa João Paulo I, em setembro de 1978, 34 dias após ter assumido o Trono de São Pedro. Naquela oportunidade a "fatalidade" impediu a destituição do cardeal Villot do alto cargo que ocupava no Vaticano e a pretendida revisão da Nostra Aetate.

Vinte e cinco anos antes, dentro dos muros do Kremlin, outra "fatalidade" se encarregou de impedir o expurgo dos judeus para a Sibéria: no dia 1° de março de 1953, Stálin sofreu uma "hemorragia cerebral", falecendo cinco dias depois.



Joseph Stálin
e
Nikita Kruschev

O próprio Presidente Getúlio Vargas adotou medidas drásticas contra a etnia hebraica. Em 14 de dezembro de 1940, decidiu **probir o visto consular brasileiro nos passaportes de judeus**, medida esta que se restringia unicamente aos hebreu, pois omitia a alusão a qualquer outro tipo de imigrante. Por que Vargas tomou essa atitude? Seria uma expressão gratuita de anti-semitismo, ou teria aquele notável estadista obtido subsídios nas páginas da história e nos fatos por ele próprio vivenciados como Presidente do Brasil?

No presente, além de se ver obrigado a enfrentar uma intentona comunista, planejada e executada por judeus, como Harry Berger (o mentor intelectual), Baruch Zell, Zatis Janovisai, Rubens Goldberg, Moyses Kava, Waldemar Roterburg, Abrahan Rosenberg, Nicolau Martinoff, Moisi Lipes, Jayme Gandelsman, Carlos Garfunkel, Waldemar Gutinik, Henrique Jvilaski, José Weiss, Armando Gusiman, Joseph Friedman e muitos outros, como a própria Olga Benarios, amante de Luís Carlos Prestes (o brasileiro que emprestava o nome para o movimento), era pressionado pelos Rotschild da vida a liquidar uma dívida impagável, originada do Império e dos desvarios da República Velha, ainda que isso acarretasse a penúria e morte de milhões de brasileiros.

Getúlio Vargas, pressionado por entreguistas, por corrompidos, por vendilhões da Pátria, não conseguiu triunfar sobre a camarilha internacional. Tendo retornado ao poder nos braços do povo, foi levado ao suicídio, transformando-se em mais um dos mártires que ousaram reagir contra as "forças ocultas" que manobram as finanças internacionais.

Adolf Hitler foi, no século que caminha para o ocaso, o grande nome que se opôs às "forças ocultas", nomeadas por Getúlio e por Jânio Quadros. Ele não se restringiu a nomeá-las com rodeios ou subterfúgios, não se valeu de meias palavras, de mensagens enigmáticas. Afirmou em claro e bom tom: "Se as nações e a Igreja não se rebelarem contra a 'sinagoga de Satanás', o globo terrestre mergulhará no abismo e, possivelmente, o planeta venha a girar sem vida para a eternidade. "Em uma época em que o arsenal nuclear não passava além do campo da ficção científica, Hitler fazia exercício de futurologia prevendo uma hecatombe nuclear provocada pelos eternos "conquistadores do mundo". Hoje, ainda que com a trégua entre os Estados Unidos e a Rússia, os arsenais atômicos não foram destruídos e os riscos continuam tão grandes como os de alguns anos atrás. A belicosidade de Israel e dos hebreus espalhados pelo mundo, o domínio por eles exercido junto aos governos, a ignorância dos povos ante o andamento do plano diabólico contido nos Protocolos, o enfraquecimento do Cristianismo — o mais

tradicional inimigo dos judeus, tudo isso contribui para que a exortação de Hitler continue válida.

O ódio desencadeado pela imprensa internacional contra o führer do nacional-socialismo alemão é facilmente compreendido, a esta altura, pelo leitor desta obra. Desde a publicação de "Mein Kampf" (Minha Luta), Hitler dispensou o palavreado alegórico e deu nome aos bois.

O "racismo" contido na mensagem nacional-socialista, como parece ter ficado bem claro a partir do comportamento judaico de todos os tempos, não foi uma atitude gratuita, injusta, desumana. Resultou, isto sim, de uma contrapartida na exata proporção do racismo judaico, confesso no Torah, no Talmud, na Cabala e nos Protocolos. Hitler deu a seguinte resposta aos judeus: "Assim como não queres o sangue alemão, também os alemães dispensam o sangue hebreu."

Os judeus não foram "bodes espiatórios" — como afirmou o professor de "Never Forget". Eles foram os artífices da ruina econômica, política e moral da Alemanha pós-Versalhes. A "paz cartaginesa", ditada em Versalhes, foi, fundamentalmente, uma "paz judaica" — como afirmam hoje, dezenas de historiadores não incluídos entre os revisionistas.

A 4 de outubro de 1919, um sacerdote da cidade de Bâle publicava um artigo, com o seguinte teor, no jornal "**Müchener Beobachter**" (In: Joachim FEST. **Hitler**, p. 101/102):

> "Um tempo lamentável este onde **asiáticos circuncisados**, inimigos do Cristianismo, erguem por toda parte suas mãos asquerosas e sangrentas para nos estrangular em massa! Os massacres de cristãos cometidos pelo judeu Issaschar Zederblum, aliás, Lênine, surpreenderiam até Gêngis Khan. Na Hungria, seu discípulo Cohn, aliás Bela Khun, tem percorrido o infortunado país à frente de um bando de terroristas, dispostos a matar e a roubar, enforcando cristãos em sinistros patíbulos transportados em caminhões..."

Esta manifestação de um sacerdote, muito tempo antes da consolidação do NSDAP (Partido Nacional Socialista Operário Alemão, presidido por Adolf Hitler a partir do mês de fevereiro de 1921), comprova que membros da Igreja se anteciparam ao Führer em denunciar as atrocidades cometidas pelos judeus sob o mando do comunismo.

Aliás, a Igreja se antecipou a Hitler em outras providências. Culpam-no hoje, por exemplo, pelo confinamento de judeus em guetos. Vão além: atribuem a Hitler a implantação desta prática. Ignoram a his-

tória. O gueto é de origem romana. Foram criados por iniciativa do Vaticano. Muitos séculos antes de Hitler, os ocupantes do Trono de São Pedro houveram por bem isolar os judeus da comunidade cristã. Não foi sem razão que adotaram essa prática. Não houve um motivo, mas uma pluralidade de motivos, como parece ter ficado claro na exposição anterior. Os Papas que adotaram aquela medida não eram anti-semitas. Lutavam pela sobrevivência do Cristianismo.

Da mesma forma agiu Getúlio Vargas no Brasil. Há de ter granjeado para si a pecha de anti-semita, como sempre ocorre quando alguém resolve revolver as páginas dos Livros Sagrados ou da História e dali retirar lições.

Getúlio Vargas chegou a receber, durante algum tempo, em pleno transcurso da Segunda Guerra Mundial, 959 "judeus do Vaticano", a rogo de Pio XII. Dentre eles, incluíam-se nomes famosos como os de Stefan Zweig e Otto Maria Carpeaux (Karpfern). Era uma reedição dos cristãos-novos do período colonial. Em relação aos judeus da aurora brasileira Botelho de OLIVEIRA afirmara: "Eles tinham nas mãos o rosário e no coração as contas..." "Com respeito aos "judeus do Vaticano", o que se pode dizer é que deixavam Roma jurando rezar o Pai Nosso e em aqui chegando se punham a recitar o Kaddish...

O Presidente Vargas logo se deu conta do logro e interpôs barreiras à imigração judaica.

O Conselheiro Ernani Reis, com o aval do Secretáio Geral do Ministério do Exterior (Afrânio Mello Franco Filho) assim justificou a medida (Cf. Avraham MILGRAM. **Os Judeus do Vaticano**, p. 13/14:

> "Não foi simplesmente a qualidade de católicos que valeu àquelas pessoas o favor da concessão dos vistos brasileiros, mas a sua dupla condição de católicos e judeus. Outros católicos, milhões e milhões de católicos que guardam as mais puras tradições cristãs estão ainda sob a pressão da máquina de guerra... Um número relativamente exíguo de judeus, **dados como convertidos**, é que foram beneficiados pela concessão, logo revogada por causa dos abusos que em seu nome se cometeram..."

Alberto DINES, no prefácio da obra de MILGRAM (p. 15),tece loas a Oswaldo Aranha, intitulando-o de "santo padroeiro dos refugiados" e " o mais pró-Aliados dos colaboradores de Vargas", o que não constitui novidade para quem leu "**Getúlio Vargas depõe O Brasil na**

Segunda Guerra Mundial", de Sérgio Oliveira, obra lançada pela Revisão Editora.

Como "vilão da história" aparece o embaixador brasileiro em Berlim, Ciro de Freitas Vale que, segundo DINES (In: MILGRAM. Op. cit. p.15), através de sua intransigência impediu que os "judeus convertidos" da Alemanha viessem em maior número para o Brasil.

Denodados defensores dos judeus existiram sempre na história do Brasil. No século XVII, por exemplo, o padre Vieira liderou "corajosa cruzada" contra os procedimentos do Santo Ofício, rebelando-se contra o Papa e os cânones da Igreja. Ele próprio era um cristão-novo, pois a quinta-coluna é invenção judaica que remonta à Idade Média. Não é este autor que afirma. É Maurice PINAY, o condinome de renomados cardeais da Igreja Católica!

Não foi apenas o Governo brasileiro que resolveu fechar a porta com cadeado e tranca contra a imigração judaica na década de 1940. Tomaram a mesma atitude dezenas de governos americanos, inclusive o de Roosevelt, apesar das pressões da tropa de choque que o cercava. A diferença entre as atitudes desses governos e a de Hitler era a de que eles tergiversavam, enquanto Hitler falava às claras.

A obra de Avraham MILGRAM (**Os Judeus do Vaticano**, p.22) não atribui culpa exclusiva a Vargas e aos membros de seu Governo no episódio que restringiu a entrada de judeus no País. Registra, sem rodeios, que a opinião pública os considerava indesejáveis!

Em 1937, o padre João Cabral publicava a obra intitulada "**A Questão Judaica**" (Cf. Avraham MILGRAM. Op. cit. p. 73) previnindo:

> "O Brasil, até nossos dias, está isento dos perigos e das dificuldades da questão judaica (...) Infelizmente, porém, a inconstância ou a leviandade com que o nosso Governo está permitindo a entrada, em larga escala, dos filhos de Israel no território nacional, vai preparar-nos para o futuro próximo um gravíssimo e inquietante problema."

Nessa mesma época, a Livraria do Globo, de Porto Alegre publicava "**O Judeu Internacional**", de Henry FORD, e livrarias do eixo Rio-São Paulo divulgavam as obras de Gustavo BARROSO — "**A Sinagoga Paulista**", "**Judaísmo, Maçonaria e Comunismo**" e "**História Secreta do Brasil**", além da tradução por ele prefacida e comentada de "**Os Protocolos dos Sábios de Sião**"

Vivia-se a ditadura — segundo os detratores de Getúlio Vargas -, mas gozava-se da liberdade de pensamento e expressão. Hoje, vive-se a democracia plena, com liberdade de pensamento e expressão perseguida! Quem pode explicar tamanho paradoxo?

Os 959 judeus da "Lista do Vaticano" (as listas estão em moda) trataram logo de ajeitar o seu lado sem se preocupar com os 2041 que tinham ficado na Europa (a lista inicial fornecida pelo Vaticano incluía 3000 candidatos).

Inge Deutschkron, jornalista israelense do jornal "Maariv", deu o seguinte testemunho (Avraham MILGRAM. **Os Judeus do Vaticano**, p. 77)

> "Nossos amigos da família Blumental ficaram profundamente decepcionados ao receber a seguinte resposta de seus familiares no Brasil, quando solicitados a prestar auxílio para emigrarem: 'Nós pretendemos abrir outra loja, e logo após requeriremos o pedido de licença para vossa entrada.' Carta deste tipo e outras parecidas — e estas eram muitas — significavam um sério golpe para aqueles que as recebiam."

Época dura aquela! As maldições bíblicas fechavam todas as portas aos judeus. Fechavam-nas os governos e as sociedades. Nem mesmo os judeus queriam saber de judeus!

Adolf Hitler, que passara das palavras a ação, oferecia aos judeus a oportunidade de deixar a Alemanha. As embaixadas de todos os países que mantinham relações diplomáticas com o Reich, negavam-se a apor vistos em seus passaportes. Esgotando-se as possibilidades de emigração, não por obstáculos colocados no pólo de saída, mas nos de destino, Hitler passou à "Solução Final", que os judeus denominam Holocausto ou Shoa, revestindo-a das características de genocídio em escala industrial, e que, como alegaram as vítimas do "linchamento de Nuremberg", se traduzia em deportação. O plano inicial pretendia deportar os judeus para Madagascar, na África. O Governo de Vichy (Madagascar pertencia à França) disse "não!". Hitler escolheu como alternativa as terras do leste europeu, desde que vencida a União Soviética. Os campos poloneses (Treblinka, Sobibor e Belzec) eram locais de concentração de futuros deportados. Localizavam-se nas proximidades da fronteira ds União Soviética. (Chelmno não era um centro de deportados, mas um grande hospital.) A "Solução Final" não se concretizou pelo simples motivo de que as tropas alemãs foram expulsas da União Soviética.

Morreram muitos judeus nesses campos de concentração?

Evidentemente que morreram muitos milhares. Dezenas de milhares. Provavelmente de duas a três centenas de milhares. O número exato dificilmente se saberá, apesar do extremo cuidado dos alemães no que se refere a registros. Nos últimos meses de guerra, como já se teve oportunidade de dizer, a paralisia dos transportes ceifou uma quantidade impressionante de pessoas. Não apenas de judeus, mas de priosioneiros de guerra das mais diversas nacionalidades e, inclusive, de civis alemães. Apenas nos bombardeios de cidades indefesas morreram mais de 1 milhão de pessoas. As super-fortalezas voadoras e os bombardeios da RAF não visavam alvos estratégicos, fábricas de armamentos, instalações militares. Lançavam granadas sobre bairros residenciais, e depois do primeiro ataque, voltavam para lançar bombas de fósforo. A intenção era de simplesmente matar. Quanto maior número de pessoas, melhor! Pouco importava se entre as vítimas se encontravam mulheres, velhos e crianças. Aliás, isto é o que mais havia, porque os homens válidos se encontravam nos campos de batalha. Em todos os locais, nas cidades e no campo, faltava alimentos e remédios. Nem água potável havia, porque um dos alvos preferidos pelos esquadrões de bombardeio eram as represas. Poderiam conjugar-se de uma só vez tantas circunstâncias favoráveis ao surto de doenças, como o tifo? No inverno de 1944/1945, as epidemias letais ceifaram um número incalculável de vidas. Os milhares de mortos esperavam vez diante dos crematórios dos campos de concentração ou ardiam em piras montadas ao ar livre. As fotos dessas cenas dantescas são seguidamente aproveitadas nos livros que narram as "monstruosidades nazistas". São tão descuidados os aproveitadores desse acervo documental que uma mesma fotografia tanto retrata "**mulheres russas que precisam desnudar-se antes de serem conduzidas para as câmaras de gás**", quanto "**residentes poloneses diante do fuzilamento pelos SS assassinos**". (S. E. CASTAN esgota a farsa em "**Holocausto Judeu ou Alemão**?).

Outra sorte não teve o acervo cinematrográfico. Steven Spielberg e a máfia judaica que se apoderou dos estúdios de Hollywood, têm tirado grande proveito dos filmes realizados pelos alemães. Até prêmios da Academia já conquistaram! A "Lista de Schindler" foi uma autêntica mina de ouro para o espertíssimo Spilberg, apontado por um livro católico (**Nova Era — Um Perigo para os Católicos**, publicado pela Editora Louva-a-Deus, do Rio de Janeiro), como um dos **maiores azes** do movimento Nova Era, **cujo objetivo principal é destruir o Cristianismo.**

Mas já que as "listas " estão em moda, é interessante acrescentar mais algumas informações sobre a "Lista de Pio XII, que solicitava o ingresso de 3000 judeus "convertidos" ao catolicismo, no Brasil, e que acabou redundando em apenas 959 imigrantes. Aprincipal razão da "Lista de Pio XII" não ter sido completada foi o decreto de 14 de dezembro de 1940 que proibiu o visto consular brasileiro nos passaportes de judeus. O recúo do Governo Vargas em face ao que fora concertado com Sua Santidade é simples de explicar. Em junho de 1939, Ciro de Freitas Vale, tendo assumido a Secretaria Geral das Relações Exteriores, enviou correspondência ao Vaticano (endereçada ao cardeal Maglione), dando conta das razões do Governo brasileiro em suspender a entrada de judeus no País. Eis algumas das alegações nele contidas:

> "O Brasil tem aberto suas portas a imigrantes de todas as nacionalidades, que se mostrem dispostos a dedicarem-se à agricultura. Os judeus tiveram esta oportunidade. Fundaram colônias em 1904 e em 1911 (Philippson e Quatro Irmãos), hoje praticamente abandonadas. Eles se encontram infiltrados na imprensa, no comércio, nas finanças, nas profissões liberais e até no serviço público, concorrendo com os nacionais. (...) Trouxeram para o Brasil idéias comunistas, contrárias aos interesses da Nação e de seu Governo.(...) Demonstraram aversão ao trabalho agrícola. (...) A Lista de Sua Santidade, atendida em boa parte, não fez mais do que repetir a experiência anterior. Embora os vistos tenham sido concedidos para que esses imigrantes praticassem a agricultura, nenhum deles se dispôs a cumprir o que declarara nos requerimentos para a concessão de vistos."
> (Fonte: Documentos do Itamarati)

Memorando de 15 de janeiro de 1941, expedido pelo Itamarati (referido por Avraham MILGRAM, **Os Judeus do Vaticano**, p. 143), esclarece que "**a conversão religiosa do judeu ao Cristianismo não passou de um disfarce incapaz de modificar sua condição**."

Descobria-se no Brasil, no decorrer de 1941, o que os Romanos tinham averiguado no ano 70 da era cristã, os franceses em 1254, os ingleses em 1290, os espanhóis em 1492, os portugueses em 1496, os berlinenses em 1573, os austríacos em 1670, os tchecos em 1745, os russos em 1891 e Adolf Hitler na década de 1930!

Como sempre, os brasileiros são os últimos a pegar o trem da História!

Para concluir, resta afirmar que do ponto de vista das medidas que tomou em relação aos hebreus, Hitler não foi precursor de coisa alguma. Suas palavras e atos sintetizaram as atitudes de dois grandes nomes do Cristianismo: Santo Agostinho e São Bernardo. Como Santo Agostinho e outros eminentes figuras do catolicismo, incluindo ocupantes do Trono de São Pedro, ateve-se, por algum tempo, no plano das palavras: denunciou e estigmatizou o judaísmo e o sionismo, assim como suas criaturas diabólicas — a maçonaria, o bolchevismo e o capitalismo selvagem. Como São Bernardo, Hitler passou das palavras à ação. Deu um passo além do reproche argumentativo. Muniu-se de espada e foi à luta. A partir de 1935, quando da promulgação das Leis de Nuremberg, liderou uma cruzada, semelhante as da Idade Média(que tiveram à frente São Bernardo, São João Crisóstomo, Santo Atanásio, São Cirilo, São Jerônimo e dezenas de outros Santos da Igreja) contra a "sinagoga de Satanás", cujo objetivo, neste século XX, era idêntico ao de todos os tempos: destruir o Cristianismo e conquistar o mundo.

Com relação à questão judaica, a verdade nua e crua é a de que Hitler não inovou em nada! Limitou-se a repetir a História. E, fundamentalmente, a História da Igreja!

Embora seja duro dizer — não se pode fugir a este registro — , mesmo porque a esta altura parece bastante óbvio:

Mesmo que tivesse existido o falsamente extermínio de judeus durante o regime nazista, Hitler não teria recebido o galardão pecha de pioneirismo no assunto.

Durante largo tempo, principalmente depois do século III, quando a Igreja abandonou o costume de **oferecer a face esquerda a quem lhe batia na direita, e muniu-se de cordoalhas para expulsar os vendilhões do templo**, o combate aos hebreus e ao judaísmo não se restringiu ao âmbito das palavras. Seus métodos passaram da reprovação verbal de Santo Agostinho para o fio da espada de São Bernardo.

Nem todo o mal pode ser exprobrado à força da pura e simples argumentação. Muitas vezes, reza e água-benta se mostram ineficazes contra os poderes de Satanás.

Conclusão

Inúmeras circunstâncias, fatos, coincidências, atitudes de altos próceres, previsões bíblicas, revelações de profetas reconhecidos pela Igreja, estão a indicar a chegada do anticristo apocalíptico.

A Igreja Católica Apostólica Romana, com sede no Vaticano, encontra-se minada pelo seu mais tradicional inimigo.

Não há suspeitas disto. Não pairam sobre os católicos temores infundados. Aqueles que se põem ao par das notícias, que refletem criticamente sobre o conteúdo das mesmas, e que retiram da história as lições que os fazem compreender o presente, têm sobejas razões para temer o futuro.

A eleição de um Papa, embora se dê sob a luz do Espírito Santo, é uma formalidade temporal, sujeita a números, à quantidade de sufrágios, tal como ocorre nos pleitos eleitorais de natureza política.

Fica no íntimo de cada um a pergunta: "O próximo conclave oportunizará à Igreja a volta às origens, ou será um evento de cartas marcadas, como ocorreu em 16 de outubro de 1978?"

Se a segunda hipótese se concretizar, o novo Papa não será apenas um **maçon de grau 33**, mas também **judeu**!

O nome deste Vitor IV não será levado ao trono por Anacleto II, mas pelos agentes maçônicos infiltrados no Vaticano. Seu nome é **Jean-Marie Lustiger**, cardeal de Paris!

Mas não se trata de trunfo único, pois a ala maçônica ainda encontra resistência entre os "conservadores". Há um segundo nome a ser lançado, em caso de — como alerta a reportagem da Revista **Veja** (nº 1.145, 22/05/1996, p. 53) — aparecerem muitos a "**torcer o nariz**" contra o candidato oficial.

A "ala maçônica" possui uma carta escondida no punho, que se chama **Joseph Ratzinger**, cardeal que vem se mostrando incansável no trabalho de solapar os alicerces da Igreja.

A importante cisão de agosto de 1978 não se deu por obra de reformistas, como Calvino e Lutero, preocupados apenas com a democratização das decisões políticas e religiosas e com os modos de salvação, mas como conseqüência da infiltração maçônica no cerne da Santa Sé.

Por mais paradoxal que possa parecer, a análise fria da realidade demonstra que os reformistas não são os que **renegaram a liderança do Vaticano**, mantendo-se fiéis à Igreja tradicional, mas os que **disseram "amém" ao cristianismo-maçônico**!

Não há dúvida que neste final de milênio, mais do que em épocas passadas, o catolicismo se vê numa encruzilhada. Encontrará ele forças para vencer, como em vezes anteriores, as maquinações diabólicas da "sinagoga de Satanás"? Ou cederá depois de vinte séculos de luta, jogando por terra os ingentes esforços daqueles que, muitas vezes com o sacrifício da própria vida, escreveram a história da Igreja?

As evidências do complô em marcha são bastante claras. Não as vê quem não quer. Se o plano milenar de conquista do mundo fosse uma visão de lunáticos, os hebreus não teriam sido invariavelmente expulsos de todos os lugares por onde passaram. A repulsa que lhes moveu povos e governos não pode ter resultado de uma aversão gratuita. Em nenhum dos casos se pode falar de "ação", mas de "reação". Foi o que aconteceu em território palestino, em Roma, na França, na Inglaterra, na Espanha, em Portugal, na Áustria, na Tchecoslováquia, na Rússia e na Alemanha por duas vezes (em 1573 e no presente século). No Brasil, se não chegaram a ser expulsos, pelo menos tiveram o ingresso obstaculizado durante o Governo Vargas. Também não se pode alegar aqui o único argumento de sempre: anti-semitismo gratuito. O Presidente apresentou razões através do Itamarati. Não cabem reclamações de qualquer espécie, principalmente de quem veio sem ser convidado! Um país soberano é dotado de livre arbítrio. Pode optar, em se tratando de imigração, entre o que quer e o que não quer. Getúlio Vargas decidiu que não queria judeus. Quem mais, senão os brasileiros, pode julgar se ele estava certo ou errado?

Qualquer Governo que se preza teria considerado este tal de Avraham MILGRAM "persona non grata". Quem é ele para julgar atitudes do Governo brasileiro, se não passava de "penetra" ou de descendente de "penetra"?

Pois, por mais paradoxal que possa parecer, os Avraham MILGRAMS da vida conseguem publicar livremente seus livros de crítica aos Governos brasileiros, enquanto os que defendem estes, têm suas obras retiradas de circulação!

A verdade é esta, caro leitor! Judeus que criticam o Governo do país que os acolheu têm livre trânsito na imprensa, enquanto os brasileiros natos, nacionalistas ferrenhos, têm suas obras retiradas de circulação!

O que se pode deduzir disto? O que se pode deduzir é que, tal como ocorreu na Polônia submetida ao "Estatuto de Kalisz", também no Brasil do Século XX, vige a lei do "judeu pode e do brasileiro não pode"!

Que resta fazer num momento tão cruciante?

Resta rezar fervorosamente pelo futuro da Igreja, pelo porvir do País e da humanidade. A igreja, último bastião do Cristianismo, depois de cercada e combatida por inimigos externos, aos quais venceu sempre porque os podia identificar, vê-se agora submetida aos inimigos internos, à quinta coluna muito bem identificada por Maurice PINAY. Este novo inimigo, peculiar à era dos Protocolos, age de forma solerte, infiltrando-se às escondidas, dispensando a formalidade dos convites ou dos vistos de entrada. Age muito mais no plano psicológico, criando ideologias utópicas, carreando adeptos para as intituições sob seu controle (maçonaria, movimento Nova Era, ONGs, movimentos de justiça e direitos humanos — B'nei Brith e outros), e utilizando-os como massa de manobra para a consecução de seus intentos. Não se acanham em afirmar em se referindo ao Brasil: " **Durante os anos de ditadura** (militar) **tivemos poderosos "amigos" nos centros de decisão.**" (Vide anexos.) A palavra "amigos" aparece grafada assim mesmo, entre aspas, na revista **Shalom**, para enfatizar o significado dúbio dado pelos judeus à amizade.

A presença deles no Vaticano e em esferas subalternas da Igreja já não aparece hoje resguardada pelos véus e sigilos dos primeiros tempos. Conscientes da ignorância da maioria dos cristãos, põem as manguinhas de fora e dão publicidade aos seus feitos, que podem ser denominados, com muito maior propriedade, de "conquistas".

A obra nº 46 — Estudos da CNBB, intitulada "**Guia para o diálogo Católico-Judaico no Brasil**", em sua apresentação (p.5) nomeia, dentre os colaboradores, **Paulina Mayer**, Rabino **Henry Sobel**, Rabino **Michael Leipziger** e Sr. **Hugo Schlesinger**.

Basta analisar o teor de um pequeno trecho da referida obra para certificar-se de quem o escreveu:

> "E os filhos desses casamentos? (Casamentos mistos) Se pudéssemos supor que a maioria destas crianças seria criada **dentro do judaísmo**, não estaríamos preocupados. Mas, infelizmente, não é o caso. Através de pesquisas, verifica-se que em 73% das famílias resultantes de casamentos mistos, os filhos não são judeus..." (p. 97)

Pois eis o que induz uma obra dita católica, mas que foi escrita com a "colaboração" de judeus: não é o redil de Cristo que deve ser ampliado com o ingresso de novos católicos, mas **o judaísmo — a negação de Cristo, que deve ser preservado**!

A infiltração confessa de "amigos" junto ao Governo brasileiro e a "colaboração" junto a órgãos importantes da Igreja, donde emanam instruções para milhares de cristãos, serve de exemplo das estratégias e táticas da atualidade.

O que se pode dizer como mensagem final?

Não há outra coisa a dizer, se não que os católicos conscientes de todo o mundo não percam a fé na Santíssima Trindade, e mormente no Divino Espírito Santo. Que este ilumine os membros do próximo conclave, de modo que o colégio cardinalício não entregue, de uma vez por todas, a direção da Igreja para seus tradicionais inimigos.

É preciso, nesta hora, muita reza e água-benta, embora a história tenha comprovado que simples atos de fé nem sempre se mostraram suficientes para exorcisar o mal.

BIBLIOGRAFIA

1. ABREU, Capistrano de. **Denunciações da Bahia**. Rio de Janeiro, Capistrano, s.d.

2. BAEK, Leo. **La Esencia del Judaísmo**. Buenos Aires, Paidos, s. d.

3. BALBEL, N. & GUINSBURG, J. **Os Marranos**. São Paulo, Centro de Estudos Judaicos, 1977.

4. BARROSO, Gustavo, **Brasil — Colônia de Banqueiros**. Porto Alegre, Revisão, 1989.

5. BARROSO Gustavo. **Os Protocolos dos Sábios de Sião**. Porto Alegre, Revisão, 1989.

6. BARROSO Gustavo. **A História Secreta do Brasil**. 6 vol. Porto Alegre, Revisão, 1990/1993.

7. BEECK, M. A. **História de Israel**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

8. CALMON, Pedro. **História Social do Brasil**. 2 vol. São Paulo, Nacional, 1937.

9. CASCUDO, Luiz da Câmara. **Conde D'Eu**. São Paulo, Nacional, 1933.

10. CASTAN, S. E. **Holocausto Judeu ou Alemão**? 26. ed. Porto Alegre, Revisão, 1988.

11. CASTAN, S. E. **S.O.S. para Alemanha.** Porto Alegre, Revisão, 1990.

12. CASTAN, S. E. **Acabou o Gás!... — O Fim de um Mito**. 2. ed. Porto Alegre, Revisão, 1989.

13. CASTAN S. E. **A Implosão da Mentira do Século**. Porto Alegre, Revisão 1991.

14. CHOURAQUI, André. **O Pensamento Judaico**. Lisboa, Arcádia, s. d.

15. CNBB. **Guia para o Diálogo Católico-Judaico no Brasil.** São Paulo, Paulinas, 1986.

16. COCHIN, A. **L'Abolition de l'Esclavege.** Vol. 2, Paris, 1851.

17. COSTA, D. Antônio de Macedo. **A Questão Religiosa no Brasil**. Lisboa, Lallemant Fréeres, 1886.

18. COUTO, Loretto. **Diálogos das Grandezas do Brasil.** Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, s.d.

19. DIVERSOS. **El Plan Andinia**. Santiago, Alfabeta, 1987.

20. EBAN, Abba. **História do Povo de Israel**. Rio de Janeiro, Bloch, 1973.

21. FEST, Joachim. **Hitler** (Hitler, eine studie über die Angst). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.

22. FORD, Henry. **O Judeu Internacional**. Porte Alegre, Globo, 1936.

23. GARCIA, Rodolfo. **Os Judeus na História do Brasil**. São Paulo, Uri Zwerling, s. d.

24. GÉRIN-RICARD, L. de. **História do Ocultismo**. Rio de Janeiro, Bloch, 1966.

25. GOES, Albrecht. **O Holocausto**. Rio de Janeiro, Agir, 1960.

26. GONZAGA, Frei Luiz de. **Monseigneur Vital**. Paris, Saint François, 1912.

27. GUIMARÃES, Argeu. **Os Cristãos-Novos Portugueses na América Espanhola**. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, s. d.

28. GUIMARÃES, Argeu. **Os Judeus Portugueses e Brasileiros na América Espanhola**. Riode Janeiro, Academia Brasileira de Letras, s. d.

29. HERZL, Theodore. **O Estado Judaico**. São Paulo, Pioneira, 1959.

30. IZECKSOHN, Isaac. **Os Marranos Brasileiros**. São Paulo, Editora do Autor, 1976.

31. KREBS, Sigfredo & ARCAVI, Isaac. **Páginas Escogidas**. Buenos Aires, Sarmiento, 1949.

32. LEITE FILHO, Solidônio. **Os Judeus no Brasil**. Rio de Janeiro, J. Leite & Cia., 1923.

33. MARGULIES, Marcos. **Gueto de Varsóvia**. Rio de Janeiro, Documentário, 1973.

34. MARGULIES, Marcos. **Estes Homens fizeram o Judaísmo.** Rio de Janeiro, Domentário, 1974.

35. MATOS, Gregório de. **Obras**. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, s. d.

36. MILGRAM, Avraham. **Os Judeus do Vaticano**. Rio de Janeiro, Imago, 1994.

37. NOVINSKY, Anita. **Cristãos— Novos na Bahia**. São Paulo, Perspectiva, 1972.

38. OLIVEIRA, Sérgio. **A Face Oculta de Sacramento**. Porto Alegre, Revisão, 1993.

39. OLIVEIRA, Sérgio. **Getúlio Vargas Depõe: O Brasil na Segunda Mundial**. Porte Alegre, Revisão, 1996.

40. OLIVOLA, Félix de. **Um Grande Brasileiro — Frei Vital**. Recife, Imprensa Industrial, 1936.

41. FAZ, Padre Isaías Maria de La Santa. **La Gran Señal Apocalíptica**. 2. ed. Buenos Aires, Difusora Palmariana, s. d.

42. PICAPER, Jean Paul. **Achtung, Fälschung**! Paris, Blanche et Noit, 1994.

43. PINAY, Maurice. **Complô cotnra a Igreja**. 4 vol. Porto Alegre, Revisão, 1994.

44. PONCINS, Léon de. **As Forças Secretas da Revolução**. Paris, Liberté, s.d.

45. PRANAITIS, Rev. I. B. **El talmud Desenmascarado** ! Lima, La Verdad, 1981.

46. PYRARD, François. In: MARQUES, Simonen. Brasília Pontifícia, Lisboa, 1749

47. RAIZMAN, Isaac Z. **História dos Israelitas no Brasil**. São Paulo, Buch-Presse, 1937.

48. RATH, Ralph. **Nova Era — Um Perigo para os Católicos**. 2. ed. Rio de Janeiro, Louva-a-Deus, 1994.

49. RIBEIRO, João **História do Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1946.

50. ROMAND, David. **O que é o Talmud**. Rio de Janeiro, Biblos, 1962.

51. SARGENT, Joseph. **Never Forget**. Filme produzido nos Estados Unidos.

52. SCHLESINGER, Erna **Tradições e Costumes Judaicos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951.

53. SCHOLEN, Gerson. **A Mística Judaica**. São Paulo, Perspectiva, 1972.

54. SEREBRENICK, Salomão. **Quatro Séculos de Vida Judaica no Brasil**. Rio de Janeiro, Biblos, 1962.

55. SOIBELMANN, Guilherme. **Memórias de Philippson**. São Paulo, Canapus, 1984.

56. TAUNAY, Visconde de. **Na Bahia Colonial**. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1933.

57. WHITE, Ellen G. **O Grande Conflito**. 19. ed. Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1978.

58. ZEITLIN, Solomon. **Who crucified Jesus**? Nova Iorque, Bloch Publishing, 1964.

ANEXOS

VATICANO

Mistérios profanos

Nova versão sobre atentado a João Paulo II traz à tona intrigas dos bastidores da Santa Sé

Como se não bastassem as dores de cabeça provocadas pelos recentes rumores sobre seu estado de saúde, o papa João Paulo II tem mais um motivo para preocupação. Só que desta vez o incômodo diz respeito à saúde da instituição que ele dirige. Corre uma versão de que foram figurões do Vaticano que tramaram o atentado que quase matou o papa na praça de São Pedro, em 13 de maio de 1981. A história, aparentemente inacreditável, foi relatada à Justiça italiana no domingo 7 pelo turco Oral Celik, traficante de drogas e suposto membro da organização terrorista Lobos Cinzentos. Celik jurou ao juiz romano Rosario Priore e ao procurador Antonio Marini que os mandantes de Mehmet Ali Agca – terrorista turco que atirou no papa e que cumpre pena de prisão perpétua – seriam membros da alta hierarquia da Santa Sé. Celik não mencionou nomes nem as razões para o crime. Disse que o objetivo do atentado era "apenas" ferir e não matar João Paulo II.

"A acusação é tão ridícula e pouco engenhosa que nem merece ser levada em conta", reagiu Joaquín Navarro Valls, porta-voz do Vaticano. Desvairada ou não, a versão de Celik revolveu casos de intrigas de bastidores que há tempos agitam os domínios dos ocupantes do trono de São Pedro. São histórias de corrupção, disputa pelo poder e mortes misteriosas que mais parecem ter saído dos livros de John Le Carré ou Agatha Christie do que dos corredores da Basílica de São Pedro. E a recusa olímpica do Vaticano em fornecer explicações minimamente convincentes sobre suas relações com esses episódios excita ainda mais a imaginação dos candidatos a Sherlock Holmes. Ou a Oliver Stone, diretor de *JFK – a pergunta que não quer calar*.

Pelo menos desde os tempos da família Bórgia (séculos XV-XVI) os corredores do Vaticano convivem com escândalos. O mais recente envolve as relações da Santa Sé com a loja maçônica P-2 e com o Banco Ambrosiano, que faliu em 1982 e arrastou na lama a reputação de altos prelados. As relações perigosas entre a Igreja de São Pedro e o Ambrosiano tiveram início há pouco mais de 20 anos. Em 1972, o Instituto de Obras Religiosas (IOR), conhecido como Banco do Vaticano, vendeu 37% das ações do Banco Católico do Vêneto a Roberto Calvi, então presidente do Banco Ambrosiano. O intermediário da operação foi Michele Sindona, membro, como Calvi, da loja maçônica P-2, conhecida por suas ligações com a máfia e os serviços secretos da Itália e dos Estados Unidos. A transação, que rendeu aos cofres da Santa Sé US$ 45 milhões, foi realizada diretamente pelo cardeal americano Paul Marcinkus, presidente do IOR. Segundo denúncias nunca comprovadas, a transação teria rendido a Marcinkus uma bolada de US$ 3,3 milhões.

O atentado contra João Paulo II em 81: acusações contra o Vaticano

A venda do Banco Católico irritou profundamente o então patriarca de Veneza, cardeal Albino Luciani, futuro papa João Paulo I. Luciani foi reclamar com Paulo VI, que o aconselhou a falar diretamente com Marcinkus. "O senhor deve cuidar de seus fiéis, não de bancos", teria dito o cardeal-banqueiro a Luciani. Por ironia do destino ou castigo de Deus, Luciani foi eleito para substituir Paulo VI poucos anos depois. Logo ao assumir, João Paulo I confidenciou a um assessor: "As contas da economia do Vaticano devem ser transparentes. O presidente do IOR tem que ser substituído. Um bispo não pode ser diretor de banco", fulminou o pontífice. Mas Marcinkus tinha sorte. Ou parte com o diabo: João Paulo I morreria apenas 33 dias depois de ter assumido.

Mas o pior ainda estava para acontecer. O Ambrosiano recebeu definitivamente as bênçãos da Santa Sé quando o IOR comprou parte de suas ações. A dupla Calvi e Marcinkus manipulou uma rede de empresas que fabricava armas no Panamá. Acabaram desviando US$ 1,4 bilhão, dinheiro que até hoje ninguém sabe onde foi parar. O escândalo estourou no início de 1981. Na manhã de 18 de junho de 1982, Calvi foi encontrado enforcado sob a ponte Blackfriars, em Londres. Nunca se descobriu se o banqueiro se suicidou ou foi assassinado. O outro personagem da trama, Michele Sindona, também teve um fim misterioso: morreu envenenado numa prisão na Itália em 1986. O Vaticano pagou US$ 44 milhões aos credores do Ambrosiano, mas não passou recibo. Marcinkus só escapou da cadeia porque a Itália não tem jurisdição sobre o Vaticano.

O elo de ligação dessa rede de intrigas é Licio Gelli, o misterioso chefão da P-2. Íntimo dos serviços secretos italianos, Gelli tinha acesso a milhares de fichas de políticos, militares, jornalistas e clérigos. Em março de 1981, um assessor do Partido Socialista Italiano inscrito na P-2, Vanni Nisticò, disse que Gelli lhe teria mostrado fotos de João Paulo II junto à piscina tiradas pelos arapongas italianos. "Se conseguem fazer essas fotos do papa, imagine como é fácil atirar nele", disse Gelli. No dia 13 de maio de 1981, Agca atirou no papa. Ficou no ar a suspeita de que Gelli sabia que alguma coisa se tramava contra João Paulo II.

Nunca foram esclarecidos os motivos do atentado ou descobertos seus autores intelectuais, se é que existiram. Fica-se com a impressão de que os tiros da praça São Pedro escondem mistérios mais profundos do que os que envolvem o assassinato do presidente americano John Kennedy. Oliver Stone não sabe o que está perdendo. ■

Uma Igreja refeita à imagem de João Paulo II

GAZETA MERCANTIL

SEXTA-FEIRA, 26 DE MAIO, E FIM DE SEMANA, 27 E 28 DE MAIO DE 1995

Quase dezessete anos na liderança da Igreja Católica Romana foram tempo suficiente para João Paulo moldar os escalões superiores segundo seu gosto. Ele nomeou mais da metade dos 4,2 mil bispos da Igreja e 100 dos 120 cardeais votantes. Um resultado é que ele lida principalmente com subordinados que pensam como ele. Desapareceram as escaramuças – com bispos holandeses liberais, por exemplo – que marcaram seus primeiros anos de papado.

João Paulo II designou 615 personalidades "santificadas" (colocando-as um degrau abaixo da santidade) 267 santos plenos. Em comparação, o papa Paulo VI só proclamou 21 santos em quinze anos.

Uma beatificação, especialmente, deu o que falar sobre as simpatias do papa. Josemaria Escriva de Balaguer, fundador do movimento Opus Dei, morreu em 1975 e foi beatificado em 1992 – um interlúdio tão anormalmente breve que algumas pessoas acharam inadequado. O Opus Dei é um grupo predominantemente leigo, com fama de ser sigiloso e de defender o tradicionalismo militante, o que leva muitos católicos a considerar o movimento algo sinistro.

Paulo claramente acha o Opus Dei admirável, ou pelo menos util. Segundo o falecido Peter Hebblethwaite, um historiador e ex-jesuíta: "Ninguém fora do Opus Dei já chegou a elogiar o Opus Dei. Exceto o papa".

Essa tem sido a ênfase com que o ensinamento de João Paulo transmitiu que alguns teólogos o vêem como quem reivindica (ou inventa) um novo nível de autoridade para suas palavras – uma autoridade que, embora chegue à infalibilidade, aspira a algo mais elevado do que a solenidade das encíclicas dos papas do passado. "Ele está usando alguns termos que nunca foram empregados anteriormente. Ninguém tem a certeza do que eles significam", afirma Thomas Reese, um historiador jesuíta do Seminário Teológico de Woodstock, em Washington, capital norte-americana.

Livre para concordar com ele

O temor é de que "a liberdade de consciência" para os fiéis, que o Vaticano afirma valorizar muito, passou a significar pouco na prática, além da liberdade de concordar com o papa. Essa foi a substância da "Declaração de Colônia", assinada em 1989 por mais de quatrocentos teólogos católicos, que acusaram João Paulo de estar exigindo obediência cega dos bispos, clero e teólogos, conseqüentemente negando a prática histórica da Igreja de questionamento construtivo. A Declaração de Colônia concluiu, em uma expressão aguda de frustração intelectual, que João Paulo tinha ultrapassado "de uma maneira inadmissível a competência do papa no campo de ensinamento doutrinal junto com a de jurisdição".

Sem dúvida, a dissensão tem sido vigiada atentamente, às vezes com rigor, durante o papado de João Paulo. Nos últimos seis anos, todos os párocos, professores de teologia e reitores de universidades católicas e seminários tiveram de fazer um juramento com a promessa de aderir a todas as doutrinas da Igreja, "mesmo que o pontífice ou os bispos não pretendam proclamá-las por um ato definitivo".

"Declaro que a Igreja não tem nenhuma autoridade para declarar a ordenação sacerdotal de mulheres, e que este julgamento deve ser aceito definitivamente por todos os fiéis da Igreja".

Os católicos não discordam que o papa tem o direito de tomar decisões, embora controvertidas. Fazer isso representa uma grande parte de sua tarefa. O que muitos consideram preocupante é que seu líder espiritual parece, às vezes, julgar incorreto até o debate.

Seu rigor atrai muitos dentro e fora da Igreja. Sua visão singular do mundo deu-lhe o maior público entre todos os papas neste século. Mas ele pode ter-se transformado no papa menos escutado quando se trata de colocar o ensinamento em prática.

continua na página seguinte

Uma Igreja refeita à imagem...

Mas afirmar, como faz o papa, que toda a doutrina da Igreja – conhecida coletivamente como o "magistério ordinário" – requer aceitação absoluta parece absurdo, dada a extensão em que partes do magistério mudaram no decorrer do tempo. Antes, a Igreja Católica

João Paulo foi o primeiro papa moderno a visitar um país islâmico e o primeiro a entrar em uma sinagoga. Suas denúncias do anti-semitismo contribuíram muito para corrigir o histórico da Igreja Católica Romana de equívocos nessa área.

Indagado por um visitante francês em 1939 se ele via o papa Pio XII como um aliado potencial, Stalin deu a famosa resposta: "Quantas divisões o papa pode nos fornecer?" Quando Pio XII ouviu a história anos depois, sua resposta foi igualmente fulminante: "Diga a meu filho Josef que ele encontrará minhas divisões na eternidade".

Além disso, não há evidência de que a posição de João Paulo em um punhado de temas morais com que ele ficou mais estreitamente identificado contribuiu muito para mudar corações e mentes. Os que concordam com a doutrina da Igreja podem encontrar satisfação em sua fidelidade. Mas os que discordam, especialmente sobre temas que tocam diretamente suas próprias vidas privadas, podem ser levados a procurar sua própria paz separada com Deus. Podem sustentar, como fez o cardeal John Newman, que a consciência tem prioridade sobre o papa; e rejeitam qualquer idéia de que, ao fazerem isso, comprometem sua condição de católicos.

Ademais, para a maioria dos católicos, o papa está bem distante. Assim como toda política é proverbialmente local, o mesmo acontece com freqüência com a religião. É algo que ganha vida principalmente na forma da missa de domingo na igreja paroquial, ou em meio milhão de escolas, orfanatos, hospitais e creches dirigidos pela Igreja Católica ao redor do mundo. Um sacerdote bom ou mau provavelmente causa mais impressão à sua congregação do que um número de encíclicas.

DIÁRIO POPULAR

Pelotas/Rio Grande do Sul

DIÁRIO POPULAR 2 Terça-feira, 27 de março de 1990

Kananga do Japão

● Elias Bainy
Jornalista, advogado.

Foi um desfile de rufiões, gigolôs, cáftens, remadores (aqueles tiram dinheiro com as duas mãos de mulheres idosas solitárias) e todos eles acabam casando com suas meretrizes preferidas.

No alto meio social, o adultério foi a tônica aplaudida.

Numa simbologia da união conjugal brasileira, a luz da *Kananga do Japão*, foi mostrada com Epílogo, marido - cafajeste, que tentou a sobrinha, tarado que se envolvia com "Miss corações solitários", atacava na rua, prostitutas, arrancando-lhes peças de roupas íntimas, usava binóculo para "frestear" bordéis. Sua mulher, Josefine, francesa, fôra de vida fácil, tentara normalizar sua vida de casada e, no final, retornou aos trajes da luxúria, para ajustar-se no lar!

Depois de assistir "Kananga do Japão" pergunta-se se, realmente a sociedade brasileira é assim, conforme a encomenda feita pelo sr. Adolpho Bloch, para sua TV

Não entraremos no mérito da excepcional produção **Kananga do Japão** — jamais vista na televisão brasileira com tanta grandiosidade cinematógrafia — mas buscaremos as interrogações deixadas em seu rastro subliminar, sensível a qualquer comunicador social.

Adolpho Bloch, aquele abraço carinhoso no JK que ilustra coluna na sua "Manchete", foi longe demais na sua encomenda, para distrair os telespectadores brasileiros e, possivelmente, os estrangeiros, com exportação da aplaudida novela para países europeus, asiáticos e africanos, a exemplo dos enlatados da Globo.

Da inspiração da "Ascenção e morte da Praça Onze", reduto dos malandros, sambistas, prostitutas bicheiros e "alhures" do Rio de Janeiro, na década de 30, valeram-se os autores da novela *Kananga do Japão* para trazer lembretes políticos, de sábia oportunidade, como a escória do Integralismo engajado no Estado Novo, via Filinto Müller e sua polícia delinqüente. Mas deixou muitas interrogações, principalmente no trato da sociedade brasileira.

Observe-se: as mulheres da novela, todas, à exceção das "patrícias" do sr. Bloch, eram prostitutas. O fenômeno era apresentado em todas as camadas sociais. Dois grandes empresários brasileiros, o de Santos, pai da personagem Dora e o do Rio de Janeiro, industrial de renome, pai de Danilo e de Alex, são suicidas. Os únicos, de verticalidade moral comprovada: o seu Saul, dono da casa de móveis e seu sobrinho Oschua, que imigrou da Alemanha, trabalhou como mascate, motorneiro dos bondes da Light e acabou, no final da novela, como gerente da Caixa Econômica Federal. Manchete. Infelizmente, a televisão brasileira ainda não é dos brasileiros!

2 ● DIÁRIO POPULAR

Quarta-feira, 4 de setembro de 1996

Repúdio

Manifestações pessoais e por telefone chegaram ontem à Redação a respeito de desfile de manequins masculinos, no programa de apresentadora Hebe Camargo, segunda-feira à noite, pela televisão. Os manequins vestiam calções (ou sungas, na definição da apresentadora) com imagens sacras gravadas no lado da frente. Considerado uma afronta aos sentimentos religiosos de milhões de telespectadores, o quadro causou repúdio não só os católicos, como certamente a todas as pessoas que sabem

Convém recordar o que reza o TALMUD (Eben Ha Esser, 6 e 8):

"Que é uma prostituta? Qualquer mulher que não seja habréia."

Extrato dos Protocolos:

"(. . .) Destruir a vida de família, disseminando a licenciodade . . . envilecer as artes, prostituir a literatura . . ."

MODA A modelo peruana Pilar Silveyra incorporou mesmo o espírito natalino. No domingo 24 ela passeou em Lima com cenas bíblicas tatuadas nos seios

ISTOÉ/1370-3/1/96

Extrato dos Protocolos:

"(. . .) Minar o respeito pela religião . . . Propagar as modas fantásticas . . . "

Extrato do Talmud:

"Ao melhor dos ímpios, matai-o."

(A Boda Sara, 26b, Tosephot)

" Todas as coisas pertencentes aos não-judeus são como o deserto; a primeira pessoa que as encontre as pode levar como sendo suas."

(Bahba Bathra, 54b)

Uma presença incômoda

A permanência das carmelitas em Auschwitz provoca protestos na Polônia e ameaça a relação entre judeus e católicos

Há quase três décadas, quando o papa João XXIII concluiu o Concílio Vaticano II, uma decisão em especial mereceu os aplausos das comunidades religiosas em todo o mundo. Com sua célebre declaração *Nostra Aetate* (Em Nossos Tempos), o concílio retirou dos judeus a responsabilidade pela crucificação de Jesus, inaugurando a partir daí uma nova perspectiva de entendimento entre os dois pilares da fé na sociedade ocidental — o judaísmo e o cristianismo. Foi um avanço depois de quase 2 000 anos de trevas. Há cinco anos, no entanto, um velho prédio de mais de setenta anos vem aos poucos arranhando o bom entendimento entre as duas correntes religiosas. Encravado no antigo campo de concentração de Auschwitz — onde quase 2 milhões de judeus morreram durante a II Guerra Mundial —, na Polônia, e transformado em convento para quinze irmãs carmelitas, em 1984, o prédio — um antigo teatro construído no começo do século — foi palco, semana passada, de mais uma ácida disputa entre judeus e católicos. De um lado, os judeus exigem a retirada das freiras carmelitas, por verem no convento a profanação do marco de uma tragédia, o Holocausto provocado pelo nazismo. Do outro, está a Igreja Católica, tentando contornar a situação incômoda que a existência do convento gerou.

Trabalhadores do convento rechaçam os judeus: baldes d'água

Na última segunda-feira, dia 24, cerca de trezentos judeus de várias partes da Europa se posicionaram diante dos muros do convento e tocaram o *shofar* — uma trombeta feita de chifre de carneiro —, evocando o trecho do *Antigo Testamento* em que Josué, usando do mesmo artifício do toque solene, fez ruir as muralhas de Jericó. Há algum tempo as manifestações de protesto se repetem. Numa delas, judeus, empunhando a bandeira de Israel, foram rechaçados por trabalhadores do convento que despejaram baldes de água quente em suas cabeças. A questão, contudo, é delicada e não parece solucionável apenas pelo tocar de trombetas.

Cruz de Madeira — "Auschwitz é um sinônimo do extermínio judeu", explica o escritor judeu radicado no Brasil Hugo Schlesinger. "O convento fere a sensibilidade do povo judeu, que teme ver a História deturpada — sua existência em Auschwitz pode dar a impressão de que os mortos foram predominantemente católicos." O historiador toca no cerne da questão. Ao erguer o convento carmelita no exato local onde era armazenado o letal gás ciclon B — responsável pela morte de mais de 3 milhões de pessoas, 90% das quais de origem judaica —, a Igreja polonesa arranhou o diálogo entre católicos e judeus. A comunidade israelita considerou a construção do convento uma invasão de terreno alheio, já que a própria Unesco tratou de preservar a área de Auschwitz transformando-a em Patrimônio da Humanidade em 1979. Os judeus acreditam ser herdeiros espirituais da tragédia que teve como palco Auschwitz. Uma entidade católica encravada no local e capitaneada por uma cruz de madeira erguida há três anos na entrada do antigo campo de concentração fere a reivindicação judaica. "É como se fosse construída uma sinagoga num cemitério católico", compara o rabino Henry Sobel, da Congregação Israelita de São Paulo.

Passos em direção à resolução do problema, contudo, já foram dados — mas tiveram pouco efeito. Em 1987, a situação parecia estar resolvida. Dirigentes de organizações judaicas e arcebispos católicos, reunidos em Genebra, fixaram o prazo de dois anos para que as carmelitas saíssem do convento. Elas seriam instaladas num outro prédio, construído nas imediações do antigo campo. O prazo expirou na semana passada, e as freiras continuam a vagar descalças pela solidão do campo de concentração. A Igreja polonesa não chegou a uma conclusão de onde erguer o prédio para abrigar as carmelitas. O não cumprimento do trato que pode esfriar as boas relações entre as duas religiões obrigou o cardeal francês Albert Decourtray, presidente da Conferência Episcopal Francesa, a ler uma carta pública de desculpas à comunidade hebraica mundial. O pedido teve resultado. Num encontro realizado na Suíça membros de congregações israelitas de todo o mundo decidiram tomar uma posição branda em relação ao impasse. Na reunião, ficou decidido que a carga maior será lançada contra a Igreja polonesa e contra o arcebispo de Cracóvia — cidade onde está Auschwitz —, Franciszek Macharski. Para o Vaticano e o papa João Paulo II, ficam reservadas apenas críticas pela morosidade em resolver a questão. "A falta de cumprimento da promessa de retirada das carmelitas favorece o extremismo, a radicalização de pensamentos", disse em Roma, Tulia Zevi, presidente da União das Comunidades Hebraicas Italianas. "Não queremos lá um convento, como também não queremos uma sinagoga. Em Auschwitz deve prevalecer o silêncio."

O enorme prédio para TEATRO, concertos e espetáculos, destinado aos internados deste campo de concentração, foi aproveitado para Convento das freiras Carmelitas.(NE)

mam a remoção do convento por considerarem que o campo deve ser mantido intacto como símbolo do genocídio, irritaram-se com declarações feitas no último dia 26 pelo cardeal Josef Glemp, primaz da Igreja Católica polonesa, e boicotaram a cerimônia.

"Prezados judeus, não se dirijam aos católicos como se fossem um povo que se coloca acima dos demais", fulminou o cardeal Glemp. O ríspido ataque do primaz polonês reavivou as sombras do anti-semitismo na Polônia e lançou mais lenha numa fogueira que vem queimando desde fevereiro, quando o convento deveria ter sido removido. Indignados com a demora, judeus de várias partes do mundo promoveram manifestações que chegaram a um clímax em julho, quando um grupo de ju-

GAMMA-SIGLA

Judeus protestam diante do convento: "Nunca mais"

POLÔNIA

Fogueira acesa

Cardeal acirra conflito com judeus

Todos os anos, há meio século, católicos, judeus e comunistas da Polônia se reúnem para lembrar a madrugada de 1.º de setembro de 1939, quando a Alemanha nazista invadiu o país e deu início à II Guerra Mundial, que custou as vidas de mais de 6 milhões de poloneses. Na última quinta-feira, no entanto, os atos em memória do 50.º aniversário da invasão esbarraram numa briga aberta entre os judeus e a poderosa Igreja Católica polonesa em torno de um convento de freiras carmelitas, instalado há cinco anos no local onde funcionou o campo de extermínio nazista de Auschwitz. Os líderes da comunidade judaica, que recla-

deus-americanos escalou os muros do convento e foi expulso com violência por indignados católicos poloneses.

"O poder dos judeus repousa sobre os meios de comunicação, que estão à sua disposição em várias partes do mundo", disparou o cardeal Glemp em seu áspero pronunciamento. Recebeu o troco na hora. "Estas declarações expõem o horrível veio anti-semita da Igreja Católica polonesa", retrucou Kalman Sultanik, do Congresso Judaico Mundial. O destempero de Glemp rendeu condenações até mesmo por parte do sindicato independente Solidariedade, que tem entre suas lideranças católicos fervorosos como Lech Walesa e o recém-eleito primeiro-ministro polonês Tadeusz Mazowiecki. "As expressões usadas pelo primaz, ainda que não tivessem esta intenção, podem ferir profundamente os sentimentos dos familiares das vítimas do holocausto", censurou um editorial de primeira página da *Gazeta Wyborcza*, o jornal diário do Solidariedade. ■

Eliézer Strauch

Os anti-semitas sabem quem é judeu

shalom

Agosto 1989
3

Ainda há pouco, os homens de consciência limpa no mundo todo se arrepiavam ao tomar conhecimento da maneira pela qual um bando de poloneses liderados por um padre católico, arrancavam os solidéus das cabeça de judeus que faziam manifestação de protesto contra a permanência de um convento de carmelitas nas dependências do antigo campo de extermínio de Auschwitz.

Eis como se tenta ludibriar a opinião pública:

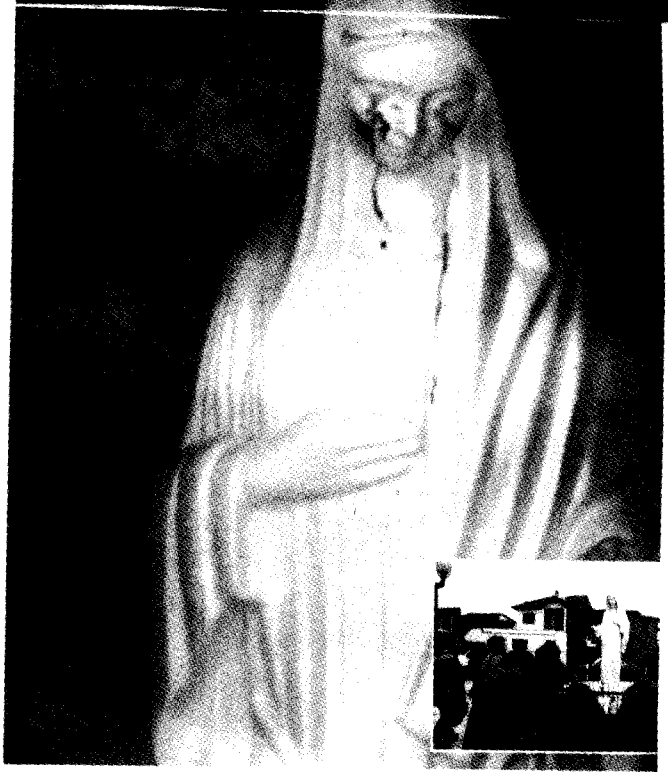
Quem são os **homens de consciência limpa do mundo**, Sr. Eliézer Strauch? Os mais de **um bilhão** de cristãos, que pregam o amor, a fraternidade e o entendimento universais, ou os **trinta milhões** de apaniguados da sorte, que alegam ter recebido do Senhor Deus o título de "**povo eleito**"?

O padre e os poloneses "**arrepiaram a consciência limpa do mundo**" nada mais fizeram do que defender dois bens inalienáveis de todas as sociedades: o da liberdade de culto e o da soberania nacional.

A Polônia, Sr. Eliézer Strauch, elegeu o cristianismo como religião oficial desde o ano 966 da era cristã. No curso do milênio decorrido desde então, foi a lealdade dos poloneses à Igreja Católica que assegurou a unidade nacional. Leia a história daquele país antes de sofismar . . . Por outro lado, lembre-se de que Auschwitz é território polonês, e não um feudo de Israel ou da Diáspora.

AS VIRGENS QUE CHORAM SANGUE

Um dos fatos mais apaixonantes e polêmicos do culto católico é o enigma das Virgens que derramam lágrimas, muitas vezes de sangue. Para os fiéis, trata-se de uma dolorosa manifestação de piedade pelos sofrimentos que o homem inflige aos seus semelhantes. Seria o caso da famosa Virgem iugoslava de Medjugorje.

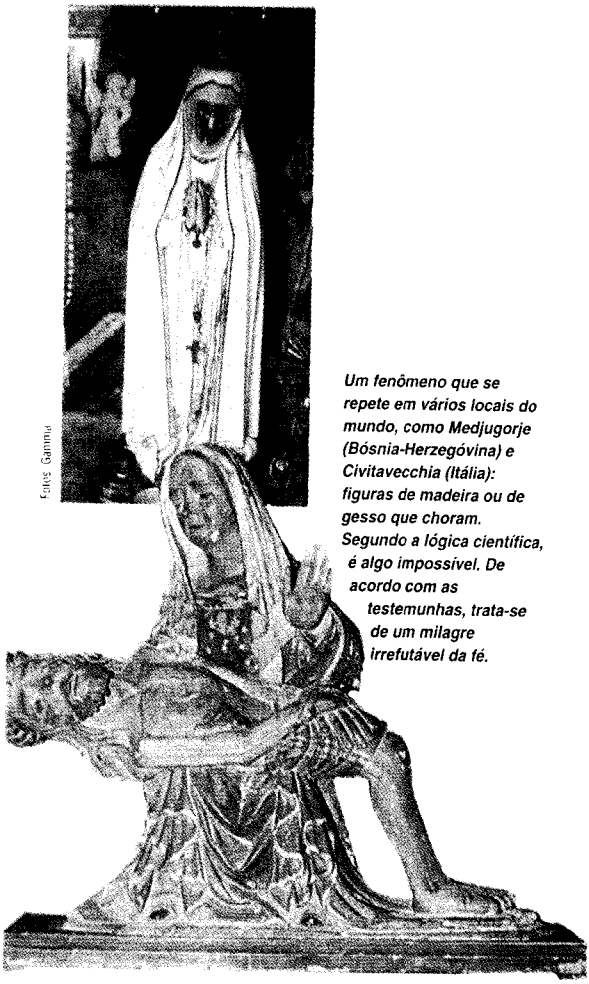


Nota do Autor:

De acordo com inúmeras revelações (La Salette, Madre Conchita - México, Palmar de Troya - Espanha -, e mesmo de profetas de séculos passados (São Malaquias, por exemplo), as lágrimas da Santíssima Vírgem estão vertendo por outra razão. Os agravos que está sofrendo, e também seu Filho, tem outra origem que não a massa de fiéis.

Fotos: Gamma

A 22 de abril de 1994, a Virgem da igreja ortodoxa de São Jorge (à extrema esquerda), de Cicero, Illinois, EUA, teria vertido lágrimas. Na mesma época, teria ocorrido o pranto de um quadro a óleo da Virgem Maria (abaixo) de uma igreja do bairro de Brooklyn, em Nova York. Em Murano, Itália, imagens da Virgem (ao lado) também teriam derramado lágrimas de sangue.



Fotos Gamma

Um fenômeno que se repete em vários locais do mundo, como Medjugorje (Bósnia-Herzegóvina) e Civitavecchia (Itália): figuras de madeira ou de gesso que choram. Segundo a lógica científica, é algo impossível. De acordo com as testemunhas, trata-se de um milagre irrefutável da fé.

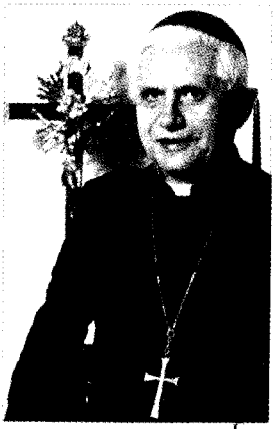


Foto Gamma

COMO UM FENÔMENO É CONSIDERADO UM MILAGRE

■ Os casos de prováveis milagres são tratados no Vaticano por um tribunal específico, a Congregação para a Doutrina da Fé (antigamente chamado Santo Ofício). Ao longo de sua existência, essa congregação admitiu somente duas aparições milagrosas (as de Fátima e de Lourdes), sem se pronunciar a favor de um único caso das Virgens lacrimejantes ou de suas aparições, que perfazem mais de uma centena nos últimos 50 anos. Quando surge um caso de um possível milagre com conotações significativas, o Vaticano pede a intervenção dos bispos locais. Constitui-se então uma comissão teológica composta por 50 eclesiásticos e, caso seja considerado necessário, pede-se a opinião de cinco cardeais. Finalmente, o Tribunal Diocesano especialmente instaurado emite seu veredicto. Em seguida, o trâmite passa para o Vaticano, especificamente à Congregação para a Doutrina da Fé.

CORREIO DO POVO SEXTA-FEIRA, 27 de maio de 1994

NACIONAL/INTERNACIONAL

Roma nega versão de documento

Papa quer relações com Israel, mas defende antecessores de anti-semitismo

Cidade do Vaticano — O Vaticano se afastou ontem do documento que admite o incentivo da Igreja Católica ao anti-semitismo durante séculos e onde se afirma que não atuou para impedir o holocausto. O conteúdo do informe, segundo versões procedentes de Israel, irá além das declarações que o Vaticano formulou nas últimas décadas. Embora o papa João Paulo II tenha denunciado reiteradamente o anti-semitismo e forçado vínculos diplomáticos com Israel, ele sempre defendeu seus antecessores das acusações de que teriam mantido silêncio sobre o horror vivido pelo povo judeu.

O Vaticano confirmou que o documento em questão era um rascunho incompleto preparado pelo episcopado alemão em conjunto com bispos poloneses, mas que ainda não foi aprovado por ninguém. "Naturalmente, não se trata de nenhum esboço de documento preparado pela Santa Sé, mas pelas conferências episcopais polonesa e alemã", esclareceu o porta-voz do Vaticano, Joaquim Navarro. Ele salientou que esse rascunho não tem nada a ver com um relatório sobre anti-semitismo que o Vaticano está preparando há sete anos, com o objetivo de acalmar a indignação judia gerada pelo encontro do Papa com o então presidente austríaco Kurt Waldheim, acusado de cumplicidade com os crimes nazistas. Navarro acrescentou que esse documento não está concluído e não sabe quando será aprovado.

João Paulo II foi o primeiro papa a visitar uma sinagoga, prestou homenagem às vítimas do nazismo nos campos de concentração da Polônia e Áustria e forçou o acordo, em dezembro, para um pleno reconhecimento diplomático a Israel.

O Vaticano foi surpreendido com o anúncio do rabino David Rosen sobre o informe, que admite que a "Igreja não ofereceu resistência efetiva à perseguição e extermínio promovido pelos nazistas". Segundo a versão de Israel, o esboço declara que "a tradição do anti-judaísmo teológico e da Igreja foi um elemento importante na rota do holocausto".

Domingo, 28 de janeiro de 1990

O GLOBO

O MUNDO • 33

Pacto com o Vaticano teria fortalecido o poder de Hitler

ANAHEIM, Califórnia — Um pacto firmado em 1933 entre o Vaticano e a Alemanha teria fortalecido a ascensão de Hitler, sugere um documento escrito por líderes católicos e judeus na Califórnia, Estados Unidos. As cinco páginas do documento, intitulado "Holocausto, no limiar da compreensão" foram escritas por um comitê de 23 pessoas, e serão utilizadas como base para o ensino da questão judaica em seis escolas católicas do sul do Estado.

Segundo o documento, os nazistas teriam induzido a Santa Sé a assinar o acordo — que protegia os direitos da Igreja — para acalmar expoentes da hierarquia católica, fazendo calar também a oposição religiosa.

"A partir desses dados, perguntamos agora se o compromisso assumido pelo Vaticano não acabou sendo mais prejudicial do que benéfico", dizem os líderes religiosos, que trabalharam um ano na elaboração do documento.

Embora o Vaticano estimule o diálogo entre judeus e católicos nos Estados Unidos, esta foi a primeira análise conjunta do holocausto. O documento foi apresentado no Congresso anual de professores de religião, em Anaheim, na Califórnia.

COMPLOT CONTRA LA IGLESIA

Por José F. URBINA A.

Para muchos cristianos, las verdades proféticas escritas en la Biblia, han sufrido en la actualidad constante e impresionante alejamiento; el tiempo de su cumplimiento se pierde en la bruma lejana; han sido desvirtuadas por el alegorismo. Con las falsas caretas de profundidad científica, exégesis esjatológica (de "ésjaton" lo último) de última hora, con los cuentos de ciencia ficción que por oleadas nos invaden, nos olvidamos de los acontecimientos por venir "pronto".

La Historia de la Iglesia Católica que desde un principio es sentenciada a sufrir altibajos constantes, luchas terribles, apostasías y herejías arrolladoras, a ver los temporales aunque lucientes triunfos de sus enemigos, es desconocida actualmente por la casi totalidad de sus fieles. El conocimiento de estas verdades históricas, el descubrimiento de sus verdaderos y mortales enemigos, fue la clave ya pasada de moda que le valió para seguir airosa por los caminos del mundo, llevando la antorcha de la verdad como un solo hombre. Esa historia desconocida constituye un verdadero y actual termómetro de las señales de los tiempos, que Cristo señaló para saber cuándo...

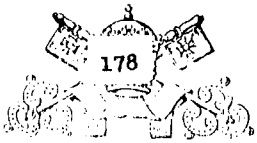
Las persecuciones han cambiado de táctica, podría decirse con la época que son "persecuciones in", pero no menos peligrosas y mortales. Estas fuerzas fueron ocultas por su anonimato y por la absoluta ignorancia de los fieles sobre su existencia, han inyectado en el campo negativo un arma terrible.

Hace dos mil años que pugnan por destruir bases y estructuras de la Santa Iglesia, y hace unos años, esas fuerzas se dieron cita con motivo del Concilio Vaticano II celebrado en Roma. Poco antes de comenzar éste, un grupo de Cardenales y Arzobispos, bajo el seudónimo de Maurice Pinay, elaboraron un verdadero documento que fue repartido a todos los padres asistentes causando, como es de suponer, verdadera alarma no solamente en los círculos vaticanos sino en el mundo diplomático y periodístico.

No exageramos al asegurar que el libro "Complot contra la Iglesia" es verdaderamente sensacional porque los hechos y las críticas han demostrado esta afirmación. Esta obra, por los documentos que por primera vez son dados a conocer, por su indiscutible valor probatorio, por las magníficas e importantes complicaciones de fuentes de indiscutible autenticidad e importancia, por sus argumentos incontroversibles que demuestran la existencia y el remedio para esa gran conspiración en contra de la historia, conocidos muy deformadamente, es una obra que no debe de faltar en la biblioteca católica, cristiana y de todo hombre que pugna por ella y ama la libertad.

Los periódicos del mundo entero han hablado de esta obra que es un verdadero documento, por varios años después de su publicación: desde los comentarios más favorables, hasta los ataques virulentos y vitriólicos, habiéndose considerado también como un esfuerzo más de la iglesia para tratar de desenmascarar a los autores del desorden universal con pruebas verdaderamente increíbles.

Este documento tiene el imprimatur de Mons. Juan Navarrete, Arzobispo de Hermosillo.



¡Adorada sea la Santa Faz de Nuo. Sr. Jesucristo!

SANTA SEDE APOSTOLICA
SEVILLA

PATRIARCADO DEL PALMAR DE TROYA
ORDEN DE LOS CARMELITAS DE LA SANTA FAZ

Residencia Abad Gordillo nº 5 Apartado 4.058
Sevilla (España)

IGREJA CATÓLICA, APOSTÓLICA E PALMARIANA

DECRETO DO VIGÉSIMO QUINTO CONSISTÓRIO DE NOMEAÇÕES DE CARDEAIS

Nós, Sumo Pontífice, Vigário de Cristo, Sucessor de São Pedro, Servo dos servos de Deus, Patriarca do Palmar de Troya, de Glória Olivae:

Nós, pelo presente Decreto, elevamos à dignidade da púrpura cardinalícia aos seguintes Bispos, membros religiosos da Ordem dos Carmelitas da Santa Face em Companhia de Jesus e Maria:

1.- Padre Mauricio Maria

2.- Padre Lucianno Maria

3.- Padre Urbano Maria

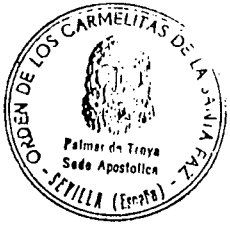
4.- Padre Tobías Maria

Com estas novas nomeações, o Sagrado Colégio Cardinalício conta atualmente de 100 purpurados.

Dado em Sevilha, Sede Apostólica, dia 29, festa da Morte Espiritual da Santíssima Virgem Maria ao pé da Cruz, março MCMXC, Ano de Nosso Senhor Jesus Cristo e décimo segundo de Nosso Pontificado.

Com Nossa Bênção Apostólica.

GREGORIUS XVII, P.P. Pontifex Máximus



Livro prova: manipulação inglesa do Brasil na guerra

Reprodução

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — A bibliografia sobre a Segunda Guerra Mundial é enorme, mas entre os milhões de volumes que povoam as bibliotecas falta um, de capa de couro, que descreve em suas 423 páginas as batalhas secretas da Grã-Bretanha aqui mesmo, nas Américas. Escrito no final de 1945, o livro teve uma tiragem de apenas 10 volumes numerados, entregues a autoridades dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha com o selo *top secret* e a recomendação de que sua difusão poderia causar prejudicar as relações entre os dois países. De fato, não faltam motivos para temores. Trata-se da história secreta de manipulação de notícias e outras ações pouco ortodoxas, com o objetivo de jogar a opinião pública e as autoridades americanas contra a Alemanha nazista. Similar esforço foi feito em relação ao Brasil e aparece, de passagem, no livro.

Em junho de 1942, por exemplo, os serviços de informações britânicos que atuavam no hemisfério decidiram dar um impulso à sua campanha para que o Brasil tomasse finalmente partido na guerra contra a Alemanha de Hitler. Consta no livro secreto que naquele mês a Grã Bretenha plantou na imprensa mundial a notícia falsa de que um navio brasileiro tinha sido afundado por submarino alemão. O despacho de agência telegráfica foi originado, segundo o livro, em Buenos Aires, e, após enviado a Londres, teve repercussão em outros países. O governo nazista negou categoricamente que fosse verdade, publicando o desmentido através de suas agências telegráficas.

Houve também uma intensa campanha de manipulação de notícias e geração de rumores pelo serviço secreto britânico, que visava a chocar a consciência religiosa no Brasil e outros países sul-americanos. O livro ensina a lição de que uma das regras importantes de uma eficiente usina de boatos deve ser a de procurar atingir grupos específicos de opinião pública. Os católicos da América do Sul, por exemplo, eram sempre profundamente influenciados pelas histórias de profanação nazista nas igrejas e mosteiros, conta o livro.

O estudo recorda ainda que em dezembro de 1942, a rádio Vaticano transmitiu uma crítica à imoralidade sexual na Alemanha. Imediatamente, esse dado foi utilizado no esforço britânico de manipulação de informações na América do Sul. Diz o livro que os agentes ingleses viram logo que se tratava de uma oportunidade para inventar material através do qual se alimentavam as chamas do ressentimento católico.

O *Intrépido* plantou, por exemplo, várias matérias redigidas pela BSC e baseadas nas informações recolhidas por seu pessoal, denunciando um agente alemão chamado Gerhard Alois Westrick, acusado de ligações com o presidente da Texaco. As matérias saíram no *New York Herald Tribune*, obtendo êxito total em destruir a carreira de Westrick no país.

Muitas notícias, como aquela do submarino alemão afundando navio brasileiro, eram simplesmente inventadas. Segundo o livro da BSC, os objetivos desses rumores eram desde dar publicidade a informações confusas sobre a estratégia aliada até prejudicar o prestígio de algum indivíduo nazista, estimulando fofocas obscenas sobre sua vida privada.

CORREIO DO POVO

4 — SEGUNDA-FEIRA, 23 de março de 1992

Aluvião de sexo e violência

Já houve tempo em que pareciam ter razão as pessoas para quem os apelos ao sexo e à violência na tevê não ofereciam maior perigo. Bastava, diziam, mudar de canal, e encontrariam ambiente novo em outras emissoras de orientação mais sã, que as havia em grande número. Agora não. A corrida por melhores números nas pesquisas de opinião vem nivelando por baixo todas as empresas. A permissividade é total, nada mais se preserva na busca de audiência.

Os tais "domingões", por exemplo, constituem aberrações em que não se sabe o que mais admirar — se a capacidade pulmonar dos apresentadores, que durante o dia inteiro ficam a falar bobagens e a promover o elogio do deboche e do mau gosto, além de aberta ou dissimuladamente sugerir cenas de sexo nas tais "brincadeiras" que engendram —, ou a sugestão subliminar dos desajustes da sociedade. Prega-se o escândalo como fato social mais importante. Adultério, que certo radicalismo legislativo levou para o âmbito do Código Penal como delito num dos tantos exageros de nossa legislação, virou rotina nas novelas de tevê. A promiscuidade nos relacionamentos sexuais deixa às jovens gerações a falsa imagem de que é assim a vida, sempre foi assim em qualquer tempo. Ao moço correto, bem-educado, asseado de físico e limpo de caráter, fora e acima, por exemplo, de qualquer suspeita de envolvimento com drogas, as legiões de escrevinhadores de pornografia para a estação do dr. Marinho e suas retransmissoras pespegaram na testa, com a tinta indelével da maledicência, o apelido de "Mauricinho" — uma chacota de sentido imbecil que o impele com força para a legião dos lobões da vida.

Mudar de canal já não é a solução. Nos outros, exceto dois ou três, lá estão os mesmos vícios, a mesma sugestão de sujeira moral, os mesmos competidores na conquista de mais elevados índices nas pesquisas de opinião. Uma das maiores estações de rádio do Brasil, a Nacional, nos seus tempos de reinado absoluto, criou um inteligente ***slogan*** *de defesa do seu programa "A Hora do Pato", precursor muito moderado dos "domingões" de hoje. Dizia: "Se o povo prefere o Pato, para que contrariar o povo?". Enganam-se, porém, os que acreditam que, no âmago das famílias, a preferência seja para o sexo exacerbado ou para a violência cruel. Isso é repugnante, tolerável apenas pela repetição da rotina e porque não há outra coisa. "Tudo a ver", mesmo esse aluvião de sujeiras.*

Ainda aparecem os mortos de Stalin

Moscou — Funcionários do zoológico local encontraram dez ossadas humanas enterradas juntas, cujos crânios apresentam furo de bala, método de execução usual da polícia secreta de Stalin, que ordenou a morte de milhões de pessoas. Milhares foram executadas e enterradas em valas comuns, agora descobertas. Calcula-se que cerca de 28 mil cadáveres estejam enterrados ao Sul de Moscou, e mais 16 mil em uma fazenda perto de Kommunarka.

6 — SÁBADO, 13 de agosto de 1994

CORREIO DO POVO

24 de setembro de 1992 10 -

CORREIO DO POVO

Descobertas na Alemanha 12 mil ossadas humanas

■ Oranienburgo — Cerca de 12.500 esqueletos foram encontrados ao Leste da Alemanha, durante escavações feitas no antigo campo de concentração nazista de Sachsenhausen. Eles pertenciam aos 50 ossários descobertos no antigo campo utilizado para internação pelo Exército Vermelho, entre 1945 e 1950, informou ontem, em Potsdam, o Ministério do Interior do Land (Estado Federado) de Brandemburgo. Lá foram colocados ex-dirigentes nazistas, social-democratas, políticos cristãos e liberais que morreram de fome.

João Ubaldo Ribeiro,
escritor

"Sou contra a censura. Ela é como o câncer, e pode chegar a extremos de censurar dicionários. Já houve um judeu que pediu a proibição de referências nocivas aos judeus. O dicionário não é normativo, apenas registra. Daqui a pouco, vão querer proibir 'baianada', 'paraíba', 'negrinhagem'. Claro que essas palavras têm uma carga de preconceito, mas não podem ser censuradas. No Brasil há uma mania de censurar. É hipocrisia. É desagradável que exista uma manifestação como a do Tiririca, mas deve haver liberdade de expressão. Se um imbecil escrever que judeu é sovina, vai ser chamado de nazista."

OSCAR CABRAL

Luis Fernando Verissimo,
escritor

LIANE NEVES

"Mesmo que seja por uma boa causa, a censura, qualquer que seja, não deve ser usada."

Federação Israelita do Rio Grande do Sul

NOTA OFICIAL

A Federação Israelita do Rio Grande do Sul, órgão representativo das Entidades da comunidade judaica do nosso Estado, em decorrência dos fatos relativos à busca e apreensão de livros anti-semitas realizada pela autoridade policial legalmente constituída e com autorização judicial vem, pela presente, manifestar perante o público rio-grandense sua posição oficial:

1. A comunidade judaica do Rio Grande do Sul e do Brasil vem, desde há muito tempo, sendo atingida na sua imagem, na sua honra e na sua dignidade pelo conteúdo das obras editadas e divulgadas, nacional e internacionalmente, pela Revisão Editora Ltda., que tem como diretor o sr. Siegfried Ellwanger.

2. A Federação Israelita tem a convicção de que o Poder Judiciário, no momento oportuno, apreciando o processo e as obras concluirá, no mérito, que, efetivamente, as mesmas promovem perante a sociedade brasileira a discriminação racial contra brasileiros de religião judaica, nos termos do Artigo 20 da Lei 8.081/90 que regulamenta o Inciso XLII do Art. 5º da Constituição Federal de 5 de outubro de 1988 que assim se expressa:

"XLII – a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;"

3. A Federação Israelita condena, veementemente, qualquer tipo de censura à liberdade de manifestação do pensamento, em todas as suas formas de divulgação.

No entanto, as referidas obras não estão sofrendo qualquer tipo de censura e, sim, sendo submetidas à apreciação judicial, a quem compete julgar, para que conclua que o conteúdo corresponde ao comportamento penal descrito no Art. 20 da Lei 8.081/90, que assim se expressa:

"Praticar, induzir ou incitar, pelos meios de comunicação social ou por publicação de qualquer natureza, a discriminação ou preconceito de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional.

Pena: Reclusão de 2 a 5 anos.

§ 1º – Poderá o juiz determinar, ouvido o Ministério Público, ou a pedido deste, ainda antes do inquérito policial, sob pena de desobediência:

I – O recolhimento imediato ou a busca e apreensão dos exemplares do material respectivo;

II – A cassação das respectivas transmissões radiofônicas ou televisivas.

§ 2º – Constitui efeito da condenação, após o trânsito em julgado da decisão, a destruição do material apreendido."

4. A Federação Israelita aplaude a todo o cidadão, instituição ou grupo social de que se insurja contra a prática de qualquer delito, através dos meios legais e constitucionais.

5. A Federação Israelita, interessada na decisão judicial sobre a prática deste crime, continuará a acompanhar de perto e vigilantemente o desenvolvimento do inquérito policial em andamento, bem como o procedimento judicial.

Porto Alegre, 10 de novembro de 1990.

FEDERAÇÃO ISRAELITA DO RIO GRANDE DO SUL

O preço da mentira

● Jorge Boaventura
Professor da Universidade Federal do Rio

Os resultados das pesquisas eleitorais idôneas, até aqui divulgadas, mostram uma contundente, acachapante derrota das candidaturas de esquerda, que quando chegam a explicitar-se mal alcançam um ponto percentual, não saído do zero em diferentes regiões do país.

As pessoas que não acompanham de perto fenômenos da natureza do que estamos apontando seguramente não se apercebem da natureza e da significação profunda de tão flagrante e inquestionável fracasso. Elas geralmente não sabem, por exemplo, da extensão avassaladora da manipulação pelas esquerdas de todos os que temos chamado de "centros de irradiação de prestígio cultural", tornada possível por intermédio de pertinaz trabalho de infiltração, ensejado, com raras exceções, pela abulia e irresponsabilidade dos que, de direito e de fato, possuem e poderiam orientar melhor aqueles centros. Reparem o que acontece aos veículos da mídia, muito em especial da mídia eletrônica, onde as ações de maior eficácia, em termos de comunicação e de influência sobre a massa, como costumam ser as novelas, são entregues sistematicamente a autores de mentalidade, quando não de militância na esquerda marxista. E isso para falar apenas dos meios de influência cultural mais extensa e mais massiva.

Se, por outro lado, observamos o que vai em nossas escolas, sobretudo as pertencentes ao Estado, é confrangedoramente vergonhoso o controle ideológico que nelas é exercido por adeptos de materialismo histórico, como se ele representasse , de fato, a única posição científica a ser adotada na interpretação da sociedade que nos cerca. Ora, é sabido que nos centros culturais de maior relevância no mundo, semelhante concepção é algo absolutamente ultrapassado e risível, o que deixa os nossos "intelectuais" em posição intelectual mais do que ridícula. Nada obstante, face à inação de autoridade acovardadas ou pura e simplesmente inspiradas por rombuda ignorância, vão recebendo os nossos jovens, quase com exclusividade, mensagens oriundas do materialismo dialético, a cosmovisão que, em última instância, embasa todos os esquerdismos realmente atuantes e operacionais. Dentro de semelhante quadro, os editores, quase todos, em matéria sociológica e política, privilegiam as obras compatíveis ou francamente defensoras daquela orientação. Trata-se de um cerco cultural praticamente asfixiante, do qual temos experiência pessoal, como modesto intelectual, professor, escritor e jornalista. Nas duas últimas condições, são raros os editores, dirigentes e proprietários de jornais que, como acontece neste mês, mantêm com altivez e coerência postura de fato democrática, excludente, portanto, de odiosos e injustificáveis monopólios culturais.

Ora, sendo a realidade tal como a descrevemos, e esteja certo o leitor de que ela o é verdadeiramente, seria de esperar-se um sucesso muito grande dos candidatos de esquerda como, inicialmente, se imaginou que aconteceria, ao menos com relação aos srs. Lula e Brizola, os quais hoje, somadas as intenções de voto em seu favor, não chegam elas à metade das manifestadas em favor de um candidato de mensagem notoriamente desvinculada de moldura ideológica. Claro que fenômeno dessa importância exige esforços interpretativos, capazes de fazê-los inteligível. De nossa parte, a explicação assenta na mentira sistematicamente posta em prática e difundida, sobretudo a nível de massa, pelos adeptos do materialismo dialético. É que todos eles, quando usam linguagem política, fazem-nos falando em democracia e ocultando zelosa e completamente a sua opção por uma visão do mundo e da vida que parte, básica e necessariamente, da afirmação do materislismo e da negação frontal da existência de Deus.

Assim, a eficácia dos esforços que realizam ou que prestigiam só se manifesta em ações destrutivas dos valores, sobretudo morais, sobre os quais foi construída a nossa sociedade. A parte construtiva, ou pretensamente construtiva, é ocultada, exatamente porque tem seus indispensáveis alicerces na negação de Deus e da transcendência, segundo a cosmovisão que adotam, causas da alienação do homem, impeditivas da construção do socialismo com que sonham. Essa coisa estatizante e estúpida que leva os nossos "intelectuais" a terem como paradigmas de seus anseios países como a União Soviética, a China, a Albânia, Cuba e a Nicarágua, que não estão entre os mais progressistas e livres do mundo. O povo, então, é prejudicado pela difusão da imoralidade e da licenciosidade mais dissolventes e nocivas, mas, por causa da mentira sistemática a que já foi feita menção, não é ideologizado. Sendo assim, em meio à irresponsabilidade, à desordem, à insegurança e à corrupção, violentamente acentuadas a partir da "Nova República", está sendo polarizado pelo candidato que, pela juventude, parece desvinculado das deformações da classe política, e que fala principalmente da classe política, e que fala principalmente de moralização da coisa pública e de autoridade a ser exercitada na sua condução.

Mentiram demais e deslavadamente, e agora estão pagando, com justiça, o preço.

Extrato dos Protocolos:

"... Corromper a mocidade pelo ensino subversivo ... Bater palmas a todas as utopias, de maneira a meter o povo num labirinto de idéias impraticáveis ..."

Conselheiro aprova a apreensão

Krischke

Surpreso com a repercussão negativa da apreensão de quase 9 mil livros da Editora Revisão, esta semana. E como está o conselheiro do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krischke. Ele afirma que "somente quem conhece as declarações da ONU e da OEA sobre o assunto sabe que estas publicações violam os direitos humanos e incitam o preconceito racial. Isto é condenado no mundo inteiro".

Krischke se diz "alegre ao ver que tantas pessoas defendem agora democracia e liberdade". E acrescenta: "Isto me conforta, porque as mesmas vozes fizeram falta durante a ditadura militar".

Mauro Nadvorny, membro do Movimento Popular Anti-racismo (Mopar), concorda com Krischke, afirmando que a apreensão dos livros não teve o intuito de trazer de volta a censura, embora seja "uma ferida apreender as obras". Ele usou o exemplo do livro "Minha Luta", de Adolf Hitler — que permanece nas bancas — para explicar que as pessoas têm o direito de conhecer a história e as idéias do nazismo. Porém, acha inadmissível que não haja controle de uma editora (a Revisão) que publica exclusivamente obras anti-semitas. Ele condena a empresa de se "aproveitar da literatura para exprimir seu ódio racial".

O Mopar quer esclarecer aos temerosos de que a apreensão possa se estender, por exemplo, às obras de conteúdo marxista, que a legislação é absolutamente clara. Trata-se, afirma Nadvorny, de punir o racismo (Lei Complementar 8081, de 21 de setembro deste ano).

Enquanto isso, a livraria Ponto Negro Brasileiro lançou nota ontem "repudiando o episódio policialesco" da apreensão dos livros. Os proprietários, Guarani Santos e Paulo Ricardo de Moraes, esclarecem que embora não concordem com esse tipo de literatura, defendem o direito de liberdade de expressão de todas as pessoas. Por isso, o professor Guarani Santos vai autografar seu livro "1725-1889, A Violência Branca Sobre o Negro do Rio Grande do Sul", às 19h de hoje, usando tarja preta no braço, "em sinal de protesto pela violência cometida".

De toda maneira, o presidente da Câmara Rio-grandense do Livro, Roque Jacoby, acredita que "esse episódio macabro serviu para reativar a Feira do Livro". Além disso, afirma Jacoby, "o tiro saiu pela culatra, porque a procura pelos títulos apreendidos aumentou consideravelmente na Feira e nas livrarias".

Prestes e a inquisição

Manoel Braga Gastal

Não fui testemunha do fato, infelizmente. Desejaria muito tê-lo assistido. Para recordar a beleza de seu significado democrático, recorro ao noticiário da época — precisamente um ano decorrido, desde a Feira do Livro do ano passado. Foi relatado, então, que o senhor Luís Carlos Prestes, tendo visitado a praça transformada em livraria popular, viu um grupo de radicais tentando invadir uma barraca para retirar livros e fazer com eles uma fogueira. O velho lidador político interessou-se em saber o porquê da ira do grupo e que livros estavam no index dos novos inquisidores. Foi-lhe dito que se tratava de uma obra de autor local com pseudônimo, que pretendia negar a veracidade do holocausto judeu durante a última guerra. Calmamente, do alto de sua autoridade política e de seus mais de 90 anos, Prestes verberou a conduta do grupo. Ninguém mais do que ele, lembrou, combatera o nazi-fascismo durante uma longa existência, mas ninguém mais do que ele odiava aquele tipo de conduta inquisitorial. "Idéias combatem-se com idéias" — teria dito. Dissolveu-se o tribunalzinho, cada um para seu lado, e o antigo "Cavaleiro da Esperança", título com que o agraciou em 1945 seu arquiinimigo dos tempos da clandestinidade, o jornalista Assis Chateaubriand, continuou tranqüilamente sua ronda pelos estandes dos livreiros.

A época, li comovido o relato. Cujo imenso significado, para mim, atinge o nível dos merecimentos da Coluna Prestes.

Agora volta a mesma intolerância contra os mesmos alvos. A lição do grande lutador não foi aprendida. Com fundamento numa lei de certamente bons propósitos mas, no caso, aplicada com impropriedade à luz dos cristalinos postulados democráticos, houve apreensão de livros, inclusive alguns que, há mais de seis décadas, fundamentaram o irracionalismo integralista contra o povo judeu. Aliás, o povo judeu que, aqui ou em qualquer outra parte do mundo, tem reservas de intelectualidade de sobra para destruir a insidiosa mistificação das viúvas do nazismo. Sem inquisição.

jornalista

Um exemplo de como transformar CRIMINOSOS em VÍTIMAS:

Ingenuamente, os casais israelenses se deixam atrair por elementos criminosos a situações perigosas e nocivas à imagem de Israel como um país respeitador das leis.

Foto Oscar Sebatta/Reuters/Y. Aharonoth

Recebida em Curitiba como heroína popular, Bruna voltaria pouco depois à pobreza e ao esquecimento num casebre dos arrabaldes de Curitiba.

Existe em Israel um *lobby* formado por centenas de casais que adotaram crianças brasileiras através da rede fundada em Curitiba pela falsa advogada Arlette Honorina Hilu.

Eliézer Strauch

Na mesma época a polícia paranaense investigava uma série de casos de recém-nascidos desaparecidos inexplicavelmente das maternidades ou das casas de seus pais. Também circulavam rumores sobre uma rede especializada em vender bebês para casais estrangeiros, a qual se valia de violência e chantagem para forçar mães de condição humilde ou solteiras a cederem os recém-nascidos para esse tipo de comércio.

Um dos casos de seqüestro chegou a provocar grandes transtornos à comunidade judaica, pois a polícia, baseada unicamente no fato de que a criança desaparecida havia sido retirada da Clínica Paciornik, de propriedade de um conhecido médico judeu, decidiu concentrar suas investigações no meio judaico.

Nos contatos pessoais que tive com Rosilda em Curitiba, logo após seu retorno de Israel, onde a Corte Suprema de Jerusalém acabava de lhe conceder a posse da filha, pude constatar que, longe de reconhecer a lisura com que as instituições jurídicas do Estado de Israel se tinham portado no caso, ela voltou cheia de amargura com o tratamento que lhe foi dispensado e um sentimento de profunda hostilidade a Israel.

continua na página seguinte

O *lobby* das adoções em Israel se dispõe a tudo para desencorajar a ação de pais que tiveram filhos seqüestrados, recorrendo inclusive a ameaças e pressões contra mães indefesas, como no caso de Rosilda Vasconcelos.

Foto: Oscar Sebatta/Reuters/Y. Aharonot

Luís Américo e Rosilda ao desembarcarem no Aeroporto Afonso Pena de Curitiba.

Rosilda Vasconcelos:

— Quando cheguei a Israel estava atemorizada. Pela primeira vez na minha vida eu me vi num país estranho, no meio de pessoas que falavam um idioma que eu não entendia. As pessoas me cercavam na rua e me falavam com irritação, dizendo coisas incompreensíveis para mim. De vez em quando alguém que falava português traduzia para mim e aí eu ficava mais apavorada ainda. Eu era uma mãe que tinha ido lutar pela filha que me haviam roubado, e lá todos me criticavam como se eu fosse uma criminosa.

A "vendedora" de crianças explicou-me a razão pela qual dava preferência a casais israelenses neste tipo de negócio: "Eles pagam bem, não fazem perguntas supérfluas e saem do país sem deixar pistas".

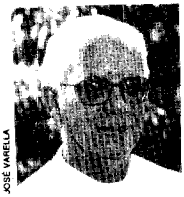
E o que poderia parecer um caso humano converteu-se num caso criminal e matéria de exploração anti- semita.

É o que afirma Eliézer STRAUCH

POLÊMICA

A escola pública deve ensinar religião?

SIM



JOSÉ VARELLA

DOM IRINEU DANELON
Bispo de Lins e coordenador de ensino religioso da CNBB

"A maioria dos alunos apóia as aulas de religião, que servem para unir as pessoas, os povos e as culturas"

As aulas de religião não representam uma imposição do clero. De acordo com uma pesquisa do DataFolha, 60% dos alunos da rede pública de São Paulo são favoráveis ao ensino religioso, que já é uma realidade em praticamente todo o território nacional. Faltam apenas São Paulo e Tocantins, que já se preparam para efetivá-lo. Conforme a Constituição, ele é obrigatório às escolas, mas facultativo aos alunos. O principal é que deve respeitar o pluralismo das religiões, que existem para unir e promover as pessoas, os povos e as culturas.

Este fato não apaga uma verdade incontestável. Ninguém discorda que a matriz cultural brasileira recebe grande influência do catolicismo há quase 500 anos. Como ignorar essa realidade histórica? É claro que as minorias religiosas têm direitos, mas é óbvio que a maioria católica deve ser respeitada. Os israelitas brasileiros, por exemplo, se esquecem de que o ensino religioso é obrigatório em Israel. Não sei por que se opõem que exista no Brasil. A adoção do catecismo nas escolas, porém, não é motivo para desavenças. Temos exemplos práticos da convivência entre as religiões na sala de aula em Santa Catarina, onde as denominações cristãs coordenam em conjunto o conteúdo das aulas. A experiência é muito bem-sucedida. Em 1995, comemoramos 25 anos de convivência ecumênica em Santa Catarina. Provamos que ninguém é deixado à margem.

Aqueles que argumentam contra o catecismo se esquecem que o ensino religioso se caracteriza como mediador da busca do sentido mais profundo da existência. Como hão de viver os valores se não há quem os anuncie e testemunhe aos alunos? Por que tanto medo em preparar os caminhos de nossos jovens para o encontro com Cristo, sabendo que Ele é, pelo menos, o mais perfeito dos homens?

NÃO

"Impor uma crença é retirar do cidadão a livre escolha de seu destino. A escola não é lugar para a intolerância"

MAX PINTO

ROBERTO ROMANO
professor do departamento de filosofia da Unicamp

O Estado democrático jamais impõe um culto. A imposição de uma crença retira do cidadão a livre escolha de seu destino, na vida e na morte. O poder político deve respeitar todas as igrejas e negar privilégios às maiorias religiosas conjunturais. Só assim ele evita as guerras civis que dizimaram povos, desde o século XVI até nossos dias. A escola é o lugar para se aprender tolerância e civilização.

As religiões têm a sociedade inteira para pregar suas idéias. Que elas respeitem a escola como lugar público, onde ninguém possui primazia étnica, ideológica ou religiosa. Infelizmente, no Brasil, a Igreja Católica recusa estes postulados democráticos e pressiona as autoridades laicas para obter privilégios, inclusive em detrimento de suas concorrentes. Sabe-se que os demais cultos estão alijados das aulas de religião até porque não têm quadro de professores para oferecer às escolas. Foi graças às pressões dos católicos que o ensino religioso foi incorporado à Constituição de 1988 como uma imposição às escolas. Com isso, o País regrediu para antes do II Império – vale lembrar que, durante o reinado de D. Pedro II, o catecismo se fazia fora das horas em que funcionavam as demais classes.

As manobras políticas do clero são velhas conhecidas dos historiadores. Para impor o catecismo na Constituição de 1988, a Igreja mobilizou 250 aparelhos de telex, um boletim distribuído em cinco mil locais do País e martelado por 200 emissoras de rádio. Propaganda grossa. Os católicos se iludem quando pensam reconquistar hegemonia deste modo. Lembremos aos bispos: "Dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus." Se eles escolhem César, como o fazem hoje, o povo procura Deus em outra parte. Esta lição de antropologia religiosa deve ser aprendida para sempre.

Roberto Graetz

Como escolher um candidato?

. A dependência do mercado externo levou o Brasil a esfriar suas relações com Israel e fazer grandes negócios com o mundo árabe; aderir, em segredo, ao boicote e votar pela infame resolução das Nações Unidas que equiparou o sionismo ao racismo.

Durante os anos da ditadura tivemos "amigos" poderosos nos centros de decisão.

Cada grupo se interessa fundamentalmente por seu próprio bem-estar.

A única pergunta que nos parece relevante ao questionar candidatos é *"guit fer Iden oder schlecht fer Iden?"* - "é bom para os judeus ou é ruim para os judeus?" -

Plano de paz

Luta interna no Likud favorece *intifada*

Seja como for, o principal articulador da campanha contra o plano de paz, Ariel Sharon, já foi mais longe ainda em suas provocações. Falando a jornalistas durante uma excursão pelo Golan, o atual ministro da Indústria e Comércio contou que, nas discussões do gabinete ministerial em torno de uma verba de U$S 200 milhões para combater a *intifada*, ele condicionou o seu voto favorável a uma exigência espantosa: que seja dada prioridade à eliminação física, ou seja, o assassinato, de Yasser Arafat e seus companheiros de liderança palestina.

Depois da posse de Carlos Menem, ainda está longe de ser dita a última palavra sobre o futuro da Argentina. Mas os judeus, ao contrário do que se propaga, nada têm a temer.

Menem e Perón: mudança de rumo?

Apesar disto, seu discurso é tradicionalista, com o devido respeito ao catolicismo como elemento fundador da tradição argentina, bem onde o discurso radical é secularista. A Igreja, pois, tem boas razões para apoiá-lo.

shalom

Agosto 1989

A vitória de Menem para os judeus.

O que dizer sobre a comunidade judaica neste complicado panorama? A questão é que não há muito por dizer.

É óbvio que a imprevisibilidade dos acontecimentos causa uma aguda intranqüilidade em grandes círculos da comunidade judaica argentina. Mas até o momento não se pode notar nenhuma circunstância que leve a uma preocupação diferente ou mais intensa sob a perspectiva judaica do que a que se cria na sociedade argentina como um todo.

É sabido que existe na República um continuum de atitudes anti-semitas que se mantêm provavelmente com poucas variações ao longo do tempo. Tais atitudes costumam ter uma base econômica e religiosa, nessa ordem; isto é, sustentam-se sobre a imagem do judeu explorador por um lado, e sobre antigos preconceitos religiosos não dissipados, apesar da linha adotada pela Igreja Católica no Concílio Ecumênico Vaticano II, em 1965.

Menem é católico converso, primeira geração argentina de uma rica família muçulmana proveniente da Síria e estabelecida na paupérrima província de La Rioja.

O que distingue Menem é sua imprevisibilidade. Durante anos, cultivou uma imagem de "playboy" que dissimulou muito bem sua astúcia política. Parecia mais amigo dos carros de corrida e das mulheres de programa que da paciente rede de alianças, característica da prática política.

Big Brother está vendo você, Tiririca

■ SCHUBERT PETER Estudante (de Genebra)

A censura foi por muitos anos alvo de protestos no Brasil. Muitas pessoas sacrificaram-se durante o Regime Militar para acabar com ela, entre outras coisas. Desrespeitando tudo isso, o disco do cantor Tiririca foi recolhido das lojas por ter uma música considerada ofensiva às mulheres negras. Foi uma ONG (Organização Não Governamental) chamada "Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap)" que recorreu à Justiça para recolher o disco do cantor.

A letra da música *Veja os cabelos dela* realmente foi considerada ofensiva por conter versos do tipo: "Veja, veja os cabelos dela/Parece bombril de arear panela/ Quando ela passa me achama a atenção/ Mas seus cabelos não tem jeito não/A sua catinga quase me desmaiou (...)"

Contudo não há - salvo mau gosto, que feliz ou infelizmente ainda não é punido - o que justifique a censura. Censurar uma expressão artística ou de qualquer outra forma, salvo se exortar à violência, é um ato danoso a qualquer sociedade. Incontestável é o direito que cada um tem a expor o seu ponto de vista. Quem disse que determinado cantor não tem direito de deixar de gostar de negras, brancas, japonesas ou até de marcianas?

E por que negar a expressão dessa forma de pensamento? Dizer que ela é ofensiva está correto; censurá-la uma besteira. Amordaçar um indivíduo porque ele manifesta sua convicção íntima é um atentado contra a verdade, pois a verdade consiste em o indivíduo, mesmo quando em erro, dizer o que pensa.

Nossos moralistas de plantão, ou de mesa de bar, estão novamente na ativa. Dizendo o que uma pessoa deve ou não pensar, mostrando aos pobres mortais o que é certo ou não; o que devem pensar e o que não devem. Acabarão criando outra inquisição, queimando as pessoas que cometem o sacrilégio de ter suas próprias idéias, que desconsideram a verdade universal já descoberta.

Onde está o direito inalienável do cidadão de ter as suas convicções? Por que apenas uns podem manifestar o que pensam em detrimento dos demais? A censura à música do Tiririca é a pura manifestação do pensamento que rege o mundo ocidental e que, acabará por reconduzi-lo a outras guerras. Nossos moralistas ainda não entenderam que seus esforços devem concentrar-se numa consciência contra a violência e não em uma forma de violentar consciências.

> ***Se fossem realmente inteligentes, os amigos da censura, tratariam tais questões da forma que merecem***

Deixam de perceber que não conseguirão suprimi-las apenas transportando-as para algum gueto intelectual, ofendendo ou tentando imprimir uma culpa que já não convence. O tempo em que a idéia do pecado assustava passou. Hoje se sabe que impossível é matar uma idéia simplesmente ameaçando as pessoas ou censurando-as.

Se fossem realmente inteligentes, os amigos da censura, tratariam tais questões da forma que merecem; trazendo-as a público. Quando informado que Calvino estava prendendo os que discordavam de suas idéias, na Suíça do século XVI, Lutero desabafou: "Tremo ao pensar nos mártires que se criam assim. Os inimigos da palavra de Deus devem ser combatidos com a palavra de Deus". Portanto, devemos utilizar argumentos racionais para contrariar argumentos racionais e não ameaçar os outros com medidas que só podem acabar em violência. Não há violência enquanto se discute abertamente uma situação. Os movimentos que acabaram tornando-se danosos foram justamente aqueles que, combatidos à base de dogmas ou repressão, germinaram nas sombras, sem serem contrariados da maneira devida, tornando assim seu crescimento mais fácil, do ponto de vista ideológico.

Para citar um exemplo claro, aqui na Europa o racismo é bastante superior ao encontrado no Brasil. Se há um lugar onde as pessoas são discriminadas é aqui. Tal processo não ocorre abertamente. Ninguém aqui repetiria abertamente os versos de Tiririca, porém muitos concordam com eles. Só não há racismo, de maneira aberta, porque as multas são pesadíssimas. Nem assim se obtém o desaparecimento dessa maneira de pensar. Ela cresce nas sombras, sem ser combatida por qualquer tipo de idéia contrária que possa ser levada a sério. Ainda são usados processos de propaganda nazista, agora pelo outro lado.

Se continuar dessa forma, em poucos anos conseguirão nossos paladinos da moral o que desejam: um processo violento de ajuste social. Para evitar isso é necessária a queda da censura. Ninguém tem o direito de impedir outrem de manifestar-se, mesmo que contra determinado grupo, quando sem violência. Mais inteligente do que reprimir alguma forma de manifestação é contestá-la, provar que está errada. Só dessa forma será possível impedir que idéias e conceitos transformem-se em violência, coisa que ninguém deseja. Deixemos o Big Brother apenas nos livros de Orwell.

SE O SEU FILHO NÃO FREQÜENTAR UMA ESCOLA JUDAICA, SEU NETO PODERÁ DEIXAR DE SER JUDEU

MATRICULE SEU FILHO NUMA DESSAS ESCOLAS

COLÉGIO IAVNE BEITH CHINUCH
Rua Padre João Manuel, 727 · F. 282-6762 · 260-5752/5748

CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA (CIP)
Rua Antonio Carlos, 653 · F. 256-7811

G.I.B. TALMUD THORÁ
Rua Tocantins, 296 · 221-4944 · 220-0225

S.I.B. BETH JACOB (CAMPINAS)
Rua Barreto Leme, 1203 · Campinas · F. 31-4908

GANI - MEU JARDIM
Rua Capitão Antonio Rosa, 409 · F. 853-4867

COLÉGIO BIALIK
Rua Simão Alvares, 680 · Pinheiros · F. 212-7111 · 210-4056
Rua General Mena Barreto, 507 · J. Paulista · F. 852-2647

EXTERNATO OSWALDO ARANHA (SANTO ANDRÉ)
Rua 11 de junho, 172 · Santo André · F. 449-1568

COLÉGIO I.L. PERETZ
Rua Madre Cabrini, 195 · Vila Mariana · F. 571-1131
Rua Estado de Israel, 200 · Vila Mariana · F. 544-1109
Avenida Brasil, 678 · J. Paulista · R. 881-2818

ESCOLA LUBAVITCH
Rua Correa dos Santos, 231 · F. 220-3251

RENASCENÇA BOM RETIRO
Rua Prates, 790 · Bom Retiro · F. 227-3418 · 227-6450

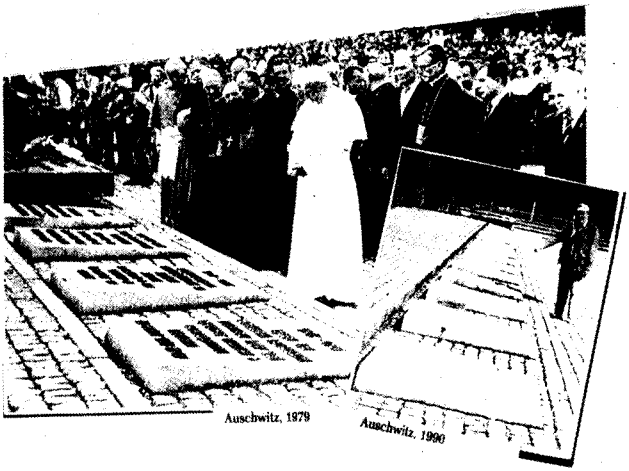
RENASCENÇA HIGIENÓPOLIS
Rua S. Vicente de Paula, 659 · Higienópolis · F. 826-2003 · 825-1837

ESCOLA TIFERET
Rua Ceará, 84 · Higienópolis · F. 67-2141

"A HEBRAICA"
Rua Hungria, 1000 · F. 814-4433

CONSELHO DE ENSINO DA
FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE SÃO PAULO
em convênio com a
CHEVRA KADISHA DE SÃO PAULO

(Folheto distribuído em São Paulo pelos órgãos nominados)



Papa João Paulo II reza diante do monumento em Auschwitz, em 1979, pelas almas de 4 milhões de "gaseados".
Dez anos depois as lápides comemorativas estão sem as falsas inscrições; os deturpadores da História admitem a "ressurreição" de 2,5 milhões de "gaseados; os revisionistas já provaram, à exaustão, que jamais existiram câmaras de gás, porém o Papa continua participando ativamente da Mentira do Século, como podemos verificar no seu recentemente lançado livro "Cruzando o Limiar da Esperança".

Quarta-feira,
11 de setembro de 1996 • EXTERIOR
DIÁRIO POPULAR • 15

Vaticano nega a internação

Cidade do Vaticano - O porta voz do Vaticano, Joaquin Navarro-Valls, negou ontem que o papa vá ser internado em um hospital, conforme publicaram vários jornais. As especulações sobre o estado de saúde frágil do papa João Paulo II começaram a surgir durante a visita do pontífice à Hungria, no fim de semana passado, em que ele estava aparentando extremo cansaço e tremor nas pernas.

O Vaticano não mencionou contudo as informações divulgadas pela Imprensa francesa de que João Paulo II, de 76 anos, estaria com mal de Parkinson, doença degenerativa do sistema nervoso. Navarro-Valls negou também que a reunião semanal do papa com os chefes da cúria, prevista para hoje, seria desmarcada por causa da saúde debilitada do papa.

A notícia da internação, especulada por vários jornais, foi dada como certa pelo jornal de Roma Il Messagero, que estampou a notícia na primeira página e informou até o nome do hospital -Gemelli - onde o pontífice faria uma laparoscopia no intestino. ■ AE/REUTER

DIÁRIO POPULAR • 9
Terça-feira, 10 de setembro de 1996 • CIDADE

Cristãos criticam Hebe

Movimento de cristãos leigos de Pelotas, ligados à Igreja Católica, estão inconformados com desfile apresentado no programa de Hebe Camargo, há pouco apresentado pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e enviaram manifestação de protesto. Apelaram por fim ao presidente da empresa para que não mais permita a exibição de fatos semelhantes.

O texto do manifesto considera desrespeito à religiosidade popular o desfile de manequins portando sungas ou roupas íntimas, com imagens sacras (rosto de Cristo, Nossa Senhora, Santa Ceia) estampadas sobre a genitália masculina.

Os movimentos estranham que a comunicadora, "que se mostra no vídeo como alguém de fé religiosa definida", tenha permitido e até incentivado "esse triste acontecimento, que fere e agride os princípios não só religiosos como morais".

Lembram, ainda, que cumpre ao SBT e demais meios zelar pela qualidade dos seus programas e alertam os patrocinadores para o efeito negativo dessa forma de divulgação e comercialização dos produtos, que, ao invés de recomendar, acabam por "denegrir sua imagem perante o consumidor".

Assinam o documento os Movimentos Familiar Cristão, de Cursilhos, de Emaús, de Jovens de Nazareth, Cenáculo, Focolare e Gen, Renovação Carismática Católica e Conselho Diocesano de Leigos.

Convite

Te convidamos a ler as obras da Revisão contendo acontecimentos que foram criminosamente escondidos ou escamoteados pelos vencedores, por contrariarem completamente suas fantasiosas versões. Após a leitura não serás mais a mesma pessoa: Terás crescido e se tornado mais adulto ao que se passou e se passa no Mundo.

Apresentamos

A Lista da Revisão

1 - ***Holocausto Judeu ou Alemão? Nos bastidores da Mentira do Século***, de *S. E. Castan*. A mais completa obra revisionista do mundo .

2 - ***Holocausto Judio o Aleman?*** de *S. E. Castan*, em espanhol

3 - ***Holocaust - Jewish or German?*** de *S. E. Castan*, em inglês

4 - ***Holocaust - der Juden oder der Deutschen***, de *S. E. Castan*, em alemão

5 - ***Acabou o Gás - O Fim de um Mito***, de *S. E. Castan*, engenheiro norte-americano desmente a câmara de gás

6 - ***S.O.S. para Alemanha***, de *S. E. Castan*. Sensacionais revelações

7 - ***A implosão da Mentira do Século***, de *S. E. Castan*. O derradeiro ato da farsa do "holocausto"

8 - ***Dos judeus e suas mentiras***, *Martin Luthero*, o Reformador. Raridade escrita em 1543. Obra numerada

9 - ***Auschwitz e o Silêncio de Heidegger***, do *Dr. Roger D. P. de Menasce*. Professor judeu desmascara o "holocausto"

10 - ***A História do Livro mais Perseguido do Brasil***, equipe

de *reportagem do jornal RS* comenta perseguições a S. E. Castan

11 - ***O Massacre de Katyn***, do militar *Sérgio Oliveira*. Pondo final à farsa, de meio século, sobre assassinatos de poloneses

12 - ***Hitler - Culpado ou Inocente?*** de *Sérgio Oliveira*. Importantes fatos e novidades referentes à II Guerra Mundial

13 - ***Sionismo x Revisionismo*** de *Sérgio Oliveira*. Valioso documentário

14 - ***A Face Oculta de Sacramento*** de *Sérgio Oliveira*. Novas revelações e segredos da História do Brasil, sobre essa colônia

15 - ***Os Conquistadores do Mundo - Os verdadeiros criminosos de guerra,*** de *Louis Marschalko*. Obra vigorosa e de impacto

16 - ***Quem escreveu o Diário de Anne Frank?*** *Robert Faurisson* desmonta uma farsa que sensibilizou o mundo

17 - ***Carta ao Papa*** do *Gen. Leon Degrelle*, enviada a João Paulo II antes de visitar Auschwitz

18 - ***Condenado à morte aos 24 anos*** de *George Laperche*. Uma farsa sempre ocultada sobre a "resistência francesa"

19 - ***O Judeu Internacional,*** a mais famosa obra de *Henry Ford*

20 - **Brasil - Colônia de Banqueiros** de *Gustavo Barroso*. Um histórico das explorações sobre nossos empréstimos e dívidas

21 - ***O Plano Judáico de Dominação Mundial - Os Protocolos dos Sábios de Sião***. *Gustavo Barroso* comenta o famoso plano

22 - ***História Secreta do Brasil***, em 6 volumes (I, II, III, IV, V e VI) de Gustavo Barroso. Obra imprescindível para entender o país e saber por que tentam eliminá-la. Venda avulsa - cada

23 - Complô contra a Igreja, de *Maurice Pinay*, em português. As intermináveis lutas enfrentadas pela Igreja, frente ao seu maior inimigo: a sinagoga judáica. Em 4 volumes (I a IV) Venda avulsa - Cada

24 - ***O cachorro*** - História de um Espião, de *Marco Pollo Giordani*, romance policial

25 - ***TEBAS*** - O pequeno campeador, de *Marco P. Giordani*, romance infantil

26 - ***Sapo Gaiteiro e Bugio Domador,*** de *Marco P. Giordani*, poemeto infantil

RELANÇAMENTO DE OBRAS DE SUCESSO

27 - ***Brasil sempre,*** de *Marco Pollo Giordani*, obra que condena os terroristas e guerrilheiros, cujas famílias, hoje, estão sendo indenizadas

LANÇAMENTOS PREMIADOS EM 1996 PELO CNPH CENTRO NACIONAL DE PESQUISAS HISTÓRICAS

28 - ***Getúlio Vargas Depõe: O Brasil na II Guerra Mundial, de*** Sérgio Oliveira (Prêmio Nacional de Pesquisa Histórica). Quem conduziu o Brasil à guerra? Por que nossos navios foram afundados? A realidade após mais de meio século

29 - ***O Cristianismo em Xeque,*** de Sérgio Oliveira (Prêmio Revisão Histórica). Profundo estudo das ocorrêrencias no Vaticano, Judaísmo-sionismo, maçonaria, Nova-era, etc.

30 - ***O ELO SECRETRO da Economia e da Política com a Religião e o Ocultismo,*** de Hélio J. de Oliveira. (Prêmio Nacional de Pesquisa Histórica). Amplo estudo nacional e internacional sobre assuntos do título

31 - ***ERAM INOCENTES! Depõe os defensores de Nuremberg,*** de C. W. Porter, revisionista belga (Prêmio Revisionismo Internacional). 50 anos após o linchamento, finalmente uma obra documentada a respeito.

ATENÇÃO :

As presentes obras destinam-se a estudos/pesquisas em geral e como contribuição para a ampliação do conhecimento e aperfeiçoamento do cidadão brasileiro sobre História e Política.

LIVRO: *O melhor presente*
ADQUIRA- LEIA-PRESENTEIE-DIVULGUE

Pedidos para REVISÃO EDITORA E LIVRARIA LTDA.
Caixa Postal, 10466
90001-970 - Porto Alegre, RS, Brasil ou
para Rua Dr. Voltaire Pires, 300, Cj 2
90640-160 - Porto Alegre, RS, Brasil
Fone/FAX (051) 223-1643

QUEM NÃO LÊ